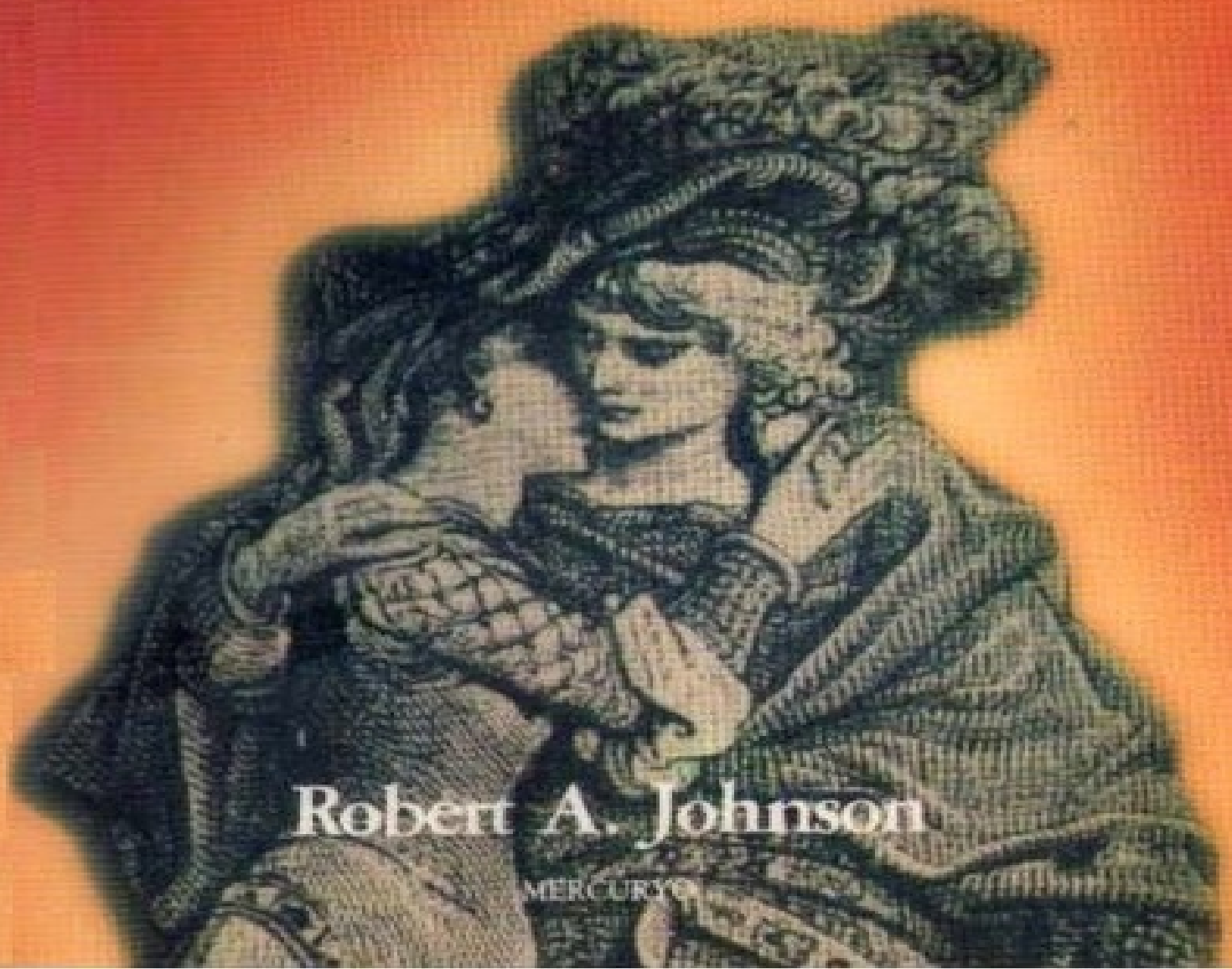
WE

A Chave da Psicologia do Amor Romântico



Robert A. Johnson

MERCURYO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

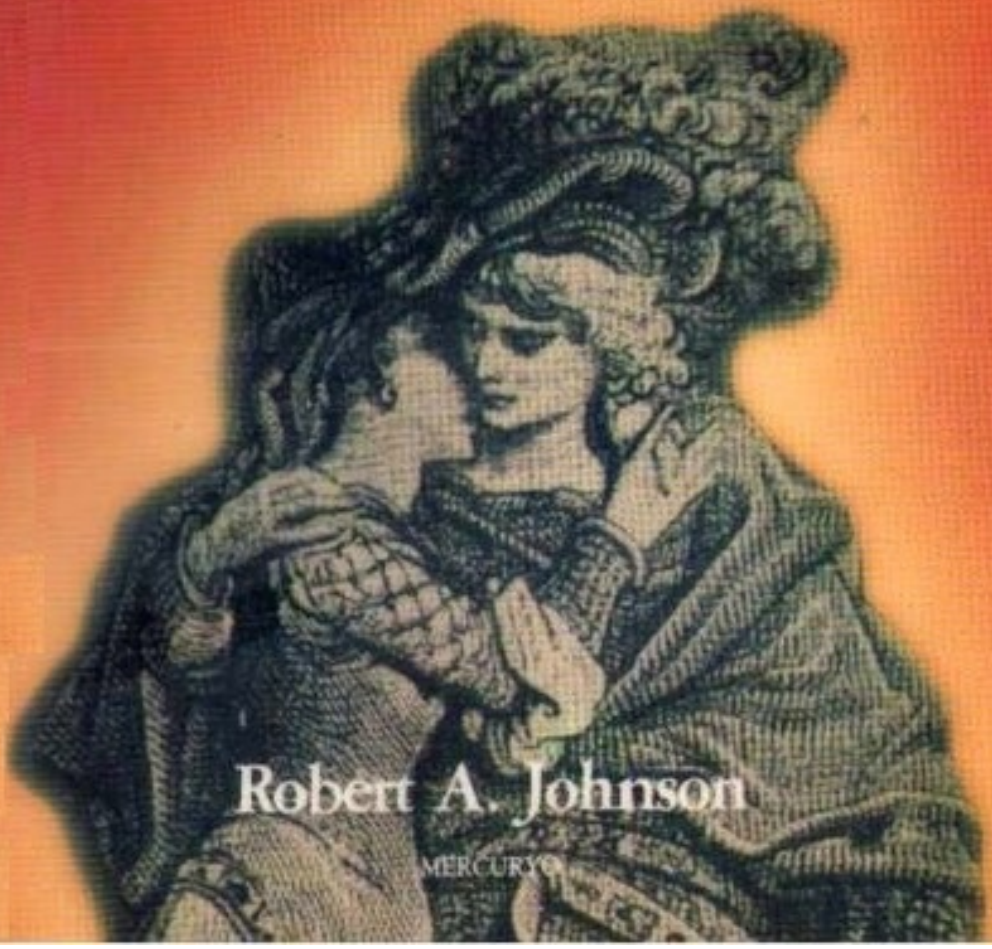
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

WE

A Chave da Psicologia do Amor Romântico



Robert A. Johnson

MERCURY

Índice

Introdução
A Respeito de Mitos
PARTE 1
- 1 - Blanchefleur
- 2 - O Filho da Tristeza
- 3 - Ilhas de Consciência, Mares de Deus
- 4 - A Espada e a Harpa

PARTE 2
- 5 - A Sedução do Vinho do Amor
- 6 - O Vinho de Ervas
- 7 - Isolda a Bela
- 8 - A Poção do Amor na História
- 9 - Astúcia e Força

PARTE III
- 10 - A Rainha do Mundo Interior
- 11 - Traição sob o Pinheiro
- 12 - O Quarto Ano de Morois

Parte IV
- 13 - Enigmas e Paradoxos
- 14 - Isolda da Terra
- 15 - Do Sofrimento e da Morte
- 16 - Isolda - Maya: a Dança da Ilusão

CONCLUSÃO
- 17 - A Mulher - Espírito Bisão Branco
- 18 - O Sonho Com o Sino da Santa Virgem
- 19 - Do Amor Humano

Este é um trabalho de divulgação de livros encontrados por mim na internet para que possa
proporcionar o benefício de um acesso àqueles que não teriam um outro meio para tal.
Segundo a filosofia budista existem quatro formas de generosidade:
- Partilhar os ensinamentos que geram paz interior da forma adequada à mente e à cultura das
pessoas, sem esperar pagamento ou recompensa.
- Oferecer coisas materiais, como nosso corpo e nossos recursos.
- Oferecer proteção, consolo e coragem. Podemos proteger os outros de perigos
e outros humanos, de não-humanos e dos elementos.
- Oferecer amor (oferecer incondicionalmente aos outros nosso tempo, apoio emocional, energia
positiva e boas vibrações).



Após sua leitura considere, dentro do possível, a possibilidade de adquirir o original, pois assim você
estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

WE - A CHAVE DA PSICOLOGIA DO AMOR ROMÂNTICO

ROBERT A. JOHNSON

EDITORA MERCURYO. SÃO PAULO, 1987

Uma Observação Quanto às Fontes do Mito

Este trabalho é uma interpretação jungiana do mito de Tristão e Isolda, enfocando os seus símbolos como fontes de compreensão psicológica. Não pretende ser um estudo erudito do mito como literatura, portanto evitei referências de rodapé no texto, para que a narrativa e o comentário possam fluir mais facilmente. Os especialistas e apreciadores da literatura medieval já conhecerão as fontes do assunto, e as outras pessoas seriam apenas desviadas do objetivo real do livro por um pretexto de documentação erudita.

Alguns leitores talvez queiram ler o mito na íntegra antes de retornar ao meu comentário contido nos capítulos que se seguem a cada parte narrativa. Adaptei o mito principalmente da famosa compilação de Bédier do início do século, traduzida para o inglês por Hilaire Belloc e Paul Rosenfeld. Por necessidade, condensei o material mas, em muitos trechos onde uma condensação teria roubado energia e força da história, citei, tanto o diálogo como a narrativa, diretamente da brilhante tradução de Belloc e Rosenfeld. (Tais citações estão grifadas.)

Afastei-me da versão do mito de Monsieur Bédier apenas em um detalhe significativo: o período de três anos, durante os quais a poção de amor exerce o seu poder mágico sobre os amantes, foi extraído de Béroul, o primeiro poeta a narrar a história de Tristão. Sinto que a versão de Béroul está mais próxima, por assim dizer, do solo arquetípico do qual o mito brotou.

Robert A. Johnson

Uma Observação Para as Mulheres

As mulheres encontrarão na história de Trisl:ão e Isolda uma vívida imagem simbólica das enormes forças que agem dentro de todos nós, homens e mulheres, quando nos deixamos envolver por uma experiência de amor romântico.

O mito não apenas registra a dinâmica do amor romântico na psicologia masculina, mas também reflete o destino do feminino em nossa cultura e mostra que valores como o sentimento, a afinidade e a consciência da alma foram praticamente expulsos de nossa cultura pela nossa mentalidade patriarcal. Um dos insights mais importantes para as mulheres, neste mito, é o que mostra a busca inconsciente que a maioria dos homens empreende para encontrar o seu lado feminino perdido, os valores femininos da vida e suas tentativas para vivenciá-los através da mulher.

Não foram só os homens que aceitaram a versão patriarcal da realidade. As mulheres também foram ensinadas a idealizar os valores masculinos em detrimento do lado feminino da vida. Muitas mulheres passaram a vida com um constante sentimento de inferioridade por achar que o feminino era a "segunda melhor opção". As mulheres foram educadas para considerar que apenas as atividades masculinas, raciocínio, poder e sucesso, têm valor real; e assim, a mulher ocidental acaba se vendo no mesmo dilema psicológico do homem ocidental: desenvolve um domínio unilateral e competitivo das características masculinas, em detrimento do seu lado feminino.

Apesar de esta evocação mítica do amor romântico ser narrada do ponto de vista de um homem e, portanto, analisada através de olhos masculinos, as mulheres encontrarão nela muito de sua própria experiência. Mas devem lembrar-se de que o mito necessariamente não reflete sempre a psicologia feminina ou a maneira especial como elas vivem o amor romântico. Existem "mitos femininos", como Eros e Psiquê (ver o livro SHE[1]), que apresentam uma visão mais precisa da estrutura interna da mulher.

A formação psicológica do homem e da mulher é distinta. Se tentássemos explicar inteiramente a psicologia da mulher por meio de um "mito masculino", teríamos inevitavelmente uma visão distorcida. Isto é válido principalmente no amor romântico, pois o lado sentimental do homem e da mulher se desenvolve diferentemente, e a experiência do relacionamento por ela vivenciado tem nuanças sutis que os homens não vivenciam da mesma forma.

A maioria das mulheres despende grande parte de suas energias no esforço de construir um relacionamento amoroso com um homem e lidar com

sentimentos, idéias e reações que lhe são aparentemente incompreensíveis. Caminhando com Tristão e Isolda, ela irá compreender melhor o "Tristão" de sua própria vida e saberá como aproveitar o que existe de melhor nele. E, o que é igualmente importante, ela terá uma visão mais clara de seu próprio e desconhecido self.

Introdução

O amor romântico é o maior sistema energético dentro da psique ocidental. Na nossa cultura, é - mais ainda que a própria religião - a arena em que homens e mulheres tentam conseguir transcendência, plenitude, êxtase e sentido para a vida.

Como fenômeno de massa, o amor romântico é peculiar ao Ocidente. Estamos tão acostumados a conviver com as crenças e as suposições do amor romântico, que o consideramos como a única forma de "amor" que pode gerar casamento e relacionamentos verdadeiros. Achamos que o amor romântico é o único "verdadeiro amor". Mas existem muitas outras coisas a este respeito que podemos aprender do Oriente. Nas culturas orientais, como a da índia ou a do Japão, constatamos que os casais se amam com muita cordialidade, muitas vezes com uma devoção e uma estabilidade que desconhecemos.

Mas o amor deles não é o "amor romântico" como nós o conhecemos. Eles não impõem aos seus relacionamentos os mesmos ideais que impomos aos nossos, nem fazem exigências impossíveis ou alimentam expectativas como nós fazemos.

O amor romântico não é apenas uma forma de "amor", mas é todo um conjunto psicológico - uma combinação de ideais, crenças, atitudes e expectativas. Estas idéias, freqüentemente contraditórias, coexistem no nosso inconsciente e, sem que percebamos, dominam nossos comportamentos e reações.

Inconscientemente, predeterminamos como deve ser um relacionamento com outra pessoa, o que devemos sentir e mesmo o que devemos "lucrar com isso".

O amor romântico não significa apenas amar alguém; significa "estar apaixonado". Este é um fenômeno psicológico muito peculiar. Quando estamos "apaixonados", acreditamos ter encontrado o verdadeiro sentido da vida revelado num outro ser humano. Sentimos que finalmente nos completamos, que encontramos as partes que nos faltavam. A vida, de repente, parece ter atingido uma plenitude, uma vibração sobre-humana, que nos ergue acima do plano comum da existência. Para nós, estes são os sinais seguros do "amor verdadeiro".

Este conjunto psicológico inclui uma exigência inconsciente de que o nosso amante ou cônjuge nos alimente continuamente com esta sensação de êxtase e de emoção intensa.

Com a típica presunção ocidental de estarmos sempre com a razão, achamos que o nosso conceito de "amor", o amor romântico, deva ser o melhor. Presumimos que, comparado a este, qualquer outro tipo de amor entre homens e mulheres seria frio e insignificante. Mas se nós, ocidentais, formos realistas, teremos de admitir que o nosso enfoque do amor romântico não está funcionando bem. Apesar do êxtase que sentimos quando estamos "apaixonados", passamos boa parte do nosso tempo com uma profunda sensação de solidão, alienação e frustração causada pela nossa incapacidade de construir relacionamentos afetuosos, baseados em compromissos.

---

1. Robert A. Johnson, *SHE - A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina,* SP, Ed. Mercuryo, 1987. (N.T.)

Culpamos geralmente os outros por nos terem falhado; não nos ocorre que talvez sejamos nós que precisemos modificar nossas próprias atitudes inconscientes - as expectativas que alimentamos e as exigências que impomos aos nossos relacionamentos e às demais pessoas.

Esta é a grande ferida na psicologia ocidental, é o problema psicológico básico da nossa cultura. Jung disse que se descobrimos a ferida psíquica num indivíduo ou num povo, aí descobrimos também o caminho para a conscientização, pois é no processo de cura das nossas feridas psíquicas que acabamos por nos conhecer a nós mesmos. O amor romântico, se realmente tentarmos compreendê-Io, pode tornar-se tal caminho para a conscientização. Se os ocidentais se libertarem da servidão maquinal às suas presunções e expectativas inconscientes, não apenas atingirão uma nova consciência em seus relacionamentos como também uma nova consciência de si próprios.

O amor romântico se tem manifestado em muitas culturas no desenrolar da história. Nós o encontramos na literatura da Grécia antiga, no Império Romano, na antiga Pérsia e no Japão feudal, mas a nossa sociedade ocidental moderna é a única cultura da história que teve a experiência do amor romântico como um fenômeno de massa. Somos a única sociedade a cultivar o ideal do "amor romântico" e a fazer do romance a base de casamentos e relacionamentos amorosos.

O ideal do amor romântico irrompeu na sociedade ocidental durante a Idade Média, surgindo pela primeira vez na literatura no mito de Tristão e Isolda, depois nos poemas e nas canções de amor dos trovadores. Era conhecido como "amor cortês" e tinha por modelo o intrépido cavaleiro que honrava uma bela dama e fazia dela a sua inspiração, o símbolo de toda a beleza e perfeição, o

ideal que o incentivava a ser nobre, espiritualizado, refinado e voltado para assuntos "elevados". Na nossa época introduzimos o amor cortês nos casamentos e nos relacionamentos sexuais, mas ainda mantemos a crença medieval de que o amor verdadeiro tem de ser a adoração extática de um homem ou de uma mulher que representa para nós a imagem da perfeição.

Jung nos mostrou que quando um fenômeno psicológico marcante acontece na vida de um indivíduo, isto significa que um tremendo potencial inconsciente está emergindo, prestes a manifestar-se ao nível da consciência. O mesmo é válido para as coletividades. Num determinado ponto da história de um povo, uma nova possibilidade surge do inconsciente coletivo; é uma nova idéia, uma nova crença, um novo valor ou, ainda, uma nova maneira de encarar o universo. Isto representa um bem em potencial, se puder ser integrado ao consciente, mas a princípio é assustador e até mesmo destrutivo.

O amor romântico é um desses fenômenos psicológicos realmente arrasadores que surgiram na história dos povos ocidentais. Foi algo que esmagou nossa psique coletiva e alterou permanentemente nossa visão do mundo. Ainda não aprendemos a lidar coletivamente com o tremendo poder do amor romântico. Freqüentemente nós o transformamos em tragédia e alienação e não em relacionamentos humanos duradouros. Acredito, porém, que se homens e mulheres compreenderem os mecanismos psicológicos que atuam por trás do amor romântico e aprenderem a lidar com eles conscientemente, terão nas mãos a chave para novas possibilidades de relacionamento, tanto com os outros como consigo mesmos.

Nosso veículo para explorar o amor romântico é o mito de Tristão e Isolda. Trata-se de um dos mais comoventes, belos e trágicos de todos os grandes relatos épicos. Foi a primeira história na literatura ocidental a lidar com o amor romântico, e é a fonte da qual se originou toda a nossa literatura romântica, desde Romeu e Julieta até a história de amor em cartaz nos cinemas do bairro. Aplicando os princípios da psicologia jungiana, interpretaremos os símbolos do mito e conheceremos por ele as origens, a natureza e o significado do amor romântico.

O mito de Tristão e Isolda, como o de Parsifal[2], é um "mito masculino". Ele retrata a vida do jovem Tristão que se transforma num herói nobre e altruísta, para depois se deparar com uma experiência arrasadora em sua vida: a paixão pela Rainha Isolda. É como uma simbólica peça de tapeçaria, que retrata em cores vivas o desenvolvimento da consciência individual do homem na luta para conquistar sua masculinidade, conscientizar-se do seu lado feminino e lidar com o amor e o relacionamento. É uma história que mostra um homem dividido entre a lealdade e as forças conflitantes que se agitam ferozmente na psique

masculina, enquanto ele é consumido pelas alegrias, paixões e sofrimentos do romance.

---

2. O mito de Parsifal é o fio condutor para o livro de R. A. Johnson, HE - *A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina,* São Paulo, Editora Mercuryo, 1987. (N.T.)

Mesmo assim, existe neste mito muita coisa de grande valor e interesse para as mulheres, pois Tristão revela também o mecanismo universal do amor romântico que é comum a homem e mulheres (ver "Uma observação para as mulheres"). Examinar esse mito, senti-Io como uma rica evocação do processo da psique ocidental, é algo que irá ajudar a mulher não apenas a compreender melhor o homem na sua vida, como também a ver mais claramente as forças misteriosas que atuam dentro dela mesma.'
Tanto para o homem quanto para a mulher, enxergar realisticamente o amor romântico é uma tarefa heróica. É algo que nos força a ver não apenas a beleza e o potencial contidos no amor romântico, como também as contradições e as ilusões que trazemos conosco ao nível inconsciente. Jornadas heróicas conduzem sempre a vales sombrios e a confrontos difíceis mas, ao perseverarmos, alcançaremos um novo estágio de conscientização.

A Respeito de Mitos

Senhores, se quiserdes ouvir uma sublime história de amor e de morte, eis aqui a de Tristão e Isolda; de como, para sua completa alegria e também para sua dor, eles se amaram; e como no final, juntos, um dia morreram de amor, ela por ele e ele por ela.

Assim começa a maravilhosa história de Tristão e Isolda. Com tais palavras, os menestréis e trovadores da Idade Média atraíam lordes e damas, cavaleiros e plebeus para, juntos, escutarem uma prodigiosa história de aventura e amor. Reuniam-se ao pé do fogo no grande salão de algum castelo ou herdade e assim

reviviam a "sublime história" do cavaleiro Tristão e seu fatal amor pela Rainha Isolda.
Essa história é um dos grandes mitos de todos os tempos. Ela tem a dignidade e a força das sagas de Gilgamesh,[3] de Beowulf[4] ou das grandes sagas nórdicas. Tais mitos têm o misterioso poder de nos emocionar, de nos enlevar, de retirar-nos da pequenez e do egocentrismo do quotidiano, transportando-nos para o reino da magia, dos feitos nobres e paixões etéreas. Mas um mito faz mais do que isso: se aprendermos a ouvir, ele também nos fornecerá informações psicológicas precisas e nos ensinará as verdades profundas da psique.
Há alguns anos, uma professora. primária perguntou aos seus alunos: "O que é um mito?" Um menino, filho de um casal que conheço bem, levantou a mão e respondeu: "Um mito é uma coisa que é verdade por dentro, mas não é verdade por fora." A professora não compreendeu, mas freqüentemente as crianças têm mais sabedoria psicológica que os adultos. Um mito é verdadeiro, não no sentido exterior, físico, mas é uma expressão exata de uma situação psicológica, da condição interior da psique.
Os mitos são como os sonhos, e os sonhos são os mensageiros do inconsciente. Através deles o inconsciente comunica seu conteúdo e suas inquietações à mente consciente. Se aprendermos a linguagem simbólica dos sonhos, entenderemos o que está se passando lá dentro, em um nível inconsciente. Poderemos até descobrir o que fazer a respeito. Jung demonstrou que os mitos são também expressões simbólicas do inconsciente. Mas enquanto um sonho expressa o que se passa dentro de um indivíduo, o mito expressa o que se passa dentro da mente coletiva de uma sociedade, de uma cultura ou de uma raça.
Um mito é o "sonho" coletivo de um povo inteiro em um determinado ponto de sua história. É como se todo o povo sonhasse junto, e esse "sonho", o mito, irrompesse em suas poesias, canções e histórias. Mas o mito não vive apenas na literatura e na imaginação; ele logo encontra um meio de se manifestar nas atitudes e no comportamento de uma cultura, ou seja, na vida diária, prática, das pessoas.

---

3. O herói mais conhecido da Mesopotâmia. As várias versões da odisséia desse rei que não queria morrer foram encontradas na Biblioteca de Nínive, e elas datam do reinado de Assurbanipal (668 a 627 a.C.). (N.T.)
4. *Beowulf* é um dos mais antigos poemas épicos escrito em língua inglesa arcaica. Data do século VII e seu autor é desconhecido. (N.T.)

O mito de Tristão e Isolda é uma expressão profunda da psique ocidental. Ele nos fala muito sobre o que nos impulsiona. É uma visão vívida, panorâmica, das forças psicológicas que atuam no inconsciente dos ocidentais nos últimos mil anos de nossa história. Acima de tudo, esse mito nos fornece uma imagem dolorosamente real do amor romântico: porque ele surgiu em nossa cultura, o que ele é, e porque não está funcionando muito bem.

Nosso mito nos mostra que o amor romântico é um ingrediente necessário na evolução da psique ocidental. Somente atingiremos a totalidade e passaremos para uma nova etapa da nossa evolução de consciência, quando aprendermos a conviver conscientemente com o amor romântico - isto é, com as imensas forças psicológicas que ele representa. Na evolução da consciência, nosso maior problema é sempre nossa oportunidade mais preciosa.

O Zen nos ensina que o crescimento interior sempre envolve uma experiência como "um carvão em brasa entalado na garganta". No caminho de nosso desenvolvimento, sempre chegamos a um problema, um obstáculo tão grande que nem o podemos engolir nem o podemos expelir. É exatamente esta a nossa experiência ocidental com relação ao amor romântico: não podemos viver com ele e não podemos viver sem ele - não o podemos engolir e não o podemos expelir! Esse "carvão ardente" na garganta é um aviso de que um tremendo potencial evolutivo está tentando se manifestar.

Após uma vivência de muitos anos no rico mundo da psique, aprendendo suas leis, Jung notou uma enorme força evolutiva atuando no universo psíquico. Ele percebeu que a psique humana desenvolve um esforço constante em busca da totalidade, um esforço no sentido de se completar e se tornar mais consciente. O inconsciente procura transferir seu conteúdo para o nível da consciência, onde pode ganhar existência e ser assimilado, formando uma personalidade consciente mais completa. A psique de cada indivíduo tem um estímulo inerente para evoluir, para integrar os elementos do inconsciente, juntando as partes que ainda faltam ao indivíduo total para formar um self completo, pleno e consciente.

Jung nos ensina que o inconsciente é a fonte: a matéria primordial a partir da qual se desenvolveu o consciente e a personalidade do ego. Todos os valores, idéias, sentimentos, capacidades e condutas que transformamos em partes ativas de nossa personalidade consciente originaram-se da matéria-prima básica do inconsciente.

Para ter uma idéia clara disso, podemos imaginar uma ilha de corais que gradualmente emerge do fundo do mar. O oceano lentamente cria essa ilha a partir de sua própria matéria e a impele finalmente para a superfície, para a luz

do sol. Após séculos, desenvolve solo fértil e vida vegetal; aparecem animais e pessoas, e a pequena ilha se torna um minúsculo centro de vida humana e de consciência. Como o vasto oceano, o inconsciente coletivo dá origem a uma minúscula ilha; é a psique consciente, o ego, o "Eu" - aquela parte do ser que tem consciência de si mesma.

Este pequeno ego, cercado pela imensidão do inconsciente, tem uma tarefa elevada e nobre, um destino especial a cumprir. Seu papel nessa evolução é o de integrar mais e mais o inconsciente, até que o consciente reflita verdadeiramente a totalidade do seIf.

A humanidade toda está à mercê desta enorme força evolutiva. Quando o inconsciente coletivo inicia um novo estágio neste processo não tolera nenhum obstáculo. Para introduzir um novo ideal ou uma nova possibilidade na psique consciente de um povo, ele subverte a ordem de uma sociedade, inicia cruzadas, cria novas religiões ou reduz impérios a ruínas.

Esta visão da evolução psíquica é decisiva para nós tanto para a compreensão do nosso mito, como para uma visão do amor romântico numa perspectiva verdadeira. O aparecimento do amor romântico no Ocidente iniciou um importante capítulo neste drama cósmico da evolução. O amor romântico é a máscara atrás da qual se oculta uma gama incrível de novas possibilidades, à espera de serem integradas ao consciente. Mas o que começou como uma enorme onda coletiva de energia psíquica deve ser aperfeiçoado ao nível individual. É sempre nosso dever, como indivíduos, completar a tarefa, levar o processo divino à plenitude dentro do microcosmo de nossa própria alma. Cabe a nós, como indivíduos, tomar esta energia inconsciente, energia brutal, do amor romântico, esta infinidade desconcertante de impulsos e possibilidades, integrá-Ia e transformá-Ia em consciência.

Todo grande mito é o registro simbólico de um estágio de crescimento na vida de um povo. Isso explica porque estas histórias de sentimentos tão fortes, intensos, nos envolvem tão completamente e tocam tão fundo nossos sentimentos. Tristão e Isolda é um modelo simbólico de nossa psique ocidental em um momento decisivo, um ponto crítico de nosso desenvolvimento psicológico. Ele nos mostra os conflitos e as ilusões, mas também as potencialidades contidas na situação.

Agora vamos examinar esta "sublime história de amor e de morte". De tempos em tempos, em nossa narrativa, faremos uma pausa para aprendermos a ler a linguagem simbólica desse modelo e captar a sabedoria que o mito nos oferece.

PARTE 1

A NARRATIVA

De Como Tristão Nasceu Cresceu, e Veio a Tomar-se um Grande- Cavaleiro

Há muito tempo, na época do Rei Arthur, Mark reinava na Cornualha. Era um rei justo e bom, e todos os seus súditos o amavam pela sua justiça e bondade. Mas nem tudo corria bem para Mark, pois inimigos cruéis cercavam e invadiam suas terras. O bom Rivalen, rei de Lyonesse, veio da França com seu exército e graças à sua ajuda, Mark obteve uma grande vitória. Tão grato ficou a Rivalen, que lhe deu em casamento sua única irmã, Blanchefleur, como sinal de eterna amizade e aliança.

Tal como seu nome, que significa "flor branca", Blanchefleur era alva, delicada e bela. As bodas reais foram realizadas no castelo de Tintagel, e ali foi concebida uma criança. Sobre ela ainda vamos falar muito, pois essa criança fatídica era Tristão.

Não demorou muito e más notícias foram anunciadas: as terras do Rei Rivalen em Lyonesse estavam sitiadas por um traiçoeiro tirano, o Duque Morgan. Rivalen embarcou de volta para defender suas terras levando consigo seu exército e a nova rainha, Blanchefleur. Mas após meses de guerra, o pobre rei foi surpreendido numa pérfida emboscada e cruelmente foi assassinado por Morgan. Ao saber disso, Blanchefleur ficou lívida e desfaleceu. Fugiu-lhe a vida, desde então. Apesar de estar em adiantado estado de gravidez, não mais quis viver, .tudo o que ansiava era unir-se novamente ao marido, no. outro mundo. Por três dias desejou a morte, mergulhada em profundo sofrimento. No quarto dia, deu à luz uma criança e saudou-a com as seguintes palavras: "Filhinho, tanto tempo ansiei por te ver! Mulher alguma jamais trouxe ao mundo criatura tão bela. A tristeza me seduziu, na tristeza te dei à luz, na tristeza passas o teu primeiro dia de festa. E como chegaste a este mundo cercado de tristeza, teu nome não pode ser outro senão Tristão, filho da tristeza."

Foi assim que Blanchefleur escolheu o nome do filho. Beijou-o e, em seguida,

morreu.
Lord Rohalt, fiel marechal do Rei Rivalen, ao ver que a guerra estava perdida, entregou os castelos ao Duque Morgan, e as terras de Lyonesse caíram sob sua tirania. Mas Rohalt escondeu o pequeno Tristão entre seus próprios filhos para evitar que o maldoso Duque Morgan assassinasse também a criança.
Tristão cresceu belo e forte entre os filhos de Rohalt, sem saber quem era, acreditando que ele fosse seu verdadeiro pai. Chegado o tempo, o fiel cavaleiro ensinou-lhe todas as artes da baronia:

Lança e espada,
Escudo e arco,
Lançar disco de pedra, Saltar largos fossos,
Odiar toda mentira e traição, Honrar a palavra,
Cantar e tocar harpa, Exercer o ofício de caçador.

Tristão cavalgava como se ele e seu cavalo fossem uma única criatura. Era leal e corajoso e, apesar de ser apenas um menino, manejava a espada como um cavaleiro adulto. Todos elogiavam Rohalt pelo seu nobre filho. Rohalt, porém, olhava para Tristão e via nele o seu rei.
Certo dia, piratas noruegueses, dizendo-se mercadores, atraíram Tristão para seu navio. Apesar de o garoto ter lutado como um filhote de leão, os piratas o capturaram e o prenderam, pois um jovem tão bonito poderia facilmente ser vendido como escravo numa terra distante. Mas o mar repeliu o navio dos ladrões e uma terrível tempestade abateu-se sobre a embarcação, fazendo com que grandes ondas invadissem o convés. Como os bandidos sabiam que as divindades do oceano estavam irritadas com o crime cometido, colocaram Tristão num bote e o soltaram. Imediatamente as ondas se acalmaram. Tristão viu terra à sua frente e cheio de contentamento remou para a praia. Eram as belas praias da Cornualha, onde seu tio, o Rei Mark, continuava a reinar.
Por acaso, os caçadores reais estavam na praia e Tristão tanto os agradou com suas habilidades, que o levaram à corte do rei. Quando viu Tristão, Mark sentiu-se perturbado e, sem que soubesse o motivo, encheu-se de ternura. Em Tristão ele viu o rosto de sua amada irmã, Blanchefleur, e era como se o sangue dela clamasse por ele.
Depois do jantar, Tristão tomou da harpa e cantou antigas canções. Todos os corações se enterneceram e havia lágrimas nos olhos de todos, e o Rei Mark disse: "Filho bendito seja o mestré que te ensinou, e que Deus te abençoe, pois Deus ama os bons cantores. . . Para nossa alegria vieste a este teto; fica, pois, conosco por longo tempo, amigo! E Tristão respondeu: "Aqui ficarei, ó meu senhor e vos servirei fielmente como vassalo." Durante três anos, Tristão viveu

no Castelo Tintagel; o rei foi como um pai para ele e um afeto profundo floresceu entre os dois.
Quando três anos se passaram, o fiel Marechal Rohalt foi à Cornualha, pois tinha procurado Tristão por muitas terras. Assim, Tristão descobriu quem era: sobrinho do Rei Mark, filho do Rei Rivalen, herdeiro do trono de Lyonesse. Com um regimento de bons cavaleiros, Tristão cruzou as águas em direção a Lyonesse e insuflou os camponeses, que se encheram de coragem para lutar contra o tirano Morgan. Defrontou-se com o traidor no campo de batalha e o matou de um só golpe de espada, assim reparando a traição cometida por Morgan nos tempos passados.
Tristão colocou Rohalt no trono de Lyonesse e disse aos seus barões: "Aqui sou rei, e esta terra me é querida, mas meu coração está com meu tio, o bom Rei Mark. Agora que o tirano está morto, deixo-vos meu fiel Rohalt para que governe em meu lugar, pois devo voltar para servir a Mark, meu senhor."
Ouvindo estas palavras, os barões gemeram e se lamentaram em coro, pois queriam manter Tristão em Lyonesse para governá-Ios. Mas responderam: "É justo, meu senhor."
Naqueles tempos, a Irlanda era um reino poderoso, cujo governante cobrava um terrível tributo aos habitantes da Cornualha. Estes rangiam os dentes de raiva e gemiam de dor, pois a cada quatro anos eram obrigados a enviar trezentos rapazes e trezentas moças, escolhidos entre seus filhos, para servir como escravos e morrer na Irlanda. Porém, havia quinze anos que o Rei Mark recusava-se a pagar o tributo, e com isso o rei irlandês estava furioso. A rainha da Irlanda era uma poderosa feiticeira e seu irmão, um gigante conhecido como Morholt. Tão grande e forte era ele" que cinco cavaleiros juntos não conseguiam derrotá-Io.
Num dia funesto, Morholt desembarcou na Cornulha acompanhado de muitos cavaleiros e exigiu o tributo de rapazes e donzelas.
"Mas", disse ele, "se algum cavaleiro da Cornualha estiver disposto a me enfrentar, o combate decidirá se o tributo da Irlanda é realmente justo. Pois Deus me dará a vitória, se meu rei estiver com a razão!"
Morholt colocou-se diante dos barões da corte e propôs o julgamento por combate, mas todos permaneceram em silêncio, amedrontados. No dia seguinte, novamente ele se apresentou diante da corte e sugeriu o combate, mas foi como se um gavião tivesse penetrado numa gaiola de pardais: os barões da Cornualha tremeram e esconderam a cabeça debaixo das asas. No terceiro dia, no entanto, um rapazote adiantou-se e ajoelhando-se diante do rei disse: "Meu senhor, permiti que eu lute." Este rapaz era Tristão.
Tristão deveria enfrentar Morholt numa pequena ilha ao largo da costa. No dia

da batalha, os barões choraram de pena e de vergonha por não terem a coragem de Tristão. .A população acompanhou o jovem até a praia, chorando e rezando. Eles ainda mantinham a esperança, pois a esperança no coração dos homens sobrevive em magras pastagens. Chegando ao campo de batalha, Tristão desembarcou e, em seguida, empurrou o bote ao largo. Morholt ficou surpreso, mas Tristão disse: "Somente um de nós sairá daqui com vida; um barco será suficiente."

As pessoas reunidas na praia ouviram por três vezes um tremendo grito vindo da pequena ilha. Os cavaleiros de Morholt riram, seguros da vitória, enquanto as mulheres da Cornualha choraram e, em fila, realizaram os rituais de luto, batendo palmas em uníssono e gritando muito alto.

Ao meio-dia, o povo viu o barco de Morholt voltando da ilha, com suas velas cor de púrpura real enfunadas pelo vento. Neste instante, realmente perderam as esperanças e choraram desesperadamente mas, quando o barco se aproximou, viram Tristão em pé na proa, com o sol refletido em sua armadura, brandindo duas espadas. Os jovens gritaram e alegremente jogaram-se na água, indo ao seu encontro. Depois que atracaram o barco, Tristão disse aos cavaleiros de Morholt: "Senhores da Irlanda, Morholt lutou bravamente. Vêde, minha espada está partida e um estilhaço dela ficou preso em sua cabeça. Levai este aço, senhores: é o tributo da Cornualha."

Mesmo com o sangue correndo de seus ferimentos, Tristão atravessou a cidade de Tintagel em direção ao castelo. As pessoas acenavam com ramos verdes e espalhavam flores à sua passagem. Entoavam cânticos de agradecimento a Deus e penduravam ricas tapeçarias em suas janelas. Ao longo do caminho, os sinos repicavam e as trombetas soavam alegremente. Diante do castelo, Tristão desfaleceu devido aos ferimentos, sendo amparado pelo Rei Mark.

As feridas de Tristão pioravam cada vez mais, pois Morholt o havia atingido com uma farpa envenenada. Ficou pálido e definhou; nem médicos nem feiticeiros conseguiam curá-lo. Para aquele veneno, somente a feiticeira Rainha da Irlanda e sua filha, Isolda a Bela, possuíam os encantamentos secretos para salvá-lo. Mas estas duas mulheres com seus poderes mágicos estavam na Irlanda. Dia e noite elas velavam o corpo de Morholt; dia e noite elas amaldiçoavam o nome de Tristão de Lyonesse; dia e noite elas clamavam por vingança.

Agora Tristão sabia que não havia remédio para ele. na Cornualha, mas seu coração lhe dizia que fosse ao mar e procurasse a cura ou a morte.

"Gostaria de tentar o mar que conduz a todas as possibilidades. .. Que o mar me leve para longe, sozinho, a que terras não importa. Para que meus ferimentos cicatrizem e, talvez algum dia, eu possa voltar para servir-vos, meu bom tio,

mais uma vez, como tocador de harpa, caçador e vassalo."
Colocaram-no com cuidado num pequeno barco, sem vela nem remos. Ele deixou a espada na praia, pois ela já não poderia servir-lhe, mas levou a harpa para confortá-Io durante a viagem. Chorando, empurraram o barco para o mar e recomendaram Tristão a Deus. E o mar o levou consigo...
Durante sete dias e sete noites, Tristão ficou sobre as águas, depois, finalmente, aproximou-se de uma praia. Na escuridão da noite, pescadores ouviram melodias suaves como a prata, flutuando sobre as águas. Ao amanhecer, eles o encontraram sem sentidos em seu barco, a mão pousada sobre a harpa silenciosa. Os pescadores levaram Tristão para a praia e imediatamente enviaram uma mensagem para a sua senhora, pois ela possuía o dom de curar as pessoas.
A senhora era Isolda a Bela; sua mãe, a feiticeira Rainha da Irlanda e este porto era Whitehaven, onde Morholt repousava em seu túmulo. E assim, eles transportaram o estrangeiro ferido para a Princesa Isolda. Entre todas as mulheres do mundo, só ela podia curá-Io. Mas de todas as mulheres do mundo, era ela a que mais desejava vê-Io morto.

1 - Blanchefleur

Deixemos, por ora, Tristão na Irlanda e façamos uma pausa. Está na hora de começarmos a examinar a linguagem simbólica do nosso mito e compreender as verdades que ele tem para nos ensinar.
No começo, encontramos um herói nascido na tristeza, que perdeu a mãe no seu primeiro dia de vida. Mas quem é esta criança? O que significa a morte de BIanchefleur para nós?
A perda da mãe não é uma experiência exclusiva de Tristão, pois ele é o protótipo do homem ocidental moderno, o primogênito de nossa raça moderna. A forma de pensar de Tristão é a nossa forma, seu mundo é o nosso mundo, seus problemas são os nossos problemas, e sua perda é a nossa perda.
Psicologicamente, nossa era moderna começou no século XII, época em que Tristão nasceu e este mito passou a existir. Esse século foi um grande divisor de águas na nossa história. As sementes do nosso pensamento moderno foram plantadas nessa época: o que somos hoje - nossas atitudes, valores, conflitos e ideais - é algo que se originou a partir dessas sementes. A psique coletiva é uma gigantesca árvore que cresce lentamente, século a século e, para esta enorme

mente coletiva em desenvolvimento, mil anos é um período de tempo muito curto.
Tristão é a nova criança, nascida na Idade Média, que foi crescendo no decorrer de um milênio até se tornar o moderno homem ocidental. Sua mãe e seu pai, Blanchefleur e o Rei Rivalen, simbolizam a velha ordem, o pensamento antigo da Europa. Eles morrem, mas geram uma criança e esta criança é o pensamento moderno do Ocidente. Ele é Tristão, o Novo Homem.
A morte trágica de Blanchefleur deixa Tristão num mundo tristemente desvirtuado, destituído de quase todos os traços do feminino e, como Tristão, nós herdamos esse mundo. Blanchefleur é o interior feminino, ela personifica a alma feminina interior do homem ocidental, os valores femininos que um dia existiram em nossa cultura. Sua morte relembra aquele triste momento de nossa história, em que a mentalidade patriarcal finalmente expulsou por completo o feminino de nossa cultura e de nossas vidas.
Tristão é criado nas "artes da baronia". E que artes são essas? Lutar com a espada, a lança e o arco. Montar um cavalo de guerra e saltar largos fossos. Caçar. Tudo no mundo dele enfatiza o lado masculino da vida: o poder de comandar, os treinos de combate, a defesa de territórios. Todo herói tem necessidade destas habilidades - não resta a menor dúvida quanto a isso! Elas, porém, representam apenas metade da natureza humana. O Rei Mark não tem rainha; sua irmã, Blanchefleur, morreu. Todo o lado feminino da vida, ou seja, o amor, o relacionamento sentimental, a introspecção, a experiência intuitiva e lírica da vida, tudo isto praticamente desapareceu da Cornualha e de Lyonesse. A única lembrança do feminino que resta a Tristão é a sua harpa e, como veremos, é a harpa que o salva.
Compreenderemos melhor nossa história se tivermos uma idéia clara do que significa "o feminino" para nós.
Jung constatou que a psique é andrógina: ela contém componentes masculinos e femininos. Assim, homens e mulheres vêm equipados com uma estrutura psicológica que na sua totalidade inclui a riqueza de ambos os lados, de ambas as naturezas, de ambos os conjuntos de capacidades e forças. A psique espontaneamente se divide em opostos complementares e os representa com uma configuração masculino-feminina. Ela assinala algumas características como sendo "masculinas" e outras, como "femininas". Como o yin e o yang, na antiga psicologia chinesa, estes opostos complementares se equilibram e se completam mutuamente. Nenhuma qualidade ou característica da personalidade humana é completa em si: cada uma deve se fazer acompanhar de seu "par" masculino ou feminino, numa combinação consciente, se quisermos alcançar equilíbrio e totalidade.

A psique encara a capacidade ,de amor e relacionamento como sendo uma qualidade "feminina", que vem do lado feminino da psique. Por outro lado, ela considera a capacidade de exercer poder, de controlar situações e de defender posições como manifestações do seu setor masculino. Para nos tornarmos um ser completo, cada um de nós precisa desenvolver ambos os lados da psique. Precisamos ter a capacidade, tanto de lidar com o poder como de amar, tanto de exercer o controle como de deixar fluir naturalmente a vida - cada valor no seu momento apropriado.

Quando dizemos "feminino" nesse sentido, obviamente não estamos querendo dizer "próprio de mulheres". Estamos falando de qualidades interiores, psicológicas, que são comuns aos homens e às mulheres. Quando um homem desenvolve as forças do seu lado feminino interior, isto, na verdade, completa sua masculinidade. Ele se torna mais completamente viril na medida em que se torna mais completamente humano. O homem mais forte é aquele que é capaz de verdadeiramente demonstrar amor a seus filhos, da mesma forma que enfrenta a guerra do mundo de negócios, durante a sua jornada de trabalho. Sua força masculina é aumentada e equilibrada pela sua capacidade feminina de se relacionar, expressando seus sentimentos e seu afeto.

Em cada um de nós existe um potencial para a totalidade, para realizar uma síntese, juntando as partes conflitantes dentro de nós. Temos um nome simples para esta totalidade do indivíduo: Jung a chamou de self.

O self é a soma de todas as forças divergentes, das energias e das qualidades que vivem dentro de nós e que nos fazem ser o que somos: um indivíduo único. O self é a unidade equilibrada, harmônica e simétrica, no próprio núcleo do ser, que cada um de nós sente existir no interior. Mas raramente sentimos o self conscientemente; raramente temos esta sensação de unidade e de totalidade. Geralmente nós nos sentimos como uma massa caótica de desejos conflitantes, de valores, ideais e possibilidades, alguns conscientes, outros inconscientes, que nos puxam simultaneamente em várias direções.

O trabalho da "iluminação" consiste em tornar conscientes estas partes divididas e conflitantes dentro de nós, em despertar para a unidade primordial que junta todas estas partes. Acordar para a unidade do self é a grande meta da nossa evolução psicológica, a Pérola Que Não Tem Preço, o objeto dos nossos desejos mais profundos. É esta possibilidade que se manifesta pela natureza dual mascuiino-feminino da psique.

No simbolismo mítico, o self freqüentemente é representado por um par masculinofeminino: um- rei e uma rainha, um irmão e uma irmã divinos, um deus e uma deusa. Por este símbolo de casal real, a psique nos diz que o self é uno, apesar de o sentirmos formado por opostos complementares. Isto nos

mostra que precisamos fazer um "casamento", uma união sagrada, entre as duas grandes polaridades da nossa natureza humana. Como os dragões do yin e do yang, o rei e a rainha interiores constantemente criam nosso mundo a partir das energias masculinas e femininas do self, numa dança cósmica eterna.
No mundo de Tristão, porém, não existe rainha! Existe um rei: existe Mark. Mas a rainha morreu: Blanchefleur se foi.
São as qualidades femininas que trazem significado à vida: relacionamento com outros seres humanos, a capacidade de suavizar o poder com o amor, a consciência dos nossos sentimentos e valores interiores, o respeito pelo nosso ambiente terrestre, o prazer pela beleza da terra e a procura introspectiva da sabedoria interior. Com estas qualidades prejudicadas, não encontramos muita significação. Com espadas e lanças construímos nossos impérios, mas eles não nos dão significado ou finalidade na vida.
A morte de Blanchefleur, todavia, não significa que tenhamos perdido estas qualidades para sempre. A morte, num mito ou num sonho, significa que algo abandonou o consciente; no entanto, este algo continua, ainda, no inconsciente, aguardando o seu renascimento para a consciência. Hoje vemos as pessoas tentando trazer Blanchefleur de volta do inconsciente. As pessoas tentam aprender a expressar os seus sentimentos, a demonstrar afeto, a despertar para o lado intuitivo da vida. Uma boa parte dessas tentativas não dá certo, transforma-se numa moda passageira, é reduzida a abraços acanhados e "espontaneidade" forçada, mas pelo menos as pessoas estão tentando encontrar Blanchefleur.
Por que Blanchefleur morreu? Por que nós, ocidentais, perdemos tanto da nossa capacidade de 'mar, de sentir, de nos relacionar?
Veja Blanchefleur! Ela está cercada pela guerra. Casada com um aliado de guerra, é empurrada para outra guerra, em Lyonesse, que lhe mata o marido e destrói a vontade de viver. Sempre acompanhando exércitos, só entende de soldados, batalhas, pactos e morte. Na nossa cultura, o feminino interior se encontra na mesma situação - sempre um acompanhante de exércitos, atrelado ao velho impulso masculino do poder, sufocado pela guerra, esquecido em meio ao eterno e ensurdecedor choque das lâminas de aço.
Quando Blanchefleur morreu, naquele dia frio em Lyonesse, a alma feminina do Ocidente foi-se embora. Partiu para a Irlanda, para alguma ilha mítica do outro lado do mar. Foi viver no inconsciente, aguardando uma época mais propícia para retornar ao convívio da humanidade.

2 - O Filho da Tristeza

"A tristeza me seduziu, na tristeza te dei à luz, na tristeza passas o teu primeiro dia de festa. E, como chegaste a este mundo cercado de tristeza, teu nome não pode ser outro senão Tristão, filho da tristeza."

O mundo do Rei Mark, do Rei Rivalen e do Duque Morgan é um símbolo muito forte da nossa mentalidade patriarcal. Nenhum de nós está plenamente consciente do quanto é dominado pelos preconceitos patriarcais. Nenhum de nós despertou o suficiente para perceber até que ponto a busca masculina do poder, da produção, do prestígio e da "realização" nos empobrece e expulsa os valores femininos de nossa vida.
Como Tristão, somos filhos da tristeza. Os ocidentais são filhos da pobreza interior, se bem que por fora aparentemos ter tudo. É provável que nenhum outro povo da história tenha sido tão solitário, tão alienado, tão confuso quanto a valores, tão neurótico quanto somos. Nós dominamos o nosso meio ambiente com a força de uma marreta e com uma precisão eletrônica. Acumulamos riquezas numa escala sem precedentes, mas. poucos, realmente muito poucos, estão em paz consigo mesmos, seguros nos relacionamentos, contentes nos amores, à vontade no mundo. A maioria de nós clama por um significado na vida, por amor, por envolvimento, por valores pelos quais possamos viver. Nossa tristeza é resultante da perda destes valores femininos que denegrimos e expulsamos de nossa cultura. Blanchefleur não poderia sobreviver numa cultura que valoriza apenas a aquisição, o poder, a competição e a corrida para ser "o número um". O início do nosso mito já nos mostra que tipo de mundo estamos construindo, o mundo no qual Tristão nasceu. É uma guerra constante; os homens pensam apenas na construção de impérios, na acumulação de territórios e de riquezas, no domínio do meio ambiente a qualquer custo. Nós continuamos a chamar isso de progresso, mas essa mentalidade deformada mata Rivalen e Blanchefleur, deixando Tristão na orfandade.
O casamento do Rei Rivalen com Blanchefleur simboliza nossa tentativa ocidental de fazer uma síntese dentro da mentalidade patriarcal, mas ela não pode sobreviver, porque é baseada na suposição de que os valores femininos devem sempre ser subservientes às exigências masculinas de poder. E então, o Duque Morgan, resultado final das atitudes patriarcais, destrói essa frágil síntese: ele mata o rei e a rainha.
Blanchefleur nunca ocupou o seu legítimo lugar nessa sociedade; os valores que

ela representava nunca foram respeitados por si mesmos. Apesar de amar a irmã, Mark a entrega a Rivalen em troca do pacto para defender seu território; ela é o selo da aliança, uma propriedade, destinada a ser usada da maneira como o ego masculino julgar apropriado aos seus propósitos, na obtenção do poder. Se estivermos atentos, poderemos ver isso na nossa própria sociedade. Quando um homem faz uso dos sentimentos de uma mulher para ter poder sobre ela, quando um homem inicia uma amizade apenas para poder vender alguma coisa ao seu amigo, quando o anunciante na televisão nos diz que "se realmente amamos nossos filhos", devemos comprar seu produto, cada um deles está cinicamente colocando o amor e o sentimento a serviço do poder e do lucro. Como sociedade, continuamos comercializando Blanchefleur.

O Duque Morgan representa o ponto máximo da degradação da mentalidade patriarcal. Quando o Rei Rivalen está de costas, ele ataca; fica à espreita e mata à traição. Ele nada constrói de positivo, apenas saqueia. O Duque Morgan simboliza a metade masculina da psique que perdeu todo o contato com o feminino; ele é o impulso de poder que se descontrolou sem a força equilibradora do amor, do sentimento e dos valores humanos. Ele procura apenas o poder, destrói tudo o que é humano e terno; fica reduzido à brutalidade.

Nos nossos tempos, não precisamos procurar muito para encontrar o Duque Morgan. Nós o encontramos encabeçando governos, empresas e até mesmo lares. Se buscarmos honestamente, encontraremos vestígios dele dentro de nós mesmos, pois ele é universal. Quando denegrimos o feminino interior e perdemos contato com seus valores, nós nos tornamos semelhantes ao Duque Morgan. Passamos nossos dias pensando apenas em como progredir, como vencer, como conseguir uma posição melhor nos negócios e na sociedade, como fazer para que nossa família e os amigos façam exatamente o que queremos que seja feito. Nós nos esquecemos de como ser fiéis aos nossos próprios valores, ao nosso self interior, às pessoas que amamos.

O fantasma do Duque Morgan nos desperta para uma profunda realidade psicológica: Nenhum aspecto da psique humana pode viver num estado saudável a não ser que seja equilibrado pelo seu oposto complementar. Se a psique masculina tenta viver sem sua "outra metade", a alma feminina, então o masculino se torna desequilibrado, doente e, finalmente, monstruoso. Poder sem amor torna-se brutalidade. Sentimento sem força masculina torna-se sentimentalismo adocicado.

Quando um lado da natureza humana cresce sem equilíbrio em relação ao outro, ele se torna um tirano na alma. Esse é o tirano Duque Morgan. Ele expulsa o seu oposto complementar, Blanchefleur, para o inconsciente. Mas o inconsciente não tolera este tipo de desequilíbrio; nós já aprendemos que a maior força no

universo psíquico é a busca da complementação, da integridade, do equilíbrio. O feminino irá retornar. Do outro lado dos mares, Isolda está esperando, e quando ela chegar, o mundo patriarcal auto-suficiente nunca mais será o mesmo. Existem esperanças, portanto, para este filho da tristeza. Tristão também é um filho da esperança. A criança, como símbolo, sempre representa uma nova possibilidade, uma nova consciência que nasce na psique humana. Assim como herdou um mundo triste, Tristão herdou também uma força interior, o potencial para criar um novo mundo e uma nova compreensão. Tristão é um herói. Ele vai seguir em frente e derrotar o Duque Morgan; vai reconquistar seu direito de herdeiro real e encontrar Isolda, a reencarnação de Blanchefleur. Nós somos Tristão, Tristão é Todo Mundo. Temos sua tristeza e seus desafios. E temos sua esperança.

3 - Ilhas de Consciência, Mares de Deus

Sail forth - steer for the deep waters only,
Reckless O Soul, exploring, I with thee, and thou with me,
For we are bound where mariner has not yet dared to go,
And we will risk the ship, ourselves and all.
O my brave soul!
O farther, farther sail!
O daring joy, but safe! are they not all the seas of God?
O farther, farther, farther sail!

- Walt Whitman, Passage to India[5]

Para toda a humanidade e no decorrer de todos os tempos, o mar tem sido o grande símbolo do inconsciente. As ilhas do outro lado do mar, os reinos exóticos e as terras distantes, sempre representaram o Grande Desconhecido. A atração que sentimos por estes lugares tão cheios de mistérios, de magia, de tapetes voadores e gênios, tem um significado interior profundo. É a nostalgia das profundezas misteriosas e inexpIoradas de nossa própria psique, das potencialidades ocultas dentro de nossa alma - aquilo que jamais conhecemos,

jamais vivemos ou ousamos.

---

5. "Velas ao mar, navegando as águas mais profundas,
Ó Alma ousada, exploremos, eu e você, só você e eu,
Nosso destino é lá onde nem os marujos ousaram ir.
Arrisquemos o navio, nós mesmos, tudo.
Ó minha alma corajosa!
Para longe, ainda mais longe, corra!
Ó alegria louca, mas segura! Não são os mares todos de Deus? Para longe, ainda mais longe, corra!" (N.T.)

Nos tempos de Tristão, o mundo era pequeno. A terra exótica e desconhecida do outro lado do mar era a Irlanda, e lá podíamos encontrar uma rainha feiticeira, uma princesa legendária, dragões e gigantes. Nos tempos de Walt Whitman, o reino místico e inexplorado do inconsciente era simbolizado pela índia, e uma passagem para a índia era a viagem heróica ao inconsciente, onde "nem os marujos ousaram ir". No nosso século temos outro mito, outro símbolo. Espaçonaves trazem seres extraterrestres de planetas e galáxias distantes, de civilizações mais avançadas e mais poderosas que a nossa, das quais aprendemos coisas novas e maravilhosas.

Cada um destes mapas míticos representa a psique humana. O ego vive na sua pequena ilha da Cornualha, aquela pequena parte do vasto universo psíquico que ele conhece. Mas do outro lado do mar ou do inconsciente, além dos vazios infinitos do espaço interestelar, existem outras "ilhas de consciência", com seus próprios valores, suas próprias forças, seus próprios pontos de vista, e a estes centros de consciência o ego tem necessidade de unir-se.

A Cornualha é a ilha do ego, dominada pela atitude patriarcal masculina. A Irlanda é a ilha do inconsciente matriarcal feminino, dominada pela Rainha Feiticeira. Nenhum dos dois lugares pode viver sem o seu. oposto complementar. A Cornualha precisa ir para a Irlanda, ou a Irlanda virá para a Cornualha.

O inconsciente atrai Tristão incessantemente para a Irlanda, pois Tristão é o herói que deve reunir as duas ilhas. Ele precisa lançar-se nestes mares de Deus e ir para onde "nem os marujos ousaram ir".

Mesmo os piratas estão a serviço desta evolução. Quando chega o momento para o ego iniciar sua jornada na direção da totalidade, coisas estranhas e paradoxais ocorrem; o destino escolhe estranhos emissários. Ser seqüestrado por piratas parecia um destino horrível, mas quando ficamos mais sábios aprendemos que os desastres da vida freqüentemente são o gênio do inconsciente, forçando nosso

ego a uma nova experiência do self. E, assim, o Destino, disfarçado de sujo pirata fedendo a rum e sangue, arrasta Tristão para as águas e' o força a chegar ao próximo porto da sua jornada evolutiva.
Existe, evidentemente, uma luta entre a Cornualha e a Irlanda. A tentativa interior de uma união sempre começa com um conflito e, assim, quando ouvimos pela primeira vez uma menção à Irlanda, ouvimos também a de um tributo, e é um tributo terrível: trezentos rapazes e trezentas moças! Agora, qual é o significado disto?
Se um homem ou uma mulher adere à atitude patriarcal dominante e recusa-se a fazer as pazes com o feminino interior, este exige um tributo: quando nós nos recusamos a integrar uma nova e poderosa potencialidade do inconsciente, o inconsciente cobra um tributo, de uma ou de outra maneira. O "tributo" pode tomar a forma de uma neurose, de um estado de "espírito compulsivo, hipocondria, obsessões, doenças imaginárias, ou depressão paralisante. Nos seus textos, Jung nos dá um exemplo muito marcante. Seu paciente era um intelectual brilhante, um cientista, um homem que tentava existir sem sentimentos, sem relacionamentos emocionais, sem uma vida religiosa. De repente, ficou obcecado pela idéia de estar com um câncer estomacal. O câncer não existia, fisicamente, mas ele sofria todos os horrores do inferno. A obsessão, a pouco e pouco, o paralisa e também paralisa sua vida profissional. Seu raciocínio, bem ordenado, não era capaz de resolver o problema. Ele só encontrou alívio quando consentiu em reintegrar o lado feminino de sua psique, os valores humanos e os valores espirituais dos quais se descartara muitos anos atrás. Isto é Morholt! É Morholt cobrando um tributo na ponta da espada.
Se, pelo menos, fôssemos capazes de aprender a levar em consideração o lado feminino, se pelo menos soubéssemos como ir até a Irlanda e fazer as pazes! Ao invés disto, tentamos viver o lado feminino de maneira compulsiva, inconsciente: nós comemos e bebemos demais, nós nos deixamos capturar por humores, nós sofremos dores de cabeça. Se aprendêssemos a viver o Feminino de uma maneira mais consciente, as vendas de aspirina diminuiriam drasticamente. Nós precisamos aprender a fazer passeios ao sol e a observar as cores da terra, a respeitar nosso corpo físico, a despertar para a música na vida, a dar ouvidos aos nossos sonhos, a demonstrar afeto pelas pessoas que amamos. Seremos, então capazes de fazer as pazes e não encontraremos mais o Morholt diante de nossas portas, não sentiremos mais a espada em nossa garganta.
Não vamos conseguir isso ficando enraizados em nossas atitudes patriarcais, na segurança da Cornualha. Precisamos ir até as partes de nós mesmos que mal tocamos no passado, que mal conhecemos. Nós precisamos ir a todo pano para o alto-mar, arriscando tudo, embora estranhamente seguros nesses mares de Deus.

4 - A Espada e a Harpa

Tristão é, ao mesmo tempo, o ego do homem ocidental - o "Eu" que está vivendo esta história - e a figura do herói. Isto tem um significado profundo para nos. Para o homem ocidental, o ego precisa ser heróico, só o espírito heróico ergue-nos acima do egocentrismo mesquinho. É ele que nos coloca a serviço de um ideal mais elevado e nos dá meios para realizar nossa tarefa evolutiva.
O trabalho do herói é específico: empreender a jornada interior, enfrentar os dragões e gigantes que lá existem e encontrar o tesouro escondido. O papel externo do herói é cada vez menos importante nos dias de hoje. Castelos a conquistar e dragões a serem abatidos estão em falta atualmente. No entanto, a tarefa mais heróica de todas pode ser realizada por qualquer pessoa, independentemente de suas circunstâncias externas. Qualquer um pode empreender a jornada interior e assumir a tarefa de se tornar completo.
Duas coisas são necessárias a um herói: uma espada e uma harpa. Toda nossa história até agora foi uma interação entre o poder da espada e o poder da harpa. Tristão necessitou da espada para a batalha, primeiro com o cruel Duque Morgan, depois com o brutal Morholt. A espada simboliza o uso drástico e agressivo do poder masculino. Com a espada, o herói enfrenta o mundo agressivamente, assume o controle da situação, posiciona-se firmemente, derrota o adversário. A nível mental, a espada é o intelecto discriminador, que divide e analisa. Em sentido figurado, ela "corta" em pedaços os problemas e as idéias para compreendê-Ios; é a faculdade lógica, crítica da mente.
Todos nós necessitamos do poder da espada. Existem ocasiões em que precisamos ser lógicos e analíticos. As vezes precisamos nos posicionar com firmeza, mas também existem ocasiões em que nem a lógica nem a força nos podem ajudar; é então que precisamos recorrer à harpa.
Depois da batalha com Morholt, quando Tristão está ferido e a espada não lhe serve mais, ele a abandona e toma a harpa; é ela que o acompanha no mar, ela é o lado lírico, sentimental, que corresponde ao feminino interior. Com o poder da harpa, ele constrói seus relacionamentos, demonstrando sentimento e amor. Foi com o poder da harpa que Tristão despertou a afeição de seu tio. Ao ouvir a harpa, o Rei Mark exclamou: "Para nossa alegria vieste a este teto, fica conosco por longo tempo, amigo!"

A harpa representa o poder de desenvolver um senso de valores, de afirmar o que é bom e verdadeiro, de apreciar o belo; a harpa permite que o herói coloque a espada a serviço de um ideal nobre. Nossa história mostra que é a harpa que nos permite viajar pelos mares do inconsciente.

Para ser completo, o herói necessita ter as duas coisas, pois sem a espada a harpa se torna ineficaz e sem a harpa, a espada fica reduzida à força bruta, egoísta. As pessoas confundem estes dois poderes nos seus relacionamentos, mais do que em qualquer outra área da vida humana. Freqüentemente, vemos um homem e uma mulher tentando "pôr as coisas em ordem" e para isso discutem, criticando-se mutuamente, falando sobre lógica, descobrindo contradições nas argumentações contrárias, discutindo detalhes. Depois ainda se perguntam porque o sentimento espontâneo do amor e do calor humano desapareceu de seu casamento ou das ocasiões que passam juntos! As negociações desse tipo são sempre atividades da "espada"; as pessoas não estão conversando, estão se degladiando.

A espada não é capaz de construir relacionamentos; ela não pode resolver coisa alguma, não pode unir as coisas; ela só consegue rasgar. Se você quiser "juntar os pedaços" e construir um bom relacionamento, então vai precisar aprender a usar a linguagem da harpa. Você precisa dar segurança à outra pessoa, expressar seu amor, seus sentimentos e sua dedicação. Esta é uma lei absoluta: a espada fere e separa; a harpa une e cicatriza.

A vitória de Tristão sobre Morholt é uma lição profunda quanto ao uso correto da espada. É preciso dar atenção a isso. Morholt representa a força indômita, o poder primitivo, bruto - que o inconsciente feminino desencadeia contra o ego masculino que tenta impedir sua entrada. Assim que Morholt aparece em cena, as coisas ficam muito sérias; não é mais um namoro. É uma guerra implacável. O inconsciente feminino não exige apenas um lugar na vida de um homem, ele exige o controle absoluto, exige que Tristão pague o tributo e sujeite-se ao seu feitiço.

Isto seria uma mudança extrema, passar da atitude patriarcal unilateral para uma atitude feminina igualmente desequilibrada. Não seria um casamento, não seria uma união: seria uma escravidão, seria cair no extremo oposto do domínio feminino. Quando um homem se rende e paga o tributo exigido ou quando seu ego é destruído na luta com Morholt, ele perde sua masculinidade e se torna um escravo do seu lado feminino.

Vemos isso em alguns homens, em determinados estágios da vida. Um homem que sempre foi duro, um empreendedor agressivo, de repente se vê atacado pelo seu lado feminino reprimido. Isso pode tomar a forma de uma doença, de uma depressão ou de uma perda do interesse pela vida. De repente, ele se vê presa de humores, hiper-emotivo, indeciso. Sua esposa precisa assumir todas as decisões,

enquanto ele se refugia na hipocondria e nas mudanças de humor.[6]
Neste ponto de nossa história, um grande paradoxo é colocado diante de nós. Antes do ego masculino fazer as pazes com poder do seu elemento feminino. Ele precisa desenvolver, em seu ego, suficiente força masculina para poder enfrentar esse poderoso elemento feminino em termos de igualdade.
Muitos povos ocidentais, tendo compreendido mal as religiões ou a filosofia oriental, imaginam que o ideal seja livrarem-se do ego. Precisamos entender que o ego é absolutamente necessário; ele tem um papel vital a desempenhar no grande drama do desenvolvimento da consciência. O ego tem a tarefa específica de ir à "Irlanda" interior, de fazer a união entre os diferentes centros de consciência dentro do infinito universo da psique. Para essa tarefa, o ego masculino precisa ser um herói, como Tristão. E a primeira tarefa do herói é fortalecer sua consciência masculina.
Num homem, esse é o domínio da arte do espadachim. Ele precisa ter o poder da espada para proteger sua vida consciente, da mesma forma que precisa do poder da harpa para a sua jornada pelo inconsciente.
Depois da maravilhosa vitória de Tristão sobre Morholt, advém uma grande alegria, com os sinos repicando e o povo gritando de contentamento. Isso é o que ocorre dentro do homem quando ele vence Morholt e conquista, assim, sua masculinidade; existe uma profunda sensação de libertação, de triunfo sobre as forças que o tornariam fraco ou dependente. Mas, nem bem acabou a alegria da vitória e já está o homem derrotado: a farpa envenenada está dentro dele.
Que peça terrível prega o destino! O bem triunfa sobre o mal. Os jovens são salvos graças à coragem de Tristão. Que destino cruel fere Tristão com a farpa envenenada? É necessário que Tristão vá à Irlanda ou ele jamais chegará até Isolda a Bela. Ele simplesmente irá retornar à mentalidade patriarcal e unilateral da Cornualha, dando os parabéns a si mesmo pela sua superioridade masculina e jamais sequer pensará em reaproximar-se do feminino. A farpa envenenada nos mostra que não existe uma vitória final sobre o feminino interior: em cada vitória haverá sempre uma farpa envenenada e durante as comemorações a derrota já circula nas veias do vencedor. É isto que força o homem a abandonar finalmente sua arrogância e ir voluntariamente em direção ao feminino.
Tristão nos mostra como capitular na hora certa e da maneira certa. Ele coloca de lado a espada, entra num barco sem vela e sem remos e, levando consigo apenas a harpa, deixa-se levar ao sabor do mar.

---

6. Robert A. Johnson, HE - *A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina*, SP, Ed. Mercuryo, 1987. (N.T.).

Chega um momento na vida do homem em que o ego não tem mais respostas, ele não sabe o suficiente, não dispõe dos recursos necessários para resolver uma situação impossível. Por onde quer que Tristão procurasse, ninguém na Cornualha era capaz de curar sua doença. Em momentos assim, o homem precisa abrir mão do comando, precisa lembrar-se das palavras de Tristão: "Gostaria de tentar o mar que conduz a todas as possibilidades... a que terra, não importa, para que meus ferimentos cicatrizem." Ele precisa entregar-se ao inconsciente e vagar em suas correntes até encontrar uma nova ilha de consciência para este estágio de sua vida.

Uma das grandes virtudes do feminino interior é a capacidade de se soltar, de abrir mão do controle do ego, de parar de tentar controlar as pessoas e as situações, de deixar as circunstâncias a cargo do destino e ceder ao curso natural do universo. Abrir mão do remo e da vela significa abandonar o controle pessoal e colocar-se à disposição de Deus. Deixar a espada significa parar de tentar entender pelo intelecto ou pela lógica, parar de tentar forçar as coisas. Usar a harpa significa esperar pacientemente, ouvindo a voz suave que vem de dentro, esperar pela sabedoria que vem não da lógica ou da atividade, mas do sentimento, da intuição, do não racional e do lírico.

Nós vemos Tristão ao sabor do mar, ouvimos o som da harpa flutuando sobre as ondas. Atraído por uma força muito além da compreensão do seu ego, sem mapas que o guiem, Tristão chega finalmente à Irlanda. E lá, Isolda o espera.

PARTE 2

A NARRATIVA

De Como Tristão Foi Conquistado Pelo Vinho do Amor

Retornemos agora à história de Tristão. Quando o vimos pela última vez, ele

estava na Irlanda. Os pescadores encontraram seu barco à deriva, puxaram-no para a praia e levaram Tristão ao palácio de Isolda a Bela. Apesar de marcado pela doença e pela febre, a Princesa observou que ele estava bem vestido e que era de sangue nobre. Enquanto ele dormia, Isolda e sua mãe, a Rainha Feiticeira, trataram dele com ervas secretas, poções e encantamentos. Com o tempo, Tristão foi se recuperando. Tão modificado estava pelo veneno, que nenhum dos cavaleiros de Morholt o reconheceu, e ele não disse quem era nem de onde vinha. Assim que recuperou as forças, escapou furtivamente, conseguiu atravessar as águas e retornou à Cornualha, onde o rei e a corte o receberam com surpresa e alegria.

Mas Tristão tinha inimigos na Cornualha. Quatro malvados barões o invejavam e odiavam, pois ele era o mais famoso cavaleiro daquele reino, o mais amado pelo povo e, além disso, o rei o designara herdeiro do trono. Esses quatro foram ter com os demais barões e disseram: "Tristão deve ser um feiticeiro. De que outra maneira poderia ele ter derrotado o gigante e se curado magicamente daquele veneno? E, ainda, retornado da morte certa no mar? Se ele se tornar rei, nossas terras estarão nas mãos de um bruxo!"

Assim, os barões se voltaram contra Tristão, pois poucos sabem que aquilo que os feiticeiros fazem pela magia, alguns homens podem fazer pela bondade, pelo amor e pela coragem. Os barões procuraram o Rei Mark e disseram que ele teria de arranjar uma rainha e gerar um herdeiro, caso contrário, eles se rebelariam. O rei ficou perplexo e pensou em várias possibilidades de salvar o trono para Tristão.

Certo dia, duas andorinhas entraram voando por uma janela do castelo de Tintagel e deixaram cair um fio dourado de cabelo de mulher,' longo e brilhante, na mão estendida do espantado rei. Mark, então, chamou os barões e disse que só aceitaria como rainha a donzela dona daquele cabelo dourado, pois esperava desta maneira poder conter as exigências dos barões. Tristão, sentindo-se humilhado, e para provar que não cobiçava o trono, adiantou-se e prometeu encontrar a dama dos cabelos de ouro.

"A procura é perigosa, mas eu arriscarei minha vida por vós, para que vossos barões saibam que vos sirvo com lealdade. Faço o juramento de trazer comigo a Rainha dos Cabelos de Ouro, ou morrer lutando por isso."

Mas quando Tristão viu o fio de cabelo, sorriu, pois lembrou-se de IsoIda a Bela; ele já sabia que era ela a dona daquele fio de cabelo.

Tristão aprontou seu barco e partiu para a Irlanda. A tripulação tremia, pois desde a morte de Morholt, o rei da Irlanda enforcava todo marinheiro da Cornualha que conseguia capturar. Em Whitehaven, Tristão fingiu ser um comerciante e esperou a chance de conquistar a Princesa Isolda. Certo dia,

ouviu-se o rugir de um terrível dragão que assolava o interior da Irlanda, e o rei prometeu dar sua filha, Isolda, em casamento ao cavaleiro que derrotasse aquele monstro. Ao saber disso, Tristão não perdeu tempo; rapidamente colocou a armadura, montou o cavalo e partiu para enfrentar o dragão.
Tão violenta era a fera que a lança de Tristão partiu-se contra ela e seu cavalo foi morto pelo fogo que o dragão expelia. Tristão afundou sua espada na região do pescoço, onde o dragão não tinha escamas, e o monstro tombou morto. Isolda encontrou Tristão, ferido e envenenado, perto do cadáver fumegante do dragão. E assim, mais uma vez, Isolda cuidou de Tristão com ervas cicatrizantes e o trouxe de volta do umbral da morte.
Certo dia, Isolda e suas damas prepararam para Tristão um banho quente de ervas. Enquanto ele estava todo satisfeito na água, ela se pôs a polir seu escudo e a limpar o sangue do dragão na sua espada, cumprindo os deveres que uma donzela tem para com seu hóspede. De repente, deu com os olhos numa pequena depressão na lâmina. Sua cabeça girou e ela tremeu; foi à procura do pequeno estilhaço que tinha retirado da cabeça de seu tio, Morholt, e que ela guardava num relicário. O fragmento de aço encaixou-se na depressão da espada de Tristão. Ela bradou: "Vós sois Tristão, o mesmo que assassinou meu tio!" Ergueu a espada para matá-Io, mas Tristão acalmou-a e Isolda, dividida entre a esperança do amor e os votos de vingança, fez uma pausa para ouvir:
"Filha do rei... um dia duas andorinhas voaram para Tintagel levando um fio dos vossos cabelos de ouro, e eu achei que elas me traziam bons augúrios e paz, por isso cruzei os mares à vossa procura. Enfrentei o monstro e seu veneno. Vede, entre os fios de ouro do meu brasão, vosso cabelo foi entrelaçado: o ouro escureceu, mas o cabelo continua brilhando."
Quando Isolda ouviu estas palavras, abaixou a espada e foi olhar o brasão de armas de Tristão, encontrando lá o fio de seu cabelo dourado. Guardou silêncio por longo tempo, depois beijou-lhe os lábios.
Passados alguns dias, Tristão foi ter à presença do rei e da rainha da Irlanda e, diante de todos os fidalgos irlandeses, revelou sua identidade e ofereceu os ricos presentes do Rei Mark. Contou-Ihes que derrotara o dragão para compensar a morte de Morholt, e sugeriu que Isolda a Bela, desposasse o Rei Mark e viesse a ser rainha da Cornualha. Então haveria paz e aliança perpétua entre os dois reinos, o que poria fim à guerra. O rei e seus barões ficaram satisfeitos com as suas palavras e com os presentes ofertados, e sentiram-se felizes pela honraria concedida à Princesa Isolda.
Mas Isolda a Bela fremia de humilhação e de dor. Tristão, tendo-a conquistado, agora a desdenhava; a bela história do cabelo de ouro não passara de uma mentira! Era a outro que ele a entregava...

Assim, .pelo bem do Rei Mark, Tristão, usando a força e a astúcia, conquistou a rainha dos cabelos de ouro.. .
Ele, o raptor, viera até a Irlanda... Usando um ardil, afastara-a de sua mãe e de sua terra: não tivera a dignidade de tomá-Ia para si mesmo, e agora a estava levando como sua presa, sobre as ondas, para a terra inimiga.
A Rainha Feiticeira colheu flores, ervas e raízes; embebeu-as em vinho e sobre esta poção lançou um sortilégio: aqueles que a tomassem juntos se apaixonariam com toda a força dos sentidos e do pensamento, mas a poção perderia seu efeito depois de três anos. Em seguida, entregou-a secretamente a Brangien, criada de IsoIda, e encarregou-a de oferecer a poção somente ao Rei Mark e a Isolda na noite de núpcias, quando estivessem sozinhos.
Feitos todos os preparativos, IsoIda embarcou no navio de Tristão e partiram para a Cornualha. Mas os ventos não ajudaram e eles tiveram de ancorar numa pequena ilha onde desembarcaram todos, menos Tristão, Isolda e uma jovem criada.
Tristão ouviu IsoIda, sozinha em sua tenda armada no convés, chorando amargamente a perda de sua terra natal. Então, foi até ela e falou-lhe docemente, procurando consolá-Ia. Mas ela não quis encará-Io e respondeu-lhe com poucas palavras.
Como o sol estivesse quente, eles pediram algo para beber; a criada, que era pouco mais que uma criança, encontrou a bilha de vinho fresco que Brangien havia escondido e levou-a até eles, que beberam sofregamente, pois estavam com sede.
Horas mais tarde, Brangien encontrou Tristão e Isolda, ainda sentados no mesmo lugar, olhando-se fixamente no fundo dos olhos, enlevados, presas do feitiço. Ela viu a bilha à sua frente e um calafrio percorreu-lhe o corpo, pois era a bilha que continha o vinho de ervas.
Durante dois dias a poção do amor circulou nas veias de Tristão e ele sofreu as agonias do amor, ora como se fosse picado por espinhos pontiagudos, ora como se estivesse cercado de flores belas e perfumadas, com a imagem de Isolda sempre flutuando diante dos seus olhos. Finalmente, no terceiro dia, ele foi ter com ela na tenda.
"Entrai, meu senhor", disse ela.
"Mas por que me chamais de senhor", perguntou ele, "se na verdade sois minha rainha?"
"Não", disse ela, "pois acontece que eu - e contra a minha vontade - tornei-me vossa escrava. Antes jamais tivésseis vindo às nossas praias! Ah, se eu vos tivesse deixado morrer ao invés de vos curar! Mas então eu não sabia... eu não sabia como seria atormentada noite e dia." - Tristão a fitava como se ela fosse

uma visão radiosa.
"Isolda", murmurou ele, "o que não sabíeis? Isolda, o que vos atormenta?"
"O amor que sinto por vós", disse ela. Então ele beijou-lhe os lábios e apertou-a contra si. Brangien surpreendeu-os assim enlaçados e exclamou: "Contende-vos! Voltai atrás, se ainda puderdes... Mas, ah! nesse caminho não há retorno, pois o Amor e sua força já vos impelem e jamais podereis outra vez conhecer alegria sem dor... por minha causa, naquela faça, bebestes não apenas amor, mas uma mistura de amor e morte."
Mas Tristão abraçou Isolda, e um desejo maior que a vontade humana levou-o a exclamar:
"Então, que venha a Morte!"
Mal acabara de dizer tais palavras e o vento avivou-se, enfunando as velas, e a embarcação começou a singrar as ondas espumantes. Naquela noite escura, enquanto o barco, ondulando sobre as águas, os transportava velozmente para o litoral da Cornualha, os dois entregaram-se totalmente ao amor.

5 - A Sedução do Vinho do Amor

Tristão e Isolda bebem da poção do amor, e a partir desse instante o amor romântico entra para sempre em nossas vidas, pois Tristão é um ocidental, e sua vida é a nossa experiência universal do amor romântico. Seu arrebatamento nascido do vinho marca um momento histórico ocorrido há. quase mil anos, quando então o culto do romance irrompeu em nossa cultura. Iniciou, assim, sua lenta evolução no decorrer dos séculos e veio a formar as idéias modernas a respeito do amor.
Vamos agora abordar a poção do amor de uma nova maneira. Todos nós já a provamos, todos já nos embriagamos com ela; precisamos agora encará-Ia conscientemente. Esse vinho é forte, ele nos sobe à cabeça e precisamos ter cuidado. Façamos, então, uma pausa para tentar formar uma idéia mais clara do que queremos dizer quando falamos em "amor romântico".
Em nossa cultura as pessoas empregam a expressão "amor romântico", indiscriminadamente, para se referirem a quase todos os tipos de atração entre um homem e uma mulher. Quando um casal está mantendo um relacionamento sexual, as pessoas comentam que eIes estão "envolvidos romanticamente" e quando eles se amam e estão planejando casar-se, as pessoas dizem que é um

"romance". Na verdade, o relacionamento deles pode não estar baseado em "romance" mas, simplesmente, em amor, que é completamente diferente de romance! Quando a mulher diz "gostaria que meu marido fosse mais romântico", o que ela realmente quer dizer é que ele deveria ser mais atencioso, mais cuidadoso e demonstrar mais carinho. Estamos todos tão presos à crença de que o amor romântico é o "amor verdadeiro" que usamos o termo para coisas que nada têm a ver com o amor romântico. Supomos que se é amor, então deve ser "romance", e se é romance, deve então ser "amor".

O fato de dizermos "romance" quando queremos nos referir ao "amor", mostra que, subjacente à nossa linguagem, existe uma confusão psicológica. Essa confusão é o sintoma de que perdemos a consciência do que seja amor, do que seja romance e das diferenças entre ambos. Estamos confundindo dentro de nós dois grandes sistemas psicológicos, e isso tem um efeito devastador em nossas vidas e em nossos relacionamentos.

A maioria de nós conhece casais que nunca passaram em seu amor pelo estágio do "romance". É possível que tenham começado como amigos e convivido por muito tempo sem jamais terem sentido um envolvimento romântico. Eles simplesmente se amavam e decidiram construir uma vida juntos. Vemos também casais que começaram num grande turbilhão de romance, mas aos poucos foram chegando à fase em que ambos se aceitam mutuamente como simples seres humanos. Abandonaram suas expectativas de perfeição e se comprometeram com um relacionamento humano e não com uma visão de êxtase romântico.

É difícil, para nós, imaginarmos que possa existir ainda amor - pelo menos um amor que valha a pena - na vida de um casal, depois que o romance acabou. Mas, freqüentemente, estas pessoas possuem o que muitas vezes nos falta: amor, afinidade, estabilidade e compromisso. Em nossa cultura, temos romance em abundância: nós nos apaixonamos e nos desapaixonamos; vivemos de drama em drama, sentindo-nos em êxtase quando o romance está no auge do calor e caindo em desespero quando ele começa a esfriar. Se examinarmos nossa vida e a das pessoas que nos cercam, veremos que o romance não se traduz necessariamente por amor, afinidade ou compromisso. Romance é algo diferente, algo à parte, uma realidade em si mesmo.

Aqui está, portanto, o ponto de partida para a nossa exploração: o amor romântico não é amor mas um conjunto de atitudes que dizem respeito ao amor - sentimentos involuntários, reações e ideais. Como Tristão, bebemos da poção e caímos em seu poder: tornamo-nos presas de reações involuntárias e de ardentes sentimentos, em um estado quase visionário.

No Ocidente, o ideal de amor romântico surgiu em nossa sociedade por volta do século XII - aproximadamente na época em que Tristão bebia a poção do .amor

pela primeira vez. No início, este fenômeno cultural era chamado de courtezia. A courtezia, ou "amor cortês", baseava-se numa visão completamente nova do amor e do relacionamento. Sob a influência de certas idéias religiosas da época, o amor cortês idealizava um relacionamento "espiritual" entre homens e mulheres. Era um antídoto para a atitude patriarcal que observamos no mundo de Tristão: ele idealizava o feminino, ensinava um cavaleiro rude como Tristão a realmente venerar o feminino universal, simbolizado pela dama a quem ele servia e adorava. É esta adoração que vemos em Tristão, assim que bebe do vinho; sentimos que não é Isolda que ele vê, mas algo divino personificado nela, algo universal ou transcendente que ela simboliza para ele.

Segundo as leis do amor cortês, o cavaleiro concordava em obedecer à sua dama em todas as coisas referentes a amor, formas de relacionamento, maneiras e gostos. Dentro dos seus domínios, ela era a sua senhora, a sua rainha.

Havia três características no amor cortês e elas nos ajudarão a compreendê-Io. Em primeiro lugar, jamais deveria existir um envolvimento sexual entre o cavaleiro e sua dama. O relacionamento entre eles era de natureza ideal, espiritual, e tinha a finalidade de elevá-Ios acima do nível físico, grosseiro, levando-os a cultivar sentimentos refinados e sutis. A segunda exigência do amor cortês era que eles não se casassem um com o outro. De fato, a dama geralmente era casada com outro nobre, o que não impedia o cavaleiro andante de a adorar e servir, de torná-Ia alvo de seu idealismo e de suas aspirações espirituais. O que ele não podia era manter um relacionamento íntimo com ela, pois isto equivaleria a tratá-Ia como uma mulher mortal comum, e o amor cortês exigia que ele a tratasse como uma divindade, como um símbolo do eterno feminino e de sua alma feminina. A terceira exigência era que ambos mantivessem acesa a paixão, ardendo intensamente de desejo, um pelo outro, mas que se esforçassem para espiritualizar esse desejo, considerando-se mutuamente como símbolos do mundo arquetípico divino e nunca reduzindo a paixão aos aspectos comuns do sexo ou do casamento.

O ideal do amor cortês apossou-se com tanta energia da imaginação ocidental, que passou a ser a força propulsora que fez brotar uma série enorme de poemas, canções, histórias de amor e peças teatrais. As histórias francesas de amor eram chamadas romans daí a palavra "romance" - e nelas estavam contidos todos os grandes temas que formam a base da nossa literatura romântica. O cavaleiro vê uma bela dama e se sente tocado por sua beleza e bondade: passa então a adorá-Ia como a personificação do seu ideal interior, sua visão interior do eterno feminino. Apesar de estar totalmente tomado de sagrada paixão por ela, jamais a toca, mas passa por incríveis aventuras e pratica consideráveis façanhas em sua honra, para atingir o sentido de nobreza que ela lhe inspira. Para ele, ela não é

uma mulher, ela é Blanchefleur, Isolda a Bela, Psiquê, Beatriz e Julieta - o feminino arquetípico na sua essência divina.
Nossa palavra romântico e nosso ideal romântico chegaram até nós através dos romances. O amor romântico é um amor "como nos livros de histórias", mas essa é uma história que todos nós tentamos viver à nossa própria maneira, dentro da vida prática, no terraa-terra dos relacionamentos humanos. Apesar de nossa revolução sexual, apesar de nossa tendência moderna de sexualizar todos os relacionamentos, continuamos querendo os mesmos padrões psicológicos em nossos romances: uma mulher que seja mais que uma mulher, o símbolo de algo tão perfeito e divino que inspire uma paixão que vá além da atração física, além do amor, chegando a um plano de adoração. Procuramos a emoção "espiritual", o êxtase e o desespero, as reuniões festivas e as despedidas tristes, como nos romances, e também sentimos, como os cavaleiros de antanho, que tudo isto nos eleva, nos refina, e confere à vida um significado que tínhamos perdido com a partida de BlanchefIeur e que esperamos encontrar em Isolda a Bela.
Deveríamos esperar que um culto do amor que categoricamente se opõe ao casamento, encoraja relacionamentos apaixonados fora do casamento e procura espiritualizar uma ligação, como se fosse uma vibração sobre-humana inesgotável, seria uma péssima base para o casamento e uma abordagem muito arriscada para esses relacionamentos. São estes, no entanto, os ideais que sustentam nossos padrões de namoro e casamento até hoje! Se mal compreendidos, estes ideais herdados nos levam a procurar a paixão pela paixão em si mesma, mas dessa forma eles fazem brotar um eterno descontentamento que jamais irá levar à perfeição ansiada. Este descontentamento lança nuvens sombrias sobre todos os relacionamentos modernos, pois, frente a um ideal inatingível, ficamos cegos para a beleza e as delícias do mundo presente.
Existe algo de assustador nesses enormes conjuntos de crenças culturalmente transmitidos. Um dia nos damos conta de que estamos completamente dominados por esse conjunto de crenças que nós, como indivíduos, nunca escolhemos. É como se as tivéssemos absorvido de romances e filmes, da atmosfera psicológica que nos cerca, e elas se tornassem parte integrante de nós mesmos, como que fundidas às células de nosso corpo. Todos nós sabemos que o que se espera de nós é que nos "apaixonemos" e que nossos relacionamentos tenham uma base romântica - nada aquém disto satisfaria! Todo homem sabe o que se espera que ele sinta num relacionamento e o que ele deve exigir de sua namorada ou esposa. Tudo isso está escrito, letra por letra, numa camada invisível do nosso inconsciente. Isso é "romance".
Existe, no entanto, algo de real e de verdadeiro no amor romântico, independentemente de compreendermos mal ou aplicarmos erroneamente o ideal

dos nossos ancestrais. Existe uma verdade, nas grandes histórias do amor romântico, que nos fascina e emociona. Existe uma verdade nas nobres façanhas do cavaleiro, na beleza e bondade da dama, nos sacrifícios, na reverência, nas buscas e na fidelidade até à morte. Nas aspirações do amor romântico existe uma profunda verdade psicológica que ecoa em nossa alma, que nos desperta para o que somos de melhor, para o que somos quando nos plenificamos. Não é possível ouvir esses romances antigos sem nos comovermos, a não ser que sejamos feitos de gelo, pois nesses amores, aventuras e atos de devoção vem à tona tudo o que existe de nobre, amável, fiel e mais elevado dentro de nós mesmos.

Se é preciso ver o que saiu errado com o amor romântico, devemos ver, por outro lado, o que está certo com ele. Na sua forma mais pura, é um ideal de grande força e, como tal, contém dentro de si uma profunda realidade. Não é apenas um ideal, é uma janela da nossa alma que nos fala de uma realidade viva e viável dentro de nós, de algo que podemos viver e ser. Podemos compreender mal a verdade existente dentro do ideal, podemos também tentar vivê-Io num plano que não é o seu, ou colocá-Io num lugar errado, mas a verdade está lá para nos enriquecer e para nos aproximar da plenitude. Nossa tarefa é encontrar a verdade no amor romântico e o plano adequado à manifestação desta verdade.

É difícil examinar objetivamente o romance; é doloroso, pois tememos que a realidade possa expulsar o amor, e que assim a vida se torne fria e sombria. Mas uma das grandes necessidades das pessoas de hoje é compreender a diferença entre o amor humano, como base para um relacionamento, e o amor romântico, como um ideal interior, um caminho para o mundo interior. O amor não sofre ao ser libertado do esquema de crenças do amor romântico. A situação do amor só irá melhorar quando for diferenciado do romance.

Jung certa vez citou um alquimista medieval que disse: "Só o que está separado pode ser devidamente unido." Quando duas coisas estão misturadas de forma confusa, elas precisam ser desembaraçadas, separadas e identificadas, para que mais tarde possam ser reunidas numa síntese proveitosa. Este é o significado correto da "análise" na psicologia; analisar é separar os fios emaranhados da nossa vida interior - os valores confusos, os ideais, lealdades e sentimentos - de forma que eles possam ser sintetizados de uma nova maneira. Analisamos o amor romântico, não para destruí-lo, mas para compreender o que é e qual o lugar que lhe cabe em nossa vida. A análise deve sempre servir à síntese para poder servir à vida; o que é desmontado deve ser montado outra vez.

A Rainha Feiticeira misturou em sua poção ingredientes extraordinários e prodigiosos: ervas secretas, feitiços e poderes que não pertencem à terra. Brangien chega mesmo a dizer que a rainha misturou "não apenas amor, mas

uma mistura de amor e morte". Todos já provamos dessa mistura e já passeamos num outro mundo, ébrios de magia. Todos já fomos amantes, mas agora podemos ser alquimistas: vamos decompor o vinho, vamos separar as ervas e os sortilégios e, então, veremos as forças impressionantes que estão misturadas dentro de nós, manifestadas em nossa capacidade para o amor, seja ele o amor humano ou o amor divino.

6 - O Vinho de Ervas

Siempre fuiste Ia raz.ón de mi existir Adorarte para mi fué religión... Es la historia de un amor Como no hay otro igual, Que me hiz.o com prender Todo el bien, todo el mal; Que le dió luz. a mi vida Apagandola después... Ay! Qué vida tan oscura!
Sin tu amor no viviré.

Carlos Almarán, "Historia de un amor"

Antes de tomar a poção, Tristão é apenas um cavaleiro que acredita ter cumprido o dever para com o seu rei. Em terras distantes ele foi buscar a princesa, conquistou-a, e agora a traz para o seu rei. Tristão espera tornar-se ainda mais famoso, ainda mais admirado, mas, após um gole deste vinho incomum, queda-se a fitar os olhos de Isolda como que em delírio, alheio a tudo . Todo o seu mundo vira de cabeça para baixo; todos os seus valores sofrem uma reviravolta. Até então, havia sido leal ao seu rei, mas agora, de repente, todo o seu senso de dever está sendo incinerado na chama de sua paixão. Antes, sua grande ambição era a de ser um renomado cavaleiro da Cornualha; agora, vê-se disposto a trocar tudo, até mesmo a própria vida, por uma noite nos braços de Isolda. Ele ouve o aviso de Brangien: "Neste caminho encontrareis a morte!" Mas sua mente e sua língua estão escravizadas pela paixão e ele pode apenas responder: "Então, que venha a Morte!"

E Isolda? Antes de beber a poção, ela odiava Tristão. Ele não apenas era o assassino de seu tio, como também o assassino de seu orgulho, pois a conquistara, ganhara sua afeição e depois a traíra. Agora, com o vinho

circulando em suas veias, ela diz: "Sabeis que sois meu amo e senhor, e que sou vossa escrava."
Apesar da cena nos ser familiar, apesar de a termos vivenciado em nossas próprias vidas, existe algo de estranho nela. Tristão e Isolda estão "apaixonados", mas nós nos perguntamos se eles estão apaixonados um pelo outro. Eles estão fascinados, mesmerizados, apaixonados por uma visão mística - uma visão de algo separado e distinto deles mesmos, algo que eles vêem através da magia do vinho. O "amor" deles não é o amor humano comum que decorre de nos conhecermos como indivíduos. O símbolo nos mostra que é um amor "mágico", "sobrenatural" - não é pessoal, nem voluntário. Ele vem de fora dos amantes e os possui à revelia. Isso nos lembra de algo que as pessoas freqüentemente dizem: "Eles estão apaixonados pelo amor."
O mito diz que o amor romântico tem as mesmas características da poção do amor, e ela é tanto natural quanto "sobrenatural". Se em parte é constituída de vinho e ervas da terra simbolizando o lado humano, comum do amor romântico - em parte é também formada por sortilégios e feitiçaria. O que, no amor romântico, é evocado por estes símbolos?
Sabemos que existe algo de inexplicável no romance. Quando examinamos os sentimentos que nos assaltam, sabemos que não é apenas companheirismo ou atração sexual, e que não é aquele amor calmo, dedicado, não-romântico que freqüentemente vemos em casamentos e relacionamentos estáveis. É algo mais, algo diferente.
Quando estamos "apaixonados", sentimo-nos completos, como se uma parte que nos faltava nos tivesse sido devolvida; sentimo-nos enaltecidos, como se de repente nos tivéssemos elevado acima do mundo comum. A vida torna-se emocionante, ganha uma impressão de glória, êxtase e transcendência.
No amor romântico, queremos ser possuídos pelo amor, queremos pairar nas alturas e encontrar o máximo de significado e de realização na pessoa que amamos. O que buscamos é a sensação de plenitude.
Se perguntarmos em que outro lugar procuramos estas sensações, existe uma resposta impressionante e perturbadora: na experiência religiosa. Quando procuramos algo maior que nosso ego, quando vislumbramos a perfeição, um sentido de integridade e de unidade interiores, quando almejamos erguer-nos acima das coisas pequenas e relativas da vida pessoal para chegar a algo extraordinário e sem limites, isto é uma aspiração espiritual.
Defrontamo-nos aqui com um paradoxo que nos deixa aturdidos, mas não deveríamos ficar tão surpresos ao descobrir que o amor romântico está relacionado com a aspiração espiritual - até mesmo com nosso instinto religioso - pois já sabemos que o "amor cortês", nas suas origens, há muitos séculos, foi

concebido como um amor espiritual que elevava o cavaleiro e sua dama acima da vida mesquinha e grosseira, para vivenciar um outro mundo, uma experiência da alma e do espírito. O amor romântico teve seu início como um caminho de aspiração espiritual; inconscientemente, hoje, procuramos este mesmo caminho também através do amor romântico.

No simbolismo da poção do amor, deparamo-nos subitamente com o maior paradoxo e o mais profundo mistério da nossa cultura ocidental: o que buscamos incessantemente no amor romântico não é apenas o relacionamento ou o amor humano, mas buscamos também uma experiência religiosa, uma visão de plenitude. Aqui está o significado da magia, da feitiçaria, do sobrenatural na poção do amor. Existe outro mundo fora da visão do ego: é o reino da psique, o reino do inconsciente. É lá que vivem nossa alma e nosso espírito, pois, ignorados pelo pensamento ocidental, ambos são realidades psicológicas que. vivem em nossa psique sem nosso conhecimento. É lá, no inconsciente, que vive Deus, seja Deus quem for para nós como indivíduos. Tudo o que habita do outro lado, no mundo do inconsciente, aparenta ser, para o ego, algo exterior ao domínio humano natural; é mágico, portanto, é sobrenatural. Para o ego, a experiência desse outro mundo não é diferente da experiência religiosa. O impulso religioso, a aspiração, significa uma busca da totalidade em nossa vida, a totalidade do seIf, esse seIf que vive fora do mundo do ego, no inconsciente, na vastidão invisível da psique e do símbolo.

Eis aí o significado desses símbolos na nossa história, e eis aí a chave secreta que desvenda o mistério do amor romântico.

Voltemos à barca de Tristão: lá está ele, inteiramente abrasado devido ao vinho. O que é este fervor em seus olhos? Isolda está a seu lado, mas os olhos dele fitam algo distante eles fitam o infinito! Ele vê, não Isolda, mas uma visão. O que é este tremor em seus membros? Se entrarmos na cela de São João da Cruz, encontraremos esse mesmo olhar, essa mesma expressão de contemplação mística. Se formos levados para o outro lado do mar a um templo da índia, encontraremos um homem santo, no mesmo estado de êxtase, diante de um altar de Shiva. É o mesmo instinto, o mesmo fervor intenso, e que leva ao mesmo fim: a transcendência.

O amor romântico sempre esteve inextricavelmente ligado à aspiração espiritual. Isso é tão óbvio, que pareceria desnecessário dizê-Io, no entanto todos desviamos o olhar e não vemos o óbvio. É uma verdade próxima demais para ser vista. Basta olhar as histórias de amor, a poesia, as canções que vêm da era romântica e constataremos que o homem apaixonado fez da mulher um símbolo de algo universal, algo interior, eterno e transcendental. O que ele vê na mulher leva-o a sentir que finalmente está realizado, que encontrou o significado da

vida. Através dela, ele enxerga uma realidade especial e sente-se plenificado, enobrecido, lapidado, espiritualizado, enaltecido. Ele é um novo homem, melhor e mais completo.

Os grandes poetas românticos não ocultam este fato; eles o proclamam. Os trovadores e os cavaleiros dos tempos de Tristão o proclamavam abertamente. Ao contrário de nós, que nos consideramos tão sofisticados, eles estavam perfeitamente conscientes do que procuravam através do amor romântico. Eles preferiam não ver a mulher como mulher, mas sim como um símbolo do eterno feminino, da alma, do amor divino, do enobrecimento espiritual e da plenitude. Podemos discutir se esta visão da mulher a enobrece ou se a rebaixa à condição de símbolo de algo que ela não é, um ícone que o homem romântico usa para meditar sobre sua visão do eterno. Mas, por enquanto, basta-nos constatar que as coisas são assim.

Na canção de amor mexicana, citada no início deste capítulo, encontramos tudo isso condensado em algumas linhas. Na sinceridade de sua poesia ingênua, o autor nos mostra o que freqüentemente não reconhecemos: "Sempre foste a razão da minha existência; adorar-te, para mim, foi religião." Quando um ser humano se torna o objeto dessa adoração e adquire o poder de "dar luz à nossa vida" , ou de apagar essa mesma luz, então adotamos o ser amado como imagem e símbolo de Deus.

Esta é a descrição mais simples e direta do que é o amor romântico. O que se esconde por trás do amor romântico é a realidade da aspiração espiritual; a verdade que o homem ocidental inconscientemente e involutariamente procura no amor romântico é a verdade intrínseca de sua própria alma. O homem ocidental, sem o perceber, está envolvido numa busca da totalidade e, contra sua vontade, é atraído inexoravelmente por uma visão do universal e do eterno. Mas é na imagem da mulher, vista pelas lentes do amor romântico, que ele concentra sua visão e para ela dirige sua busca.

Por que os homens de hoje não querem admitir o que os homens de antigamente proclamavam, e até idealizavam, abertamente? É porque não queremos conscientemente abrir espaço, em nossa vida, para a aspiração espiritual. É algo fora de moda, não compreendemos o que é e não o admitimos. Não estamos conscientemente interessados em plenificação, mas sim em produção, em controle e em poder; não acreditamos no espírito, acreditamos apenas no que é físico e sexual. Mas o nosso anseio pela alma infiltra-se por onde menos esperamos nas projeções, nos ideais, nos êxtases e desesperos, nas paixões e nas renhidas lutas do amor romântico. Por falta de um outro canal, de uma outra forma, que lhe permitisse ser vivenciado na cultura moderna, nosso instinto religioso migrou quase que completamente para o único lugar onde tem

permissão para viver sub rosa[7]: o amor romântico. É por esse motivo que achamos a vida inteiramente sem sentido a menos que estejamos "apaixonados", e é por isso que o amor romântico tornou-se a maior força psicológica em nossa cultura.

Os mitos estão repletos de paradoxos porque a realidade é, em si, paradoxal. A palavra grega parádoxon significa literalmente "contra-senso", ou seja, um paradoxo vai contra o senso comum da realidade. Gostamos de acreditar que já sabemos tudo, que já conseguimos imaginar tudo, e é por isso que o verdadeiro paradoxo é sempre doloroso. O paradoxo entra em conflito com os nossos preconceitos, desafia nossas premissas e insulta nossas "verdades" coletivas. É por isso que preferimos chamar os mitos de "contos de fada" e relegá-Ios às crianças. É por isso que gostamos de interpretar os mitos como sendo fantásticas invenções de mentes primitivas e infantis. Se os considerarmos seriamente, como afirmações da realidade que eles são, então veremos todos os nossos cômodos chavões, todos os nosso velhos e sedimentados conceitos de "verdade" serem incomodamente questionados.

Examinar o mito à procura de sabedoria significa " tornar à matéria primordial da psique. Todos os símbolos contidos nos sonhos e nos mitos só nos podem soar paradoxais, pois sua finalidade, seu papel psicológico, é abrir caminho através do "conhecido" e trazer do inconsciente algo de novo para nos ensinar. lnterpretar um sonho ou um mito, buscando apenas a confirmação de nossas opiniões arraigadas, só nos trará confusão. Os símbolos não fluem do inconsciente para nos dizer aquilo que já sabemos, mas sim para nos mostrar o que ainda temos para aprender.

É assim também com a poção do amor. Seria muito mais fácil explicá-Ia como uma fantasiosa superstição da mente primitiva do século XII! A poção do amor é o paradoxo dos paradoxos! Nada poderia ir mais contra o senso comum do que afirmar que é o nosso próprio instinto religioso, nossa própria busca inconsciente do "outro mundo", que dá ao amor romântico sua magia, seu ardor sublime e sua ânsia pelo transcendental. Nada poderia violar mais nosso bom senso.

Supomos saber o que é o amor romântico, mas não sabemos nada; supomos compreendê-Ia perfeitamente, embora ele seja de fato incompreensível; nós nos supomos capazes de controlá-Io, quando na verdade ele nos possui. Nossa cultura nos oferece todo um conjunto de verdades sobre o romance que nós, inconsciente e automaticamente, aceitamos. Nunca as questionamos e ficamos irritados quando alguém o faz. Mas eis que nos defrontamos com o paradoxo e não podemos evitá-Io: o amor romântico tenta vivenciar o "outro mundo" através de um êxtase ardente, envolvente, que nos preenche e nos faz sentir psicologicamente inteiros, totalmente plenificados e em contato com o

significado da vida.
Se nos deixamos mistificar por isso, é assim mesmo, o amor romântico é um mistério. É um sistema energético que irrompe das profundezas desconhecidas e inexploradas do inconsciente, de uma parte de nós que não vemos, não compreendemos e não podemos reduzir ao senso comum. Como a poção do amor, é algo que nos arrebata contra nossa vontade, nos vira de cabeça para baixo, transtorna nossa vida, reorganiza nossa escala de valores. Esquecemos nossos preciosos planos, abrimos mão de nossas crenças e abandonamos o tipo de vida a que estávamos apegados.
É essa característica "fora-de-controle" do amor romântico que nos dá a pista mais profunda para a sua verdadeira natureza. Esse delirante e irresistível "apaixonar-se" por alguém é um incidente que se processa nas profundezas do inconsciente e acontece em nossa vida. Não o compreendemos, não o controlamos e não somos nós que o fazemos acontecer: é algo que simplesmente acontece.
É por isso que o ego do homem ocidental tem tanta dificuldade em lidar com o amor romântico: por definição, é algo "fora-de-controle". É algo fora de controle porque é justamente isso o que, secreta e inconscientemente, queremos dele - que nos leve ao êxtase, que nos carregue para além das fronteiras estéreis do mundo pequeno e estreito do ego. Esse rompimento de laços, essa transcendência do ego, é uma "experiência religiosa" e é isso que procuramos.
Os homens ocidentais aprendem que o ego masculino deve ter controle sobre tudo que está dentro e fora dele,. O único poder que resta na vida, capaz de destruir a ilusão de "controle" e impelir o homem a ver que existe algo além de sua compreensão, é o amor romântico. A igreja e a religião convencional há muito deixaram de ameaçar essa ilusão de controle do homem ocidental, pois ele reduz a religião a chavões ou a ignora completamente. Ele não procura encontrar sua alma na religião, nem através da experiência espiritual, nem em sua vida interior; mas essa transcendência, esse mistério, essa revelação ele procura na mulher. Ele vai se apaixonar.

---

7. Em privacidade. Expressão advinda do costume antigo de se dependurar uma rosa acima da mesa de reuniões, para indicar aos presentes que eles deveriam manter segredo sobre os assuntos tratados em assembléia. Provavelmente esta prática tem ligação com a lenda que conta ter Cupido dado uma rosa ao deus do silêncio, Harpócrates, para impedi-lo de contar as indiscrições de Afrodite. (N. T.)

Temos hoje uma visão preconceituosa da religião, em parte porque isso que passa por religião já deixou de ter significado para muitos de nós. Ao ,vislumbrar a psique como alma, como realidade, Jung nos leva de volta às raízes da religião. Ele descobriu que a estrutura psicológica de cada indivíduo inclui uma função "religiosa" independente. Isto não quer dizer que exista uma necessidade de se seguir um credo ou um dogma em particular. Mas significa que cada ser humano vem com o impulso psicológico inato para encontrar um significado na vida. Todos nós sentimos algo dentro de nós que nos leva a crer na possibilidade de nos tornar-mos seres completos, de ver o significado real da vida, de virmos a nos conhecer totalmente. Jung observou que a maioria dos ocidentais, apesar de conscientemente acreditar apenas no que é físico e racional, tem sonhos e fantasias carregados de símbolos com as mesmas características que as pessoas costumavam procurar na vida religiosa: símbolos que evocam um sentido de totalidade e a visão de um mundo que transcende o ego.

Nós podemos examinar a geografia da psique e entender o lado religioso da vida de uma nova maneira; é a mesma faculdade religiosa, porém abordada com uma linguagem diferente. O ego, essa parte consciente do ser, é como uma ilha no vasto oceano da psique: lá, no oceano do ser, fora dos limites do mundo do ego e além do que ele conhece ou pode ver, estão as partes que faltam ao nosso ser total. Somos seres psicológicos: nossa maior parte não é de natureza física, mas psíquica, e a maior parte da psique está no inconsciente. Ao contrário das noções populares que temos de psicologia, as partes desconhecidas e inconscientes do nosso ser total excedem em muito as partes conscientes, Não temos a sensação de plenitude e de realização, e não nos sentimos inteiros dentro deste pequeno mundo do ego. Sentimos que além dele existe mais, muito mais, apesar de não sabermos onde procurar nem o que procurar.

Aquilo que buscamos vem das camadas profundas da psique e se manifesta como um símbolo, algo que antigamente se chamava de imago dei: a imagem divina. A imagem divina afIora da psique manifestando o arraigado anseio que nos impele à totalidade e à unidade. Esta imagem que surge espontaneamente - a representação daquilo que procuramos - é a fonte primordial da intuição que nos diz que deve existir algo mais elevado do que este ego; algo capaz de reunir o total da vida, o total dos fenômenos, e nos desvelar o significado da existência. Isto cria em nós um sentir de que a visão unitiva é possível.

Jung nos diz que a necessidade de explorar as fronteiras do inconsciente e a necessidade de ter uma vida religiosa são a mesma coisa. Isto era algo bem conhecido nos tempos antigos:

"Conhecer o homem é o início da plenitude, mas conhecer a Deus é a plenitude perfeita." Clemente de Alexandria diz no Paedagogus: "Portanto, tal como

parece, o maior de todos os ensinamentos está em conhecer-se a si mesmo; pois quando o homem conhece-se a si mesmo, ele conhece a Deus." E Monoimos, na sua carta a Theophrastus, escreve: "Busca por Ele fora de ti e descobre quem é que comanda tudo dentro de ti, dizendo: meu deus, meu espírito, meu entendimento, minha alma, meu corpo; e compreende por que razão existe dor e alegria, e amor e ódio... e por que te irritas quando não querias te irritar, e te apaixonas quando não querias te apaixonar. E, se observares atentamente tais coisas, tu O encontrarás dentro de ti, o Um e o Todo." (Jung, Aion, p. 222).
Antigamente, os ocidentais vivenciavam a imagem divina através da religião, através da contemplação mística, em rituais carregados de poder simbólico, na imagem da igreja tradicional, na Palavra revelada, nos santos, na comunidade de fiéis. Recentemente, porém, esses veículos tradicionais da imago dei perderam seu valor. Se nos perguntarmos os motivos, já teremos uma parte da resposta na história de Tristão: a mentalidade patriarcal da nossa sociedade é inerentemente parcial, dedicada a vivenciar o lado masculino da natureza humana em detrimento do feminino e em detrimento da totalidade. Nessa concepção rigidamente fechada em si mesma, quase nada pode penetrar. Somos impermeáveis ao inconsciente, aos sentimentos, ao feminino e à nossa própria alma. Nessa verdadeira armadura que usamos em nossos dias o único ponto onde somos vulneráveis, a única brecha para a nossa alma, é justamente o amor.
A poção do amor significa que o mundo sobrenatural, abruptamente, invade o mundo natural através do amor romântico - o fogo que desce dos céus! O mundo da alma e do espírito, a força irresistível da potencialidade religiosa da psique, abruptamente, invade o mundo comum dos relacionamentos humanos. Aquilo que sempre desejamos - a visão da unidade e do supremo propósito - nos é, de uma só vez, desvelado na forma de outro ser humano.
É uma séria descoberta saber que pegamos nosso instinto de totalidade e o projetamos inteiramente nos nossos amores. Retiramos a imago dei do templo, do céu, e rapidamente a colocamos aqui no nosso meio, encerrada no relacionamento entre dois seres humanos. Essa é a incrível inversão do instintos humanos, o importante redirecionamento das energias humanas, que foi realizado pela feitiçaria da poção do amor. Ao nos sentirmos possuídos por nossos amores, presos a um poder que nos subjuga completamente, redescobrimos nossa vida religiosa. Enquanto estamos "apaixonados" por alguém, o mundo se reveste de tamanho significado, como nenhum mortal até hoje conseguiu proporcionar. Mas quando nos "desapaixonamos", o mundo instantaneamente parece ser desolado e vazio, apesar de continuarmos ao lado do mesmo ser humano que antes nos inspirara tanto êxtase.
É por isso que homens e mulheres exigem coisas tão impossíveis de seus

relacionamentos: nós realmente acreditamos, inconscientemente, que esse ser humano mortal tem a obrigação de nos manter sempre felizes, de tornar nossa vida significativa, vibrante, plena de êxtase!
Certa vez alguém disse: "O começo da sabedoria é a real compreensão do óbvio." Se pararmos de bebericar da poção do amor o suficiente para ver nela um símbolo, talvez possamos enxergar o que é evidente. À medida que continuarmos nossa viagem mística com Tristão e Isolda, viveremos com eles a história de todos os enamorados que provaram do vinho mágico. Veremos com maior clareza como misturamos nossa aspiração espiritual - nossa ânsia na busca do divino - com nossos relacionamentos humanos. Este é o conhecimento secreto que existe por trás do mistério do amor romântico: como respeitar e como conviver com essas duas poderosas energias que misturamos, de maneira tão deliciosa, embora tão arriscada, no vinho do amor.

7 - Isolda a Bela

No decorrer da nossa viagem, vamos nos deparando com muitos aspectos do feminino interior e descobrimos o papel que cada um deles tem a desempenhar, tanto na psicologia masculina, quanto na dinâmica do amor romântico. Já encontramos Blanchefleur, que simboliza o destino do feminino no nosso mundo patriarcal. Eis, agora, Isolda a Bela, a mais poderosa, a mais universal presença feminina no mundo moderno e talvez por este mesmo motivo - dentre todas, a mais difícil de ser compreendida.
Princesa de uma ilha mística, filha de uma rainha feiticeira, hábil nos mistérios da magia e do espírito, Isolda é em parte feiticeira e em parte mulher comum, parcialmente humana e parcialmente divina. Ela é o ideal interior do eterno feminino, a deusa que vive dentro da psique do homem, uma imagem de beleza e de perfeição que o inspira a buscar o significado da vida.
Jung deu um nome especial a este aspecto de nossa psique; ele o chamou de anima. Literalmente, anima significa "alma" em latim, pois Jung descobriu que a anima personifica a parte da psique que chamamos de "alma". Isolda a Bela, surge nos sonhos e nos mitos dos homens freqüentemente como uma figura de beleza sobre-humana, de expressão divina. É exatamente essa parte de si mesmo, a anima, que Tristão vê em Isolda no instante seguinte ao ter sorvido a poção. É na anima que o homem sente que encontrará o significado da vida, a

realização como ser, a plenitude e uma vivência cheia de êxtase.
O princípio feminino dentro de um homem é, acima de tudo, um princípio de "ligação"; mas a anima leva o homem a um tipo especial de ligação: ela personifica a capacidade que ele tem para se relacionar com o seu self interior, com o mundo interior de sua própria psique, com o inconsciente. Curiosamente, ela o afasta dos relacionamentos humanos, assim como afasta Tristão de sua lealdade para com o tio, tirando-lhe o senso de dever e de obrigação. Num determinado estágio de nossa evolução, a ligação que mantemos com nossa alma, e a que mantemos com a nossa esfera humana pessoal, entram em terrível conflito e este conflito é uma prova de fogo para se chegar à conscientização.
As mulheres têm uma estrutura psicológica equivalente no seu interior, a que Jung chamou de animus, a alma da mulher, da mesma forma que anima é a alma do homem. O animus, geralmente, se manifesta como uma força masculina e surge nos sonhos das mulheres como uma figura masculina. O relacionamento da mulher com o animus é diferente do relacionamento que o homem mantém com a anima, mas existe uma coisa que é comum a ambos: o amor romântico sempre consiste na projeção da imagem da alma. Quando uma mulher se apaixona, é o animus que ela vê projetado no homem mortal que está diante dela, e quando um homem bebe da poção do amor, é a anima, a sua alma, que ele vê sobreposta à imagem da mulher.
A projeção somente pode ser dissolvida quando o filho vê que no reino da sua psique existe uma imago... da filha, da irmã, da amada, da deusa celestial e da Baubo ctônica[8]. Toda mãe e toda mulher é forçada a personificar esta eterna e onipresente imagem, que corresponde à realidade mais profunda do homem. Ela lhe pertence, esta perigosa imagem da Mulher; ela substitui a lealdade à qual, devido a certas conveniências da vida, ele deve às vezes renunciar; ela é a compensação, extremamente necessária, pelos riscos, pelas lutas e pelos sacrifícios que geram tantos desapontamentos; ela é o conforto para a amargura da vida. E, ao mesmo tempo, ela é a grande ilusionista, a sedutora que, através de Maya, o arrasta para a vida - não apenas para os aspectos razoáveis e úteis da vida, mas também para seus assustadores paradoxos e ambivalências, onde o bem e o mal, o sucesso e a ruína, a esperança e o desespero, se equilibram mutuamente. Uma vez que ela é para o homem o perigo máximo, é o máximo que ela exige do homem, e se ele tiver este máximo dentro de si, ela o receberá. Esta imagem é "Minha Senhora Alma" (Jung, Aion, p. 24).
Uma das manifestações peculiares do nosso mundo ocidental, é que não temos mais qualquer idéia de termos uma alma. Quando nos perguntam o que á a alma, nossa mente fica em branco. A palavra alma não evoca sentimentos ou imagens; não existe nada em nossos sentimentos ou em nossa vida a que possamos nos

referir, dizendo: "Eis a minha alma - aí está ela." É uma palavra usada por filósofos, teólogos e poetas, mas não sabemos o porquê e, secretamente, duvidamos que eles o saibam. "Alma" tornou-se uma simples figura de retórica, um sentimentalismo.

A psicologia de Jung nos leva de volta à alma como uma realidade concreta, passível de ser conhecida, descrita e vivenciada. Aqui está o ponto de interseção entre a vida interior encontrada nas religiões antigas e a vida interior da psicologia dos arquétipos; ambas comprovam a realidade da alma, e ambas sabem que é apenas através da alma que encontramos o inconsciente, a vida interior, o lado que está além do ego e fora do âmbito estreito de sua visão superficial.

Existem três coisas que Jung disse a respeito da Alma, que nos podem guiar enquanto empreendemos esta jornada com Tristão e Isolda. Em primeiro lugar, a alma não é uma figura de retórica ou uma superstição: a alma é uma realidade psicológica, um órgão da psique; ela vive em nosso inconsciente, mas afeta profundamente nossa vida. Ela é aquela parte do inconsciente que - embora fora do ego, fora do seu raio de visão - funciona como mediadora entre o ego e o inconsciente. Segundo Jung, a alma é o órgão que recebe as imagens do inconsciente e as transmite para o consciente, ela é "tanto um receptor, como um transmissor".

---

8. Ctônico: relativo aos deuses e demônios que habitam as profundezas da terra. Baubo, feiticeira ou sacerdotisa que presidia as cerimônias de Elêusis. Estava ligada a Bubastis e Heket, deusas da luz lunar. (N.T.)

Em segundo lugar, a alma, assim como o inconsciente, manifesta-se por meio de símbolos: imagens que fluem do inconsciente na forma de sonhos, visões, fantasias, e todas as formas de imaginação. O ponto vital que Jung descobriu para nós é que perdemos o senso de alma porque perdemos o respeito pelos símbolos; nossa mentalidade moderna é treinada para achar que os símbolos são ilusões. Dizemos "é apenas imaginação", não nos dando conta de que todas aquelas partes que nos faltam, e pelas quais tanto ansiamos, aquele "caminho perdido que vai dar no céu", estão constantemente nos sendo oferecidos na linguagem esquecida da alma: os símbolos e as imagens que emanam através do sonho e da imaginação.

Em terceiro lugar, para os homens, o símbolo da alma é a imagem da mulher. Se um homem se conscientiza disso e sabe quando está usando a imagem da mulher

como símbolo de sua própria alma, então ele pode aprender a relacionar-se com essa imagem como símbolo e vivenciar internamente a sua alma. Jung diz: "Ela lhe pertence, esta perigosa imagem da Mulher." Quando o homem entende que esta imagem é sua, que ela "pertence a ele", então deu o primeiro passo em direção à conscientização do amor romântico. Ele começa a ver que "toda mulher é forçada a personificar esta eterna e onipresente imagem".

Todo homem precisa aprender a relacionar-se com pessoas e situações externas, mas é igualmente importante, e até mesmo mais premente, que ele aprenda a relacionar-se com o seu próprio self. Enquanto ele não aprender a enfrentar as razões, os desejos e as possibilidades ainda não vividas, que jazem no âmago do seu coração, ele não vai poder sentir. se interiormente completo, nem verdadeiramente realizado. Esta força interior, que constantemente nos impele a experimentar valores e possibilidades não vividos, é a mais impressionante força na vida humana. A anima é esta força para os homens: ela é a alma. Não causa espanto, portanto, que os homens a vejam como uma deusa, ela que, sozinha, é capaz de tornar a vida digna de ser vivida! O homem precisa relacionar-se com o mundo exterior tendo por base a força da unidade interior. Pois o sentido maior da vida deve ser procurado dentro de si mesmo - não fora, numa busca sem rumo - e só vai ser encontrado quando, finalmente, o homem trilhar os caminhos solitários de sua alma.

Aqui começamos a compreender uma parte do que acontece com Tristão quando ele bebe a poção do amor, e o que ele vê subitamente revelado em Isolda a Bela. À medida que o vinho mágico inflama os seus membros, ele passa a enxergar com novos olhos. Ele vê, não mais Isolda, a mulher sentada à sua frente, mas uma radiante visão da deusa que ele tem dentro de si, a qual, num passe de mágica, passou a habitar o corpo de uma mulher mortal. Isolda tornou-se a carne, a imagem e o símbolo dessa deusa, de modo que, ao olhar para ela, o que ele vê, na verdade, é a "Senhora Alma".

O lado bonito e bom do amor romântico faz parte da verdade do que é projetado, do que é visto através do objeto amado: a alma e o seu mundo mágico de imagens. Quem negaria esta visão ou esta experiência a um homem ou a uma mulher? No entanto... existe o outro lado, e precisamos enfrentá-Io. Observemos Tristão: foi só beber da poção do amor e o que aconteceu? As conseqüências no seu mundo humano, prático, são terríveis! Ele abandona seus deveres para com o Rei Mark. Esquece suas obrigações. Abre mão da moralidade, da lealdade, até da necessidade. O caminho da traição, que os amantes começaram a percorrer, só poderá levá-Ios à destruição. Ele sabe disso, mas já não se importa mais: "Então, que venha a Morte!"

Nós, ocidentais modernos, vemos uma série de complicações decorrentes desta

invasão da alma no mundo exterior, nos nossos relacionamentos humanos. Assim, o homem realmente começa a exigir de sua esposa ou de sua namorada, que ela seja a deusa, que ela seja a sua alma e lhe proporcione permanentemente uma sensação de enlevo e perfeição.

Ao invés de olhar para dentro de si mesmo, onde habita a anima) ele tenta extrair sua alma do ambiente externo; ou da mulher. E geralmente fica tão ocupado em projetar seu ideal interior nela, que raramente vê o valor e a beleza dessa mulher que está a seu lado. Se a sua projeção, porém, abruptamente se evapora, e com isso ele não está mais "apaixonado" no sentido romântico, vê-se, então, envolvido num terrível conflito. Ele quer seguir a projeção cada vez que ela se desprende e pousa numa outra mulher, como uma borboleta, de flor em flor. Eis o terrível conflito de valores, o terrível conflito de lealdade que existe em Tristão: de repente, nossas lealdades humanas e nossas projeções de alma estão caminhando em direções opostas, numa guerra encarniçada dentro dessa peça tão delicada e frágil que é o
relacionamento humano.

Por trás de todo este choque de valores existe, no entanto, algo de bom, algo de belo, que encerra uma grande força evolutiva:

A força que o empurra para a consciência e que o mantém no seu mundo consciente torna-se o pior inimigo quando você chega ao centro seguinte, pois ao chegar lá você estará realmente saindo deste mundo e tudo que o prende a ele é o seu pior inimigo. A maior benção neste mundo é a maior maldição no próximo. (Jung, Kundalini Yoga, 1976, p. 10-11.)

Sempre que você é chamado pelo destino, sempre que você é levado em direção do próximo chakra (nível de consciência), você experimenta a sensação de ficar "de cabeça para baixo", uma sensação de que o seu mundo foi revirado, e descobre que todos os valores e lealdades do mundo que você conhecia estão em conflito terrível com o novo mundo que o chama.

É isto o que acontece no amor romântico: o homem ocidental patriarcal perdeu a alma, e ela o chama energicamente, forçando-o a sair do seu velho mundo e penetrar em um outro, onde tudo parece estar de cabeça para baixo; e sempre, flutuando diante dos seus olhos, está a imagem de Isolda a Bela.

8 - A Poção do Amor na História

Freqüentemente, o mundo exterior parece responder à nossa viagem interior: a vida exterior e a História confirmam o que os sonhos e os símbolos míticos nos ensinaram. Da poção do amor nós aprendemos algumas coisas impressionantes sobre este fenômeno psicológico e cultural que chamamos de amor romântico. Constatamos, também, que o amor romântico em suas origens como "amor cortês" foi concebido como sendo uma disciplina "espiritual", o que vem confirmar o simbolismo encerrado na poção do amor. Através desta retrospectiva, vamos aprofundar-nos um pouco mais; vamos ficar sabendo que o culto do "amor cortês" teve suas raízes numa religião.

Durante muitos séculos, após o advento da era cristã, a Europa foi um verdadeiro mercado de religiões. À medida que o cristianismo era imposto a vários povos por reis e imperadores, estes povos continuavam adorando, aberta ou secretamente, seus velhos deuses e deusas e misturavam suas práticas religiosas "pagãs" com uma capa de cristianismo, em combinações que pareceriam muito estranhas nos dias de hoje. Muitos dos feriados seculares, tais como o Primeiro de Maio e o Halloween, eram originalmente celebrações religiosas; são remanescentes seculares de antigas religiões que foram suprimidas pelo cristianismo. O mesmo também é válido para ideais e convicções. Muitas das posturas e das crenças das antigas religiões foram consideradas heresias e externamente reprimidas, mas continuam vivendo, inconscientemente, dentro de nós e de nossa cultura por um motivo: correspondem a necessidades e realidades psicológicas humanas, que não são satisfeitas nem pela ortodoxia nem pelos conceitos "oficiais".

Eis uma forma válida para se examinar o amor romântico como uma força psicológica: é o veículo que nos traz de volta o que havia sido banido de nossa vida e de nossa cultura há muito tempo. A natureza humana é pródiga em recursos; inconscientemente ou não, sempre arranjamos uma maneira de nos agarrarmos àquilo que necessitamos.

Uma das mais poderosas entre as primeiras religiões foi o movimento maniqueísta, cujo nome deriva do profeta persa Manes. Na Europa, esta religião se tornou o "Catarismo", pois seus seguidores se auto-denominavam "cátaros", o que significa "puros". No século XII, cidades e províncias inteiras no sul da França, apesar de serem nominalmente cristãs, praticavam o catarismo, e uma boa parte da nobreza européia era formada por cátaros. Na França, o movimento foi conhecido como heresia albigense, por ter se centralizado na cidade francesa de Albi.

Uma de suas crenças básicas era de que o "amor verdadeiro" não era o amor humano comum entre marido e mulher, mas sim a adoração de uma mulher redentora, uma mediadora entre Deus e o homem, que recebia com um beijo

sagrado todo "puro" que chegava ao céu, e em seguida conduzia a ele, ou a ela, até o Reino da Luz. Em contraste com este amor "puro", a sexualidade humana comum e o casamento eram coisas bestiais e não-espirituais. Os cátaros acreditavam que o amor do homem pela mulher deveria ser uma alegoria terrena do seu amor espiritual pela Rainha do Céu.[9]

Muitos cristãos viam o catarismo como sendo um movimento reformista, uma reação contra a corrupção e os interesses políticos existentes dentro da hierarquia religiosa. A igreja patriarcal da Idade Média, há muito tempo sem contato com a alma feminina, se havia tornado materialista e dogmática. O que ela tinha a oferecer era uma série de leis e ensinamentos "revelados" - todos muito racionais e masculinos - e uma prática coletiva de ritual e dogma, que não dava às pessoas comuns a oportunidade de uma experiência pessoal com um deus vivo. Os cátaros, pelo contrário, praticavam uma moralidade exemplar e ofereciam uma experiência de Deus que era ao mesmo tempo pessoal, individual e lírica. Eles devolveram o feminino à religião: eles trouxeram de volta Isolda a Bela.

Os cátaros acreditavam num mundo feito de bem e mal absolutos. O espírito é bom, mas o mundo físico, esse é ruim. As almas são na verdade anjos, fragmentos de Deus, que se extraviaram do céu e foram aprisionados nessa matéria terrestre. Esse anjo heróico, que existe dentro de cada um de nós, almeja por uma existência espiritual pura no céu, mas Afrodite, a deusa da sensualidade, nos mantém aferrados à densa matéria física. Para encontrarem a salvação, os cátaros procuravam ser "puros", resistir às tentações que Afrodite colocava em seus caminhos, renunciar à sexualidade, comer frugalmente e evitar os apetites sensuais que nos fazem cair nas ciladas desse mundo de aflições e de maldades. Assim sendo, os cátaros evitavam a sexualidade e o casamento.

O alvo de sua veneração era a figura feminina da Redentora, um ser de pura luz, vestida toda de branco, que nos aguardava no céu para nos conduzir à presença de Deus. A salvação para os cátaros vinha apenas pela morte física: era preciso deixar este corpo e partir ao encontro da Senhora nos céus. Mas a preparação do homem cátaro para a libertação da carne era ver a mulher, não como esposa, não como companheira mortal ou parceira sexual, mas como uma imagem da Redentora - adorá-Ia com paixão, mas sempre como um símbolo, sempre como um lembrete de um "outro mundo", cheio de pureza e de luz.

O papa declarou o catarismo uma heresia e São Bernardo de Clairvaux, por meio de implacáveis cruzadas, condenou-o à segregação. Mas, como toda poderosa idéia que é forçada a permanecer underground, o catarismo reapareceu sob outra forma - uma forma supostamente "profana". Os ensinamentos e os ideais dos cátaros subitamente reapareceram no culto do "amor cortês", nas canções e poemas dos trovadores e nos "romances". Alguns historiadores acreditam que o

"amor cortês" foi uma continuação "profana" deliberada do catarismo, e que os cavaleiros e as damas que primeiro praticaram o "amor cortês" eram cátaros, dando prosseguimento às suas práticas religiosas sob o disfarce de um culto leigo do amor. Para os de fora, parecia ser uma nova e elegante maneira de fazer a corte, de lisonjear e conquistar belas donzelas, mas para os que conheciam o "código", era uma prática alegórica dos ideais cátaros.

O ideal do "amor cortês" espalhou-se rapidamente pelas cortes feudais da Europa medieval e iniciou uma revolução em nosso comportamento frente a valores femininos como amor, afinidade, sentimentos elevados, devoção, experiência espiritual e ânsia de beleza. Essa revolução amadureceu e veio a gerar o que chamamos. de romantismo. O romantismo, por sua vez, também revolucionou nosso comportamento frente às mulheres, mas deixou uma estranha divisão em nossos sentimentos. Por um lado, os ocidentais passaram a ver a mulher como a encarnação de tudo o que era puro, sagrado e completo; a mulher tornou-se o símbolo da anima: "Minha Senhora Alma". Mas, por outro lado, ainda presos à mentalidade patriarcal, os homens continuaram vendo a mulher como o veículo do sentimentalismo, da irracionalidade, da apatia e da fraqueza características que são antes sintomas do lado feminino do homem, que propriamente características das mulheres.

Ainda não ocorreu ao homem ocidental a possibilidade de deixar de encarar a mulher como símbolo de alguma coisa e começar a vê-Ia simplesmente como uma mulher - como um ser humano. Ele está enredado na ambivalência que experimenta em relação ao seu próprio interior feminino, às vezes correndo em direção a ele em busca de sua alma perdida, às vezes desdenhando-o como sendo uma desnecessária complicação em sua vida, uma "peça solta na engrenagem" de seu maquinário patriarcal. Esta é a fratura não cicatrizada dentro do homem e que ele projeta sobre a mulher, é a guerra que ele trava às custas dela.

---

9. Teoria filosófica também encontrada no Neo-Platonismo, com Plotino, e que deu origem ao "Culto Marial" da Idade Média. (N. T.)

Algumas coisas mudaram desde os tempos do "amor cortês". No início, quando ainda era um ideal espiritual, o "amor cortês" não permitia a sexualidade ou o casamento entre os enamorados. Eles sentiam que a vibração transcendental contida na adoração não podia misturar-se com um relacionamento pessoal, com o casamento ou o contato físico. Nós, pelo contrário, sempre misturamos romance com sexo e casamento. O principal conceito que não se modificou no decorrer dos séculos é a nossa crença inconsciente de que o "amor verdadeiro"

deve ser uma adoração religiosa mútua tão irresistível, que nos faça sentir que todo o céu e a terra nos são desvelados através deste amor. Mas, ao contrário dos nossos antepassados "corteses", tentamos trazer esta adoração para a nossa vida pessoal misturando-a com o sexo, o casamento, o preparo do café da manhã, as contas a pagar e os filhos para criar.

A crença cortês de que o verdadeiro amor somente pode existir fora do casamento ainda permanece entre nós, e nos afeta, inconscientemente, mais do que imaginamos. O homem espera que a mulher cuide das crianças, ponha comida na mesa, contribua para a renda familiar e o apoie nas lutas do dia-a-dia, mas uma outra parte dele quer que ela seja a encarnação da anima, a sagrada Senhora dos céus, sempre bela e perfeita. Ele se pergunta como é possível que a deusa pura e radiante que ele adorava se tenha transformado nessa esposa comum que parece ser extremamente desarrazoada. A mulher vê o marido trabalhando, pagando as contas, consertando o carro e defendendo os seus impérios, vivendo o lado comum da vida. Ela se pergunta o que aconteceu com o cavaleiro que a adorava nos tempos de namoro, aqueles tempos em que tudo era tão marcante, tão sublime, tão delicioso. A antiga crença inconsciente retorna para persegui-Ios, sussurrando que o "verdadeiro amor" está em algum outro lugar e que ele não pode ser encontrado em meio aos fatos corriqueiros do casamento.

Estas são as fraturas terríveis que todos carregamos dentro de nós. Por um lado, queremos estabilidade e um relacionamento afetivo com um ser humano comum; por outro, inconscientemente, exigimos alguém que seja a encarnação da alma, que desvele a divindade e o Reino da Luz, que nos transporte a um estado de adoração religiosa e que torne a nossa vida um permanente êxtase. E eis que encontramos, disfarçado, mas vivo dentro de nós, o ideal religioso, a fantasia dos cátaros.

Cada um destes ideais é uma verdade psicológica: cada um é uma fantasia agindo através de nós, para nos dizer quem somos, do que somos feitos e do que necessitamos.

A religião dos cátaros e o seu fruto, o "amor cortês", são responsáveis pela mais grandiosa fantasia que vive na mente do homem ocidental, a fantasia que o amor romântico representa atualmente para nós. Mas esta impressionante fantasia não é uma ilusão: toda fantasia é realidade, realidade expressa em símbolo e fluindo de uma fonte inefável. O catarismo é a fantasia de se encontrar a alma perdida. É a milagrosa fantasia de descobrir que o mundo interior é real, que a alma é real, que os deuses são reais, e que realmente podemos encontrar esse mundo, essa beleza, essa comunhão com os deuses.

Muitos homens concordariam que o amor romântico é uma "fantasia", mas não

saberiam avaliar que coisa maravilhosa eles afirmaram - pois da mesma forma que é uma fantasia, também é uma verdade, uma verdade que podemos viver, desde que consigamos compreendê-Ia corretamente. A verdade por trás da fantasia precisa ser merecida. Para encontrar essa realidade, precisamos olhar através da fantasia e dos seus símbolos; precisamos desistir de tentar viver o catarismo e as fantasias do "amor cortês", ao pé da letra fora de nós, com pessoas mortais, num mundo temporal - e passar a viver a verdade dessa fantasia como um evento interior, um fato interior, vivenciado no reino atemporal Dela, a quem agora damos existência.

9 - Astúcia e Força

Nós acompanhamos Tristão em duas viagens pelos mares até a Irlanda. Na primeira, ele está mortalmente ferido, à deriva sobre as águas - apenas com sua harpa - confiando que o mar o levará à cura. Sua viagem interior leva-o a Isolda a Bela, uma mulher de beleza insuperável e de dons miraculosos. Mas,. curiosamente, ele não se interessa por Isolda; se a ama, ele ainda não sabe disso e não faz esforço algum para tornar-se seu amigo ou para conquistá-Ia. Somente quer que ela o cure para poder retornar à Cornualha, de volta ao seu status quo. Na Cornualha desenrolam-se fatos e atitudes inquietantes: o Rei Mark recusa-se a ter uma rainha, e durante todos esses anos, desde a morte de BlanchefIeur, não houve sequer uma presença feminina na corte da Cornualha. Mas o Rei Mark hão quer casar-se, ele não deseja uma esposa ou uma rainha. Sobre Isolda a Bela, ele com certeza ouve falar, porém, não demonstra mais interesse que o próprio Tristão. Assim, o rei e seu sobrinho retornam à rotina, contentando-se em organizar justas sangrentas, vencer guerras, executar inimigos, matar dragões e tantos outros passatempos masculinos. E quando Tristão retorna à Irlanda, não é para procurar Isolda pelo que ela é ou representa para ele, nem muito menos porque ele a valorize ou queira com ela ter algum tipo de relacionamento. Ele vai tal qual um pirata ao ataque, por "astúcia e força", para arrebatá-Ia como um despojo de batalha.

Por que Tristão parte em busca da Rainha dos Cabelos de Ouro? A princípio, seus motivos parecem ser nobres e altruístas quando diz ao Rei Mark: "Eu arriscarei minha vida por vós, para que vossos barões saibam que eu vos sirvo com lealdade". Mas, por trás dessas palavras, sabemos realmente o que ele quer,

e ele quer usar Isolda como garantia na sua disputa com os barões, quer trazê-Ia para casa como mais um motivo de glória. Um troféu para sua masculinidade, prova de que ele é o mais leal e o mais bravo dos campeões da corte da Cornualha. Assim é que transformamos as virtudes do herói em defeitos, pois na atitude de Tristão para com Isolda está refletida a atitude do homem ocidental em relação à sua alma.

Quando nos vemos tão feridos que nada nos pode ajudar, quando não conseguimos encontrar nada entre os inúmeros truques do ego que possa restaurar o significado ou a sanidade de nossa vida, então, com relutância, apelamos para nossa alma. Como Tristão, finalmente nos colocaremos à deriva no inconsciente: finalmente iremos explorar nossos domínios internos e buscar o significado da vida. Mas depois de lá termos estado e de termos encontrado a cura pelas mãos de Isolda, imediatamente voltamos a centralizar a vida do ego patriarcal: nossos projetos, nossas linhas de produção, nosso status e prestígio no mundo exterior. Como Tristão, ficamos excessivamente preocupados com as aparências: o que é que os outros barões pensam de nós? Quem é o maior dos campeões? Quem produz mais? Quem ganha mais dinheiro?

A recusa do Rei Mark em se casar é um símbolo agourento. No mito ou no sonho, o fato de o rei não tomar uma rainha e, assim, não ter um herdeiro, simboliza a não aceitação da totalidade, a recusa de crescer, a não aceitação do destino que vem sob a forma de uma criança. Nos velhos tempos, as pessoas se preocupavam quando o rei não tinha geração; eles temiam que o solo não continuasse fértil, que as chuvas não caíssem, que as suas famílias tivessem poucos filhos, que o reino ficasse seco e estéril. Por outro lado, o casamento do rei ou da rainha e o nascimento de um herdeiro provocavam alegria. Ainda hoje, quando um monarca ou um príncipe gera um filho, principalmente um herdeiro do trono, o mundo inteiro se mostra interessado e milhões de pessoas se rejubilam como se estivessem pessoalmente envolvidas com essa criança. Existe uma grande energia psicológica subjacente à reação coletiva, frente ao nascimento de uma criança real. Ao nível mais profundo da psique, o rei e a rainha simbolizam para nós a evolução do seIf, e o herdeiro recém-nascido simboliza a nova consciência e a força que temos dentro de nós em potencial. Sejam quais forem nossas atitudes conscientes em relação à realeza, é muito bom lembrar que existe uma realeza arquetípica dentro de cada um de nós. O símbolo do rei e da rainha dirige nossa consciência para o que existe de mais elevado e de mais verdadeiro dentro de nós, e para o potencial que temos para realizar a síntese de valores masculinos e femininos.

Assim, a recusa do Rei Mark em tomar uma rainha nos informa que alguma coisa está faltando na psique do homem ocidental. Ele não apenas perdeu o

feminino, como também nem sequer está interessado, pois nem ao menos sabe - conscientemente - que o perdeu. Perseguimos durante tanto tempo nossos valores masculinos e nossos valores exteriores, que passamos a considerar a alma como sendo uma complicação desnecessária num mundo masculino ordeiro e organizado.

Estranhamente, são os barões "malvados", os inimigos mortais de Tristão, que desafiam esse estado de coisas. Do ponto de vista de Tristão, eles são "bandidos" na psique, mas é sempre alguma coisa que consideramos como sendo ruim em nós mesmos, que nos impele para a totalidade. É uma ameaça, um grão de areia na engrenagem, algo que perturba o mundo do nosso ego e desarranja nossa vida "tipo linha de produção". Pode ser uma doença, o stress causado por excesso de trabalho, uma neurose que surge de repente e que perturba nossa vida, forçando-nos a procurar o significado que está dentro daquilo que não conseguimos explicar. Os sintomas e as seqüelas nos parecem ser "bandidos" que apenas querem nos causar problemas, mas são estes malvados que nos forçam a sair em busca da rainha.

Quando finalmente nos pomos a caminho à sua procura, partimos, como Tristão, com "astúcia e força". Quando a vida fica estéril, saímos em busca da anima, mas nós a queremos sob nossas condições; queremos apropriar-nos dela como um suplemento para o ego, um enfeite para a persona. Queremos que a anima nos encha de energia, que ilumine nossa vida, que nos dê um significado e uma direção e que torne a vida mais emocionante. Mas não queremos dela aprender - nos termos dela - e não queremos tratá-Ia em termos de igualdade. Tristão quer usar Isolda como garantia no jogo político, usá-Ia para selar alianças entre egos masculinos. Essa é a nossa atitude usual.

Tristão, que nos conta coisas do nosso heroísmo, também nos mostra porque esse heroismo se perdeu. Quando está no banho de ervas, convence Isolda de sua devoção, com doces palavras:

"Filha do rei... um dia duas andorinhas voaram para Tintagel levando um fio dos vossos cabelos de ouro, e achei que elas me traziam bons augúrios e paz, por isso cruzei os mares à vossa procura. Enfrentei o monstro e seu veneno. Vede, entre os fios de ouro do meu brasão, vosso cabelo foi entrelaçado: o ouro escureceu, mas o cabelo continua brilhando." É possível que toda a tragédia na vida do homem moderno tenha tido seu início com esse logro fatal, pois é a si mesmo que ele engana. O que há de belo nas palavras de Tristão é o fato de elas estarem tão certas, porém, a tragédia, é que ele só falou da boca para fora. Se ele fosse sincero em suas palavras, isso representaria um grande passo evolutivo, uma reviravolta no ego masculino ocidental, uma construtiva busca do feminino. Mas, se o nosso antepassado patriarcal, Tristão, não fez valer o que disse, quais

as conseqüências desse ato para nós? Será que poderíamos aprender a nos aproximar do lado feminino da vida com estas mesmas belas palavras, mas usando de sinceridade? A anima envia-nos mensagens de paz, mas será que após séculos de astúcia seremos capazes de nos aproximar dela honestamente? Quando Isolda ouve as belas palavras de Tristão, quando fica sabendo que um dos seus cabelos dourados está entrelaçado no brasão dele, ela abaixa a espada. Vai em busca dessa prova de devoção e, pensando tê-Ia encontrado, depõe a espada e, ao invés de golpeá-Io, beija-o. Aqui vemos um exemplo de como o feminino interior e a mulher exterior são semelhantes. O princípio que norteia a ambos é o sentimento de afeição, de afinidade. Como Isolda, se uma mulher é ignorada ou se sente ferida por um homem, freqüentemente ela irá encontrar uma forma de voltar a espada dele contra ele mesmo, para feri-Io através de seu próprio impulso. No momento em que o homem desperta para a sua própria necessidade e oferece o seu amor, conseguindo relacionar-se positivamente com ela, a mulher tem um poder quase mágico de perdoar. O feminino usa a espada de seu antagonista e quando o antagonista enterra a espada e oferece a afeição, a mulher enterra a sua, no mesmo instante. A agressão, assim, é transformada em afeição. O feminino, independentemente de se manifestar na mulher ou no homem, geralmente abandona suas queixas e mágoas, esquecendo os ferimentos do passado, quando lhe oferecem, no presente, um relacionamento baseado numa afeição genuína. Este é um dos mais nobres e belos instintos da mulher, uma das formas pelas quais ela serve à vida e transforma a vida. Afeição, ligação, é o seu primeiro princípio, a tônica de sua natureza, a principal razão de sua vida, mais do que qualquer outra coisa.

Assim é com Isolda. Quando Tristão a convence de que lhe está oferecendo afeição e amor, e que a valoriza e deseja por ela mesma, então todo o ódio e todos os planos de vingança são colocados de lado; ela. abaixa a espada. Estão aqui dois lados da anima. A alma não é apenas um sentimento cálido que carregamos dentro de nós e tiramos para usar em casos de necessidade, ignorando-o no mais das vezes. Ela também assim como a mulher precisa de ligações afetivas nas relações com o mundo interior e também exige uma parcela do esforço e do tempo de um homem. Quando ele a ignora, ela se enraivece muito. A anima vai ao ataque usando a espada dele mesmo, ameaçando-o violentamente; ela perturba a vida dele, cria-lhe obsessões e neuroses, e consegue entrar na brecha das projeções e das convulsões do amor romântico. A anima, de espada na mão, é um ser perigoso, capaz de deixar um rastro de destruição por onde passa, mas, como Isolda, está disposta a fazer as pazes. Se formos ao seu encalço, se a tratarmos de igual para igual, se procurarmos seu mundo e sua sabedoria, ela saberá fazer as pazes e abrirá para nós seu mundo

interior.
Infelizmente, o homem ocidental é como Tristão, um homem que sabe levar as pessoas na conversa. Aqui, porém, existe uma charada, um enigma que oferece uma saída: freqüentemente, quando mentimos, sem querer estamos dizendo a verdade. O que conscientemente achamos que não queremos dizer, é exatamente o que é a verdade ao nível inconsciente. Tristão acredita que está mentindo. O que ele não sabe é que por trás de seus motivos conscientes, seu inconsciente o impele inexoravelmente em direção a Isolda. Tudo o que disse a ela é verdade, nas profundezas do seu ser, se bem que será ele o último a percebê-lo.
Por que Isolda crê nele? A alma é uma feiticeira vidente; ela não é tola! Por que ela crê nele? Porque ela é capaz de ouvir a verdade que está por detrás da mentira, e é à verdade mais profunda que o feminino interior reage.
Nossas falsidades freqüentemente expressam necessidades e desejos inconscientes mais profundos, aqueles que não conseguimos reconhecer conscientemente. Mas esta afirmação não nos dá carta branca para enganar ou para trair. Se aprendêssemos a procurar a verdade que existe dentro de nossas fraudes, seja quando mentimos para nós mesmos ou quando mentimos a outros, então poderíamos responsabilizar-nos por essas verdades e passar a vivê-Ias francamente, honestamente.
Como Tristão, todos nós já dissemos palavras poéticas, floreadas, que pensamos não terem sido honestas, mas se examinarmos cuidadosamente, a origem oculta e secreta de tais palavras, descobriremos que é por Isolda que buscamos e que é de Isolda que precisamos.
Tristão não sabe do que necessita nem o que busca e, assim, por uma estranha e inversa alquimia do inconsciente, ele transforma a sua verdade numa mentira. Quando Isolda, diante dos barões irlandeses, fica sabendo da real intenção de Tristão e percebe ter sido enganada, uma faca penetra seu coração e ela freme "de humilhação e dor".
Tristão, tendo-a conquistado, agora a desdenhava; a bela história do cabelo de ouro não passara de uma mentira! Era a outro que ele a entregava... Assim... Tristão, usando a força e a astúcia, conquistou a Rainha dos Cabelos de Ouro.
Mas força e astúcia acabam por não funcionar. Pela astúcia e pela força o ego masculino é colocado contra seu próprio self - contra suas necessidades mais profundas e contra sua própria alma. Tristão acredita ter conquistado o feminino, e que o arrastará para casa para garantir alianças e firmar o poder do ego masculino.
Mas, ele não sabe o que tem pela frente! Acredita-se conquistador, porém, o conquistado será ele próprio. O destino dispõe diante de Tristão uma ânfora de barro repleta de um vinho raro e revigorante, e ele, sem nada suspeitar, dele bebe

sofregamente.

PARTE III

A NARRATIVA

De Como Tristão e Isolda Vagaram pelo Bosque Encantado

De volta à nossa história, encontramos Tristão e Isolda numa pequena embarcação que se dirige ao litoral da Cornualha. Tristão tem nos braços a Rainha dos Cabelos de Ouro - a que estava destinada ao rei.
O Rei Mark ficou maravilhado e todo o povo encheu-se de alegria quando viram a nova rainha; pois era ela a mais bela jovem jamais vista naquelas terras, e era bondosa tanto com os nobres quanto com os plebeus. As bodas reais foram comemoradas com pompa e alegria, mas, na noite do casamento, Isolda fez com que Brangien, a criada, tomasse o seu lugar no leito do rei. Vestiu-a com roupas suntuosas e lançou-lhe um feitiço para que pudesse enganar o rei. Assim, ele foi enganado e jamais veio a saber que a rainha perdera a virgindade nos braços do seu belo sobrinho, antes mesmo de pisar o solo da Cornualha.
Tanto o povo como os barões estavam satisfeitos com a rainha, mas no coração de Isolda e de Tristão ardia um fogo que não podia ser contido. Descuidando-se do perigo, encontravam-se em segredo e saciavam sua paixão.
Atrás do castelo havia um belo jardim de flores perfumadas, onde jorrava uma fonte de águas borbulhantes. No meio desse jardim, erguia-se um pinheiro muito alto, onde os amantes costumavam encontrar-se, protegidos - acreditavam eles - de olhares indiscretos. Ao amanhecer, quando sofriam as tristezas da despedida, dizia Isolda às vezes:
"Tristão, eu ouvi dizer que o castelo é mágico, e que duas vezes por ano ele desaparece, pois que desapareceu agora e este é o bosque encantado que os tocadores de harpa cantam. Uma muralha etérea o envolve; existem árvores floridas e o solo é perfumado; aqui, sem ficar em guarda, o herói se entrega nos braços da amiga, e nenhum poder hostil consegue abalar a muralha etérea..."
"Não", disse Tristão... "este não é o bosque encantado mas, um dia, amiga,

iremos juntos a uma terra bem-aventurada, da qual ninguém jamais retorna. Lá se ergue um castelo de mármore branco; em cada uma de suas mil janelas arde a luz de uma vela; e em cada uma, um menestrel toca e canta uma melodia sem fim; o sol lá não brilha, mas ninguém sente falta de sua luz: é a Feliz Terra dos Vivos."
Tão ardentes eram os olhares que trocavam entre si e isso dia após dia, que a paixão de ambos podia ser vista por todo aquele que se desse ao trabalho de olhar. Foi assim que os malvados barões - que Deus os amaldiçoe! - os espionaram e os denunciaram ao rei e o levaram ao local do encontro. Colocaram-no no alto do pinheiro, e lá o rei esperou até que viu Isolda chegar sorrateiramente. Mas tão intensa era a luz da lua, que a rainha viu a sombra do rei projetada no chão. Tremeu de medo e rezou para que Tristão não viesse. Pouco depois, Tristão saltou o muro como uma pantera silenciosa, e Isolda gritou com o intuito de avisá-lo: "Senhor Tristão, dizei-me rapidamente por que pedistes um encontro tão secreto, pois que o rei, caso viesse a saber, pensaria o pior e isso custaria minha vida."
Tristão, então, olhou para a água da fonte, viu a silhueta do rei e compreendeu porque Isolda lhe dirigia palavras tão ásperas. Como sua presença de espírito fosse tão rápida quanto sua espada, ajoelhou-se prontamente e implorou que a rainha intercedesse por ele junto ao rei Mark, para convencê-lo de sua lealdade. Lastimou amargamente que traidores tivessem acusado a ambos: "Sabei, ó rainha, que enfrentarei qualquer cavaleiro em combate para provar vossa pureza e minha inocência."
Assim foi que os amantes representaram, e por ter acreditado na inocência deles, o Rei Mark baixou a flecha que estava apontada para o coração de Tristão. Quando Isolda contou a Brangien a aventura daquela noite, ela exclamou: "Isolda, Deus permitiu um milagre, pois Ele tem compaixão e não castiga os que não têm culpa no coração."
Como o rei estivesse irado contra os quatro malvados barões, estes desapareceram de suas vistas.
Ainda assim, Tristão não queria abrir mão da rainha e corria todos os riscos pelo prazer de tê-Ia nos braços. Um dia, finalmente foram surpreendidos e as provas ficaram tão evidentes que o rei, furioso como um javali ferido, enviou os amantes para o cadafalso para serem queimados. Mas, no caminho para o cadafalso Tristão e a guarda passaram por uma capelinha no alto de uns rochedos que davam para o mar. Os guardas permitiram que Tristão lá fosse dizer suas últimas preces. Uma vez na capela, disse ele: "Prefiro atirar-me desses rochedos a ir em desonra para o cadafalso." E jogou-se pela janela, rochedo abaixo. Mas, um vento forte enfunou seu manto. O sopro de Deus amorteceu sua queda e ele

pousou em segurança na praia. Seu fiel escudeiro que presenciara a queda, acorreu com armas e montaria e fugiram a toda pressa.
O rei, espumando de raiva, entregou Isolda a um bando de leprosos para que se deitassem com ela, condenando-a assim a uma morte lenta. Mas Tristão enfrentou-os com sua espada, venceu-os e fugiu com Isolda para a erma Floresta de Morois.
Por três anos viveram os amantes na floresta, alimentando-se de raízes, ervas e carne de animais silvestres. Ficaram só pele e osso, pálidos, e suas roupas se transformaram em farrapos. Apesar de tudo, ainda se olhavam com aquele olhar perdido, e com a poção ainda circulando no sangue, não percebiam que estavam sofrendo.
Um dia, por acaso, encontraram-se com o eremita Ogrin, um homem santo e justo, que ao dar com os olhos neles, assim repreendeu Tristão:
"Que Deus vos ajude, Senhor Tristão, pois perdestes este mundo e o outro! O homem que trai o seu senhor merece ser estraçalhado por cavalos e queimado na fogueira, e onde quer que suas cinzas caiam, não mais crescerá a grama... Senhor Tristão, devolvei a rainha ao homem que a desposou por direito, segundo as leis de Roma... Fazei penitência, Tristão."
Mas Tristão respondeu:
"E de que crime deverei eu arrepender-me, Ogrin, meu senhor?... Vós que estais aí para julgar-nos, sabeis de que cálice bebemos em pleno mar? Aquele bom gole que bebemos nos inebria a ambos. Por mim, preferiria... viver de raízes e ervas junto de Isolda a, na falta dela, ser rei de um grande reino."
Assim, dirigiu-se Isolda ao Senhor Ogrin:

"Sire, par Dieu omnipotent
II ne m'aime pas, ne je lui.
Fors par un herbé
Dont je bui
Et il en but: ce fu pechiez."[10]

"Senhor, por Deus onipotente,
Ele a mim não ama, nem eu a ele.
A culpa foi de uma poção de ervas
Da qual bebi
E ele bebeu: esse foi o pecado."

Assim, Tristão e Isolda negaram sua culpa e disseram a Ogrin que a culpada era a poção e voltaram para a floresta.

Pouco depois, um ladino lenhador encontrou a cabana em que estavam e, correndo para Tintagel, o desavergonhado traidor vendeu-se ao rei para conduzi-Io aos amantes. Chegando ao local, o rei desmontou e furtivamente aproximou-se de espada na mão, mas deparou-se com os dois, inteiramente vestidos, dormindo no chão. A espada de Tristão, desembainhada, jazia entre eles, e seus semblantes eram castos e inocentes.

---

10. O texto em francês antigo foi tomado da versão de Béroul. (N. A.)

O rei, então, pensou consigo próprio:
"Deus meu, não devo matá-los! Durante todo o tempo em que viveram juntos nessa floresta, tivessem eles sido consumidos por um amor desenfreado, teriam colocado esta espada entre eles? Não sabe, então, o mundo inteiro que uma espada desembainhada separando dois corpos é a prova e a guardiã da castidade? Se eles se amassem com um amor desenfreado, estariam aqui deitados com tanta pureza?"
Mark, então, tirou um anel do dedo e colocou-o no de Isolda e, retirando a espada de Tristão, cravou a sua no lugar. Assim, deixou-Ihes os sinais de reconciliação e de perdão.
Ao acordarem sobressaltados, Tristão e Isolda encontraram a espada e o anel do rei, e o medo que tomara conta deles, lentamente transformou-se em espanto. A compaixão do rei perturbou-os mais que seu ódio. Pela primeira vez, Tristão perguntou-se se agira certo; sentia falta do amor de seu tio e de sua camaradagem.
"Mas", pensou, "ele irá retomar Isolda! Que estou pensando? Como poderia eu suportar isso? Melhor teria sido se o rei me tivesse matado durante o sono, pois agora, com sua compaixão, ele despertou minha consciência!"
Tristão relembrou-se da época em que Isolda fora rainha ao lado de Mark, como vivera num castelo repleto de finas sedas; na floresta, agora, ela vivia como uma escrava, desperdiçando a juventude numa vida selvagem, numa choupana.
"Realmente", pensou ele, "ela é a sua esposa, ela é a rainha, casada pelas leis de Deus e coroada diante de todos os barões. Certamente devo entregá-Ia ao rei."
Durante a noite toda não pode decidir-se, atormentado pelo sofrimento. Isolda, por sua vez, também pensou melhor:
"Tristão deveria ter ficado no castelo do rei entre seus pares, deveria ter partido para aventuras, mas por minha causa esqueceu-se de que é cavaleiro; exilado está da corte e está sendo procurado, levando uma vida à toa e inútil!"
De comum acordo, resolveram que ela deveria voltar para o rei. Mas, disse

Tristão:
"Senhora, aconteça o que acontecer, e onde quer que eu vá, somente serei vosso, pois que servirei a um único amor."
Os amantes, então, partiram para os limites da floresta, ao encontro de Ogrin, o eremita, que ao vê-Ios exclamou:
"Amigos, não quereis finalmente arrepender-vos da loucura? Tristão, meu filho, não ireis devolver a rainha e pedir misericórdia ao rei?"
Ao que Tristão respondeu:
"Ogrin, meu senhor, para o nosso amor não pode haver penitência. O que não quero é que Isolda se consuma nesta terra inóspita por minha causa. Peço-vos, senhor, que envieis um pedido por escrito ao rei dizendo-lhe que se ele aceitar a rainha, eu a devolverei, e se ele me aceitar como seu vassalo, retornarei para cumprir o meu dever."
Ogrin, diante do altar rezou e louvou a Deus. Depois, o bom eremita, usando belas palavras, como era próprio dos sacerdotes, escreveu o pedido e o enviou ao Rei Mark, na mesma noite.
Assim que o rei reuniu o conselho formado pelos barões, mostrou-Ihes o documento e ordenou que fosse lido para todos. E os barões disseram:
"Senhor, deixai que a rainha volte para o vosso lado. Quanto a Tristão, permiti que ele deixe estas terras e vá servir o rei da França ou, quem sabe, o rei dos Países do Norte, pois caso ele retorne a Tintagel, sempre haverá rumores e intrigas, o que porá a coroa em risco de desonra."
E assim foi: o Rei Mark enviou sua mensagem a Tristão dizendo-lhe que devolvesse a rainha num determinado dia, deixando-a na margem do rio à altura do vau, e que depois abandonasse as terras da Cornualha para servir outros reinos.
No dia em que Tristão devolveu Isolda, os amantes sentaram-se em um belo recanto da floresta e choraram amargamente e, antes de irem ter com o rei, trocaram muitas juras:
"Senhora", disse Tristão, "onde quer que meu destino me leve, enviar-vos-ei mensageiros, e caso me venhais a buscar, virei a vós, não importando a que senhor eu esteja servindo, não importando quão longe eu esteja. "
Isolda deu a Tristão um anel de jaspe verde dizendo:
"Amigo, tenho aqui um anel de jaspe verde. Tomai-o pelo amor que sentis por mim e colocai-o em vosso dedo; se alguém vier a mim dizendo que foi enviado por vós, nele não acreditarei se não me mostrar este anel; mas, assim que o vir, não haverá poder ou édito real que me impeça de fazer o que de mim pedirdes - ato sábio ou sandeu.
Depois da volta de Isolda, o país tornou a ser feliz, e todo o povo da Cornualha

viveu em paz. Os barões malvados, porém, continuavam a falar mal de Isolda, dizendo que agira mal junto com Tristão, o que acabou por chegar aos ouvidos da rainha. Isolda, então, exigiu de seu esposo e rei o que era seu de direito: o Julgamento de Deus. É assim o julgamento: uma barra de ferro é aquecida até ficar rubra; Isolda deve jurar que diz a verdade, sobre relíquias de santos e, em seguida, segurar a barra de ferro incandescente. Se ela estiver falando a verdade, Deus não permitirá que o ferro queime suas mãos (e isso todos os bons cristãos sabem}. Mas, se ela estiver mentindo, então o ferro a queimará, e todos saberão que é culpada, e ela deverá, por sua traição, ser queimada na fogueira.
Isolda enviou um recado a Tristão pedindo sua ajuda num plano secreto e, assim, no dia do julgamento, Tristão foi à praia disfarçado como um pobre peregrino, com roupas esfarrapadas.
Lá, tudo estava preparado para o julgamento: o fogo aceso e ao lado dele as relíquias sob guarda, e o cadafalso com lenha e galhos secos.
A rainha aproximou-se da praia em seu barco e, apontando Tristão, disse a um cavaleiro:
"Chama aquele pobre peregrino para me carregar pela areia molhada, para que eu possa chegar diante do povo limpa e com boa aparência."
Tristão entrou na água, tomou a rainha nos braços e a carregou até a areia seca. Vestida de branco cor da neve, ela se postou diante dos barões de Tintagel e de Camelot - pois até o Rei Arthur e sua corte vieram de Camelot para servir de testemunhas, para que ninguém jamais pudesse questionar o Julgamento de Deus - e todos estavam pasmados com a beleza da rainha. Então, segurando as relíquias dos santos, ela fez seu juramento:
"Juro pelos santos, que homem algum jamais me tomou nos braços além de meu marido, o rei, e também aquele pobre peregrino que me carregou do barco até aqui."
Depois disso, pálida de medo mas firme e decidida, a rainha foi direto ao fogo e apanhou o ferro em brasa e o segurou nas mãos, enquanto dava nove lentos passos, após o que, lançou-o ao chão. Abrindo os braços em forma de cruz, encarou as pessoas e lentamente abriu as mãos. E pasmem! as palmas estavam frias e incólumes. O povo quedou-se em silêncio, maravilhado e, depois, todos ao mesmo tempo, louvaram a Deus, chorando de alegria.
Apesar de todos os problemas e sempre escapando por um triz, Tristão não queria deixar a Cornualha nem podia manter-se afastado da rainha. Uma noite, sorrateiramente, foi até a janela da amada e imitou o canto do rouxinol; a rainha conhecia bem aquele canto; relembrou seu juramento a Deus, seu juramento a Ogrin, seu juramento ao rei, e sentiu o perigo da morte. Mesmo assim, exclamou:

"Que importa a morte ? Vós me chamais, vós me quereis, eu irei!"
Assim, eles se encontravam na escuridão das noites e saciavam seu amor. Mas, espiões traiçoeiros e mal-intencionados reuniam-se para espionar a rainha, e, portanto, os amantes sabiam que logo voltariam a ser descobertos. Finalmente Tristão, após muitas lágrimas e palavras de déspedida, partiu da Cornualha. Separados, os amantes não podiam nem viver nem morrer, pois que era vida e morte ao mesmo tempo, e Tristão buscou refúgio para as suas mágoas nos mares, ilhas e terras estrangeiras.

10 - A Rainha do Mundo Interior

O casamento de Isolda com o Rei Mark da Cornualha tem um significado profundo e muito forte em nossa psique: a anima retorna ao reino interior, o feminino e masculino se juntam, o self se completa e se torna inteiro. Ouvimos os sinos repicando, o povo se reúne na catedral e se coloca ao longo das ruas para ver a nova rainha e alegrar-se com sua beleza. A alma está de volta à Cornualha, o rei tem uma esposa, a terra floresce.

Devemos fazer uma pausa para analisar o que isto significa para nós, pois existe um casamento, dentro de nós, que corresponde a esse; uma união que não devemos encarar superficialmente. Isolda passou a ser rainha a partir do momento em que uma andorinha entrou voando por uma das janelas de Tintagel, trazendo um fio de seus cabelos dourados a Mark. Tristão chama-a de rainha antes mesmo de ela se casar com o Rei Mark, e a chamava "rainha" ainda na Floresta de Morois. Isolda a Bela é, sempre foi e será, a rainha; ela não pode ser outra coisa.
O casamento real nos diz que é justo que a anima se junte ao rei interior. Mesmo que Tristão a tenha enganado e usado de força e astúcia, mesmo que os motivos dele tenham sido injustos, e que ela tenha ido contra sua vontade, mesmo que eles tenham bebido da poção do amor em alto-mar, mesmo assim, Isolda é a Rainha do Mundo Interior, e está destinada a um único lugar: ser a rainha, ocupar o trono ao lado do Rei Mark, o rei interior. Nenhum outro lugar pode ser mais apropriado para sua realeza e divindade.
Se percebermos isto, podemos então compreender porque Tristão destrói o reino

quando trai o Rei Mark. Ele não apenas trai o rei, como também rebaixa a rainha, colocando-a num lugar menos digno do que aquele que ela merece, por direito. Isto afeta não só Tristão no seu mundo pessoal, como também afeta o reino todo. Quando Isolda casou-se com o Rei Mark, o povo sentiu-se livre dos males, e a alegria inundou o país inteiro. Quando Tristão induz Isolda aos encontros furtivos debaixo do pinheiro, as repercussões desse ato são sentidas em toda parte: a rainha torna-se menos do que é, ela é derrubada do trono e banida. Seu coração está dividido, Tristão está dividido, e logo o reino todo ficará repleto de discórdia, porque eles não podem resolver o conflito dentro de si mesmos.

O dilema do mito - e a fonte de todos os conflitos, confusões e sofrimentos - é uma única exigência de Tristão: ele reclama o direito de ter Isolda exclusivamente para si. Ela, que deveria ser a rainha de todo um reino, é raptada por um indivíduo. O ego usurpa aquilo que pertence ao self.

Qual o significado desse ato na vida do homem moderno? A maneira pela qual desviamos a anima de seu papel exato dentro de nós - como Rainha do Mundo Interior - é através das tentativas de transformá-Ia numa mulher exterior, física. Fazemos isso por projeção, é a forma de o nosso ego tentar possuir a anima, de aprisioná-Ia em carne mortal, de vivê-Ia ao nível físico, exterior, pessoal.

Algo muito específico é necessário para devolver à anima o seu papel psicológico de Rainha do Mundo Interior: o homem precisa estar disposto a parar de projetar a anima nas mulheres de sua vida. Isso por si só já possibilita que a anima desempenhe o papel exato dentro da sua psique, e só isso já possibilita que ele veja sua mulher tal qual ela é, sem o fardo de suas projeções. Jung diz o seguinte sobre corrigir as projeções: Ao se parar de fazer projeções, a anima volta a ser o que era originalmente: uma imagem arquetípica que em seu loco exato age em prol do indivíduo... atuando entre o ego e o Inconsciente... (Jung, Psychology of the Transference, p. 504).

Qual é o "loco exato" da anima? É "atuando entre o ego e o Inconsciente", vivendo na psique interior do homem, na sua imaginação, inspirando-o de dentro para fora.

Quando Tristão exige a posse da rainha, significa que ele tenta transformar a anima num ser físico, ao invés de reconhecer que ela é um ser psicológico que vive no mundo interior. Ao invés de vivenciá-la em um nível simbólico, como uma imagem feminina interior, ele tenta transformá-Ia numa mulher de carne e osso. Nós não apenas tomamos a imagem da mulher como símbolo da anima, como também esquecemos que fizemos dela um símbolo. Acreditamos que anima é mulher e que mulher é anima; exigimos que a mulher desempenhe esse papel, e que seja deusa, não ser humano. Ao humanizar a anima perdemos nossa

alma de vista; ao tentar tornar divina a mulher, perdemos de vista sua humanidade e lhe roubamos sua condição de mulher.
O casamento real de Isolda e sua coroação como rainha nos dizem que ela deve reinar sempre no mundo interior, como rainha. Por mais que tentemos, não vamos poder afastá-Ia do rei interior, tirá-Ia do seu casamento real, ou exteriorizá-la em nossos relacionamentos físicos. Se tentarmos fazer qualquer uma dessas tentativas, o reino será dividido, a estrutura dos relacionamentos e da vida humana ficará seriamente comprometida. Tristão continua tentando ver a anima como uma mulher física, por isso mesmo é que nunca a vivenciará como "Minha Senhora Alma", que é o seu verdadeiro desejo, fruto de uma profunda sabedoria.
Existe um outro caminho. Podemos aprender a diferenciar o interior do exterior, cedendo a rainha ao rei e deixando que ela desvele todo um mundo novo de consciência mundo que só podemos ver quando nos aproximamos dela como um arquétipo, vivido no interior.
No fundo de seu coração, Tristão sabe que Isolda deve ser sempre a rainha. Por isso é que ele jamais tenta realizar um casamento comum com ela; é por isso que, num dado momento crítico, ele coloca a espada desembainhada entre ambos. Em última análise, ele sabe que não pode possuí-Ia de uma forma física e pessoal. Ele a devolve ao rei com uma das mãos, ao mesmo tempo em que tenta possuí-Ia com a outra, e faz isso inconscientemente, a contragosto, lamentando-se de seu destino e não vendo os motivos que existem por trás de suas próprias ações.
Se Tristão pudesse fazer seu ato de sacrifício conscientemente, se ele pudesse recolocar a rainha no trono e compreender porque é preciso que assim seja, seu destino não seria a tragédia que é. Poderia ter permanecido perto de sua rainha, poderia tê-Ia vivenciado como deusa que é e poderia conviver com ela interiormente, na dimensão exata. Ele teria sua alma, a Suprema Rainha, como realidade interior e seria livre para viver com uma mulher mortal ao nível exterior e amá-Ia intensamente, por ela mesma, como ela merece.

11 - Traição sob o Pinheiro

E de que crime deveria eu arrepender-me, Ogrin, meu senhor?... Vós que estais aí para julgar-nos, sabeis de que cálice bebemos quando estávamos em pleno

mar? Aquele bom gole que sorvemos nos inebria a ambos.

Com estas palavras, Tristão responde a Ogrin, o Eremita, quando ele o aconselha a arrepender-se de sua traição e adultério. Com estas palavras, uma nova moralidade entra no mundo. Quem bebe da poção do amor, exige uma tolerância especial. Tristão nos diz que é inocente, que nada fez de errado, que obedece agora a outras leis. Inebriado como está, sob o efeito do vinho mágico, ele paira acima dos velhos padrões de certo e errado: ele não se deixará julgar por lei alguma salvo a lei da paixão.
E como Deus interveio tantas vezes em seu favor, ele se sente no direito de reivindicar o "aval" celeste.
A primeira vez que isso se dá é debaixo do alto pinheiro, o lugar secreto onde os amantes se encontram. A lua surge como sua aliada para avisá-Ios que o rei os espreita do alto da árvore. E depois que eles armaram toda a cena e conseguiram enganar o rei, Brangien exclama:
"Deus permitiu um milagre, pois Ele tem compaixão e não castiga os que não têm culpa no coração."
O que é isso? Eis uma contradição difícil de explicar. Como é que esses amantes "não têm culpa no coração", se traem o rei, quebram os votos feitos a ele, e fazem-no de tolo? É este o mesmo Deus que santifica o casamento e prescreve a fidelidade e a honestidade? Será que Deus bebeu do mesmo vinho que os amantes e começou a ser conivente com traições e adultérios?
E mais, quando os amantes são apanhados e Tristão é conduzido ao cadafalso, ele se atira do alto de um penhasco. Miraculosamente uma rajada forte de vento enfuna seu manto, que está preso à bota, amortecendo assim sua queda. Depois, na Floresta de Morois, quando o Rei Mark se depara com os amantes que dormem lado a lado, Tristão havia colocado sua espada desembainhada entre ele e Isolda; e foram novamente salvos. Finalmente, quando Isolda se coloca diante de todo o baronato reunido para se submeter ao Julgamento de Deus, ela ergue nas mãos uma barra de ferro incandescente e não se queima. O próprio Deus confirma que ela diz a "verdade".
O que são estes milagres? O que querem eles nos dizer? Não são meros artifícios dramáticos. Procuremos entender, os amantes dizem a verdade: eles são "os inocentes"! Eles "não têm culpa no coração". Foram dominados por uma verdade e por um poder tão terríveis, que perderam o rumo; eles estão em sintonia com outro mundo, com outro nível de existência que os coloca em oposição a todos os padrões do mundo humano comum.
Esses milagres nos dizem que os amantes estão agindo corretamente, mesmo quando parecem estar fazendo coisas "erradas". Pelo menos, estão fazendo o

melhor que podem sob o efeito do terrível sortilégio que se abateu sobre eles. O "outro mundo" intervém constantemente nesta vida para livrar os dois amantes das conseqüências naturais dos seus atos, pois se eles estão descompassados em relação ao mundo comum e à moralidade humana, estão, no entanto, inteiramente no compasso desse "outro mundo". Mas esse mundo tem seu preço e suas próprias conseqüências, e logo veremos quais são elas.

Se perguntarmos com que mundo estes amantes mantêm sintonia, basta voltarmos ao pinheiro e ouvir o que diz Tristão:

"Este não é o bosque encantado, mas, um dia, amiga, iremos juntos a uma terra bemaventurada, da qual ninguém jamais retorna. Lá se ergue um castelo de mármore branco; em cada uma de suas mil janelas arde a luz de uma vela; e em cada uma, um menestrel toca e canta uma melodia sem fim... "

Este "bosque encantado" é o mundo interior da psique, a parte inexplorada do ser humano, fora do tempo e do espaço. Tristão nada sabe desse mundo até beber da poção do amor, mas desde o momento em que a prova é esse mundo que o consome. Seus olhos estão fascinados pelo que ele nunca vira antes; sua mente e seu corpo, e todos os seus sentimentos, estarão sintonizados, para sempre, com um só nível de existência.

Mas... e quanto ao rei? E quanto à vida e os deveres humanos de Tristão? E quanto ao casamento de Isolda e seus votos? E quanto à sua vida com o marido? Aqui, debaixo do pinheiro, começamos a sentir que a poção do amor exige demais, é demais o que ela toma de nós. A não ser que a tornemos consciente, a não ser que a coloquemos no seu devido lugar, ela nos possuirá e nos dominará totalmente a partir das profundezas; ela dissolverá nossa vida humana, nossos relacionamentos e nossos compromissos humanos, sem nada deixar no lugar. O mundo que ela nos abre é raro e maravilhoso; é uma parte de nós que há muito tínhamos necessidade de redescobrir e de tocar. Mas, como acontece com cada nova e poderosa verdade que emerge do inconsciente, a poção do amor penetra em lugares que não lhe são devidos, destruindo coisas que deveriam ser mantidas, exigindo mais do que lhe é de direito.

Quando a poção do amor domina Tristão e Isolda, ela não apenas exige que eles acrescentem uma nova dimensão às suas vidas, como também exige que apaguem totalmente o sentido de certo e errado, todos os padrões de lealdade, compromisso e fidelidade, por meio dos quais nós, mortais comuns, mantemos nossa vida e nossos relacionamentos humanos intactos na superfície desta terra. Vimos como um só gole da poção do amor deixou o mundo de cabeça para baixo. Agora, vemos que ela inverte a moralidade: inverte nossos valores, transformando o certo em errado e o errado em certo. Desde o surgimento do amor romântico, a maioria dos ocidentais está constantemente dilacerada entre

dois ideais opostos: um é o ideal do romance; o outro é o ideal do compromisso nos relacionamentos humanos. Comumente achamos que ambos são a mesma coisa, mas são coisas totalmente opostas.
Com o "amor cortês", um conjunto totalmente novo de valores penetrou em nossa cultura. Sem que percebêssemos, uma nova moralidade nasceu em nós e começou a moldar nossas atitudes. O romance autêntico procura apenas uma coisa - paixão. Ele está disposto a sacrificar tudo o mais - todos os deveres, obrigações, relacionamentos ou compromissos - para ter a paixão. Com o "amor cortês" nós começamos a acreditar que a coisa mais importante na vida é procurar pela nossa alma através da projeção romântica; não registramos que existe uma outra forma de encontrar a alma. O nosso ideal de romance nos ensina que precisamos procurar o êxtase máximo, descobrir o "bosque encantado" pelo único meio que conhecemos: nos "apaixonando".
O culto do romance determina uma nova definição de "bem" e "mal". Nossa nova moralidade diz que não existe nada tão importante quanto "estar apaixonado", sentir esta emoção forte, este êxtase, e acreditar que se tornou a encontrar a própria alma ausente, desvelada no ser amado. A paixão é o caminho - o único - que conduz à plenitude e à realização. A paixão é a única trilha que nos conduz ao mundo perdido dos deuses.
Acreditando nisso, o que podemos fazer é decretar um novo padrão de certo e errado: tudo o que decorre de "estarmos apaixonados" é "certo"; tudo o que serve à paixão é certo; e tudo o que se coloca no caminho da paixão deve ser afastado em benefício da "meta superior". Todos nós respondemos com Tristão: "Vós que estais aí para julgar-nos, sabeis de que cálice bebemos quando estávamos em pleno mar?" Acreditamos que temos o direito de seguir nossas projeções onde quer que elas nos levem e de buscar a paixão pela paixão, sem levar em conta os relacionamentos que se rompem, sem levar em consideração as pessoas a quem magoamos. Inconscientemente elegemos a paixão o nosso bem mais elevado, a nossa principal meta na vida, e todos os demais valores comumente são sacrificados pelo bem dela.
É típico de um homem moderno começar um casamento com sua imagem anímica projetada na esposa; ele somente começa a conhecer a esposa como mulher depois que a projeção começa a se esvanecer. Ele descobre que a ama como mulher, que a valoriza e a respeita, ele sente a beleza de estar comprometido com ela e saber que ela está comprometida com ele. Um dia, porém, ele encontra uma mulher que capta a projeção da anima, e ele não conhece nada sobre anima e menos ainda sobre projeção; sabe apenas que essa "outra mulher" parece ser a essência da perfeição; uma luz dourada parece envolvê-Ia, e a vida tornase excitante e ganha significado, sempre que ele está

em sua companhia.
Nesse dia, os dois exércitos que se contrapõem dentro da psique ocidental pegam as suas espadas e vão à guerra. As duas moralidades iniciam um duelo. Por um lado, a moralidade "humana" lhe diz que é errado trair a esposa e enveredar por um caminho que levará ao fracasso do relacionamento existente entre os dois. Seus instintos lhe dizem para preservar o que possui, para cuidar do amor durável que o alimenta, da estabilidade e da confiança mútua que ele e a esposa conseguiram alcançar.
Mas, do outro lado de seu inconsciente, uma outra voz se faz ouvir: a moralidade do romance. O romance lhe diz que sua vida somente terá sentido se ele partir em busca da anima, e que ele precisa procurar sua alma especificamente no corpo da "outra mulher" - nada menos que isso servirá, pois é lá que está a paixão e a paixão é tudo. A moralidade da poção do amor lhe diz que é preciso buscar a paixão a todo custo: ele tem o "direito" de se apaixonar ao sabor do acaso, afinal, isso é tudo o que vale na vida! Ele tem, para consigo mesmo, o "dever" de conseguir toda a excitação e toda a emoção que puder encontrar. As vozes dos antigos cátaros, dos cavaleiros e damas "corteses" sussurram todas em uníssono que o "verdadeiro amor" não é encontrado no casamento nem dentro de um relacionamento comum, que o "verdadeiro amor" somente é encontrado em uma mulher que não é a sua esposa uma mulher que ele não vê como mulher, mas como a imagem da deusa.
Tal é a moralidade que envolve Tristão; esta é a lei pela qual ele vive, ora marcando encontros debaixo do alto pinheiro ora vagando com Isolda pelas trilhas da floresta. A única voz que se levanta para contestar é a voz áspera do velho Ogrin:
"O homem que trai o seu senhor merece ser estraçalhado por cavalos e queimado na fogueira, e onde quer que suas cinzas caiam, não mais crescerá a grama... Senhor Tristão, devolvei a rainha ao homem que a desposou por direito, segundo as leis de Roma... Fazei penitência, Tristão."
Temos aqui um velho encantador e fantástico, uma voz dos tempos antigos. As palavras da antiga lei soam com estranheza, ao saírem de sua boca. Sentimo-nos tentados a rir e a desprezar suas exortações como uma moralidade fora de moda, irremediavelmente ingênua, própria de uma era passada.
Mas por trás de cada ideal de moralidade existe algo que merece ser examinado: um conjunto de valores humanos. Esses valores não são fabricados arbitrariamente a partir do nada, eles vêm de algum lugar nas profundezas da psique humana e atendem a necessidades humanas genuínas. Cedo demais a moralidade torna-se um sistema social superficial, um fóssil calcificado a fixar regras arbitrárias, inteiramente desligado das verdadeiras necessidades das

pessoas. Mas podemos olhar além da artificialidade e descobrir quais as reais necessidades que esse sistema atende.
Por trás das estranhas palavras, o velho eremita defende ardorosamente as virtudes da lealdade e da fidelidade, principalmente dentro do casamento. Ogrin vocifera que os seres humanos devem poder contar uns com os outros. Ele está dizendo que a vida humana não pode continuar, que não se pode levar adiante um relacionamento, e que o amor de uma pessoa por outra perde o significado, a menos que os seres humanos honrem verdadeiramente os compromissos assumidos uns para com os outros. Ogrin sabe que Tristão e Isolda não somente transgrediram a fidelidade sexual, mas que também abriram mão de toda a lealdade, de todos os compromissos, de todos os deveres, com uma única exceção: sua dedicação à paixão.
Mas um compromisso com a paixão não é um substituto para um compromisso com um ser humano. Na nossa cultura, confundimos estes dois sentimentos. Todos nós estamos comprometidos em encontrar paixão, todos estamos comprometidos em ficar eternamente "apaixonados", e imaginamos que isso é a mesma coisa que estar comprometido com uma pessoa. A paixão, porém, se esvai, ela migra para a outra pessoa pela qual nos sentimos atraídos, e se nosso compromisso é apenas ir aonde a paixão nos leva, então não podemos ser verdadeiramente fiéis a alguém.
A lealdade e o compromisso são arquétipos da nossa estrutura humana, e nos são tão necessários quanto o alimento e o ar. Desta profunda necessidade humana de ter relacionamentos estáveis, sinceros e duradouros, surge a moralidade de Ogrin, a moralidade do compromisso.
Quase todo mundo está à procura de "relacionamentos compromissados". A maioria das pessoas sente que é disso que elas precisam e falam e lêem sem parar sobre "relacionamentos". Mas, apesar de tudo o que dizemos sobre "compromissos", somos sabotados por nossa presunção antes mesmo de começarmos. Presumimos que o único ingrediente que precisamos para o "relacionamento", a única coisa indispensável, seja o romance mas, na verdade, os ingredientes essenciais para um relacionamento são afeto e compromisso. Se examinarmos claramente, começaremos a perceber que o romance é um sistema de energia completamente diferente, um conjunto de valores totalmente distinto, do amor e do compromisso. Se é romance o que procuramos, então é romance o que devemos encontrar - mas não compromisso ou relacionamento.
Um homem somente se compromete com uma mulher quando interiormente é capaz de afirmar que se liga a ela como um ser individual, e que permanecerá com ela mesmo quando não estiver mais "apaixonado", mesmo quando ambos já não estiverem mais na chama da paixão e ela já não mais representar para ele o

ideal de perfeição ou o reflexo de sua alma. Quando um homem é capaz de dizer isto interiormente, e com toda a sinceridade, então ele alcançou a essência do compromisso, mas precisa saber que terá uma batalha interior pela frente. A poção do amor é forte: a nova moralidade do romance está profundamente inculcada em nós; ela nos toma e domina quando menos esperamos. Colocar a poção do amor no lugar certo, vivenciá-Ia sem trair os relacionamentos humanos - eis a mais difícil tarefa de conscientização que um homem pode empreender no nosso moderno mundo ocidental.

Aqui, portanto, estão as duas moralidades contrapostas que encontramos debaixo do alto pinheiro: a moralidade do romance e a moralidade do compromisso humano. Dentro de cada um de nós, dois exércitos saídos de um passado antigo, com suas hostes fantasmagóricas, travam, ainda, as intermináveis batalhas de um milênio já vivido. Nesta guerra não pode haver uma solução pelo combate, pois na bandeira de cada facção, brilha o emblema de uma verdade que necessitamos, e que não pode ser perdida nem destruída. Mas os dois exércitos vão chocar-se e destruir-se até que finalmente aprendamos em que nível podemos viver cada uma dessas verdades. A verdade oculta na moralidade do romance é a da alma, o mundo interior, o verdadeiro "bosque encantado"; ela deve ser vivida interiormente. A verdade oculta na moralidade de Ogrin é a do compromisso e da lealdade humana; ela deve ser vivida exteriormente, ao nível dos nossos relacionamentos com outras pessoas.

Nosso papel deve ser o de pacificar e procurar encontrar o nível correto - o nível onde cada verdade deve ser vivida, e então vivê-Ia positivamente. Quando cada necessidade for respeitada e cada mundo dentro de nós for respeitado, estes antigos exércitos irão depor suas armas; eles farão a paz.

12 - O Quarto Ano de Morois

O sortilégio da poção do amor deveria perdurar três anos.

La mère Yseut, qui le bollí, A trois Anz d'amistié le fist.

"A mãe de Isolda a preparou, para durar três anos de amor" - assim disse o poeta Béroul na primeira e mais antiga versão da história de Tristão e Isolda.
Não é por mero acaso que o encanto deva durar três anos, não é por acaso que Tristão e Isolda deixam a Floresta de Morois no quarto ano. Números são símbolos: os números três e quatro representam específicos estágios de consciência. O quatro é o símbolo da totalidade, unidade e inteireza. Os quatro elementos, os quatro pontos cardeais, as quatro estações, as quatro divisões da mandala - são todos símbolos universais da unificação da consciência desde os tempos pré-históricos. A ocorrência do quatro nos sonhos e nos mitos não importa se quatro objetos, quatro pessoas ou tempo dividido em quatro - mostra que uma unificação é possível, que a psique está se movimentando na direção de uma síntese, ou que um passo evolutivo está em vias de ser dado. Um novo nível de consciência é possível, desde que se pague o preço; um novo começo está ao alcance da mão.
Por outro lado, o três é o símbolo da falta de inteireza - o estágio de consciência no qual sabemos que somos incompletos, que não nos conhecemos e, assim, que somos incapazes de solver o enigma da vida. O três é dinâmico, nunca está em repouso, sempre à procura do elemento que lhe falta, o desconhecido quarto membro da quaternidade. O três é o estágio no qual ainda não estamos conscientes de nós mesmos como um ser pleno, total. Esforçamo-nos e procuramos encontrar o real significado, a resposta, o caminho invisível que nos leva ao nosso verdadeiro self. O três se transforma em quatro pela adição da parte que falta em nossa vida, e o quatro pode tornar-se um: a conscientização de nossa individualidade e plenitude, como uma realidade.
Vemos Blanchefleur definhar por três dias depois da morte do marido, e no quarto dia nasce Tristão. Morholt grita três vezes na ilha onde Tristão lhe dá combate, após o que o seu destino se completa. Muitas vezes ainda veremos os números três e quatro repetindo-se em nosso mito, até o último alento de Tristão.
Durante três anos, Tristão e Isolda permanecem na Floresta de Morois, mas ali vivem como que sob um encantamento. Nós os vemos como criaturas selvagens - pálidos, magros, roupas esfarrapadas - alimentando-se de animais silvestres e de raízes. No entanto, eles não têm consciência de suas dificuldades, pois estão inebriados pelo vinho mágico, inebriados pela visão que têm um do outro, animados somente pelo sonho que alimentam. Os amantes acreditam ser Morois o "bosque encantado", a quintessência da vida; mas nós que estamos assistindo ao que acontece, sabemos que as projeções do romance não são a quintessência da vida, somente parecem ser. Os amantes vivem sob o signo do três, e sabemos que além da floresta existe um mundo bem maior.

Ao fim de três anos, o sortilégio abruptamente é quebrado. O relógio invisível da evolução faz uma pausa no seu lento avanço e dá a hora: é o quarto ano de Morois. O Rei Mark, milagrosamente, entra na minúscula cabana na floresta, onde deixa sua espada e seu anel como selos da sua justiça e do seu amor. Ele manda Tristão de volta para a vida humana comum; manda Isolda - a alma de Tristão - de volta ao seu lugar no mundo interior, para que volte a reinar ao seu lado. Um estágio de evolução transcorreu; é tempo de realizar, é tempo de uma nova vida ser desvelada.

O homem, quando se "apaixona", escapa para a Floresta de Morois; concentra todo o seu ser na fantasia do romance, pois crê que na sua projeção vai "encontrar-se a si mesmo" e encontrar toda a plenitude da vida. Mas, sem que o saiba, ele é separado deste mundo na neblina de Morois; durante certo tempo fica perdido nas brumas de suas projeções. Na Floresta de Morois, ele não vive nem com a mulher com quem se casou, nem com a anima, a quem ele tanto busca. Vive durante um certo tempo com a projeção da anima - uma imagem radiosa aos seus olhos, mas etérea, que se desvanece quando ele a toma nos braços, para logo em seguida ressurgir meio oculta pelas árvores, atrás de uma rocha, ou na névoa das águas. Ele não tem escolha, pois está dominado pela poção do amor mas, inevitavelmente, chega a hora, o tempo certo, em que o encantamento se quebra.

Tristão desperta do sonho - um sonho de três anos, e descobre que mesmo durante seu sono o rei fora à sua procura. As prendas do rei em sinal de reconciliação colocam Tristão em sintonia com o mundo humano, um mundo que ele havia esquecido - amizade, trabalho, interesses, dever, entusiasmo, pessoas, relacionamentos - ou seja, tudo aquilo que está fora do "bosque encantado". Tristão decide que deve devolver a rainha ao rei, à vida que lhe cabe, ao seu "castelo repleto de finas sedas".

Esse é o ponto exato em que o homem tem pela primeira vez - uma chance para sair de suas projeções e partir para um relacionamento. O encantamento quebrou-se! O rei aparece para reclamar o que lhe pertence! Uma nova era está despontando, desde que ele a veja e aceite. Essa é a evolução simbolizada pelo quatro; essa é a incrível possibilidade que o destino lhe dá. Liberto da poção, o homem tem a oportunidade de ver que a mulher que ama e as projeções que colocou nela são realidades distintas. Também tem a oportunidade de saber que essas projeções são, na verdade, partes dele mesmo, potencialidades que nunca tocou e nunca conheceu porque sempre tentou vivê-Ias através da mulher.

Este quarto ano de Morois permite uma dupla revelação. O fim das projeções românticas também lhe dá a oportunidade de ver a mulher tal qual ela é, relacionar-se com ela e valorizá-Ia como pessoa, não como aquela que carrega

para ele sua alma perdida e sua vida não vivida. Isso deixa-o aberto para relacionar-se com uma mulher como ser individual, de igual para igual, como ela merece. Isso lhe permite conhecê-Ia exatamente como é, em toda a sua complexidade, com seu vigor e seus dons - tão diferentes dos dele, mas tão necessários para o mundo dele.

Estranhamente, a maioria dos homens reage a este estágio do amor romântico - a quebra do encanto como se fosse uma desgraça! É um ponto crítico na evolução, a abertura para uma possibilidade maravilhosa. Mas, por alguma razão, ele se convence de que é um desastre.

Quando as projeções que o homem faz se desvanecem, sem que isso seja esperado, ele costuma dizer que está "desencantado" com a mulher, desapontado porque ela é um ser humano e não a personificação da sua fantasia. Ele age como se ela tivesse feito algo errado. Se abrisse os olhos, ele teria visto que a quebra do encanto dá uma oportunidade de ouro para que se possa descobrir a verdadeira pessoa que ali está. Outra possibilidade que ele tem é a de descobrir partes de si mesmo que lhe são desconhecidas, que ele estava tentando viver através dessas projeções.

Ao deparar-se com a nova fase, Tristão reage como a maioria dos homens, lamenta-se de seu destino infeliz: "Ele vai levar a rainha embora! Como poderei viver?" Ele acredita que se não pode ter Isolda por projeção, não a pode ter de jeito algum.

O ponto importante a ser compreendido é que Tristão não está nem perdendo a mulher, nem está perdendo a anima. Toda a sua agitação baseia-se em uma questão, ou seja, em que plano ele vai viver com a anima? Irá recuperá-Ia? Vai vivê-Ia como parte de seu self? Irá assumir a responsabilidade de sua vida não vivida? Devolver a alma ao rei interior significa exatamente assumir a responsabilidade de viver sua própria alma, ao invés de delegar essa tarefa à mulher.

Esta é uma questão dolorosa para o homem moderno. Ele está tão acostumado à sua forma de manifestar seu self não vivido através de outras pessoas, que abrir mão disto parecelhe desastroso. Ele sente que toda a alegria e vibração da vida estão concentradas na esperança de que algum dia apareça uma mulher que o complete, que torne sua vida perfeita. Parece-lhe difícil vislumbrar a possibilidade de viver em intimidade com uma mulher e, ainda assim, não tentar viver sua vida através dela.

Esta questão é igualmente difícil para as mulheres. Muitas delas estão prontas a se rebelar contra o eterno papel de donas-de-casa, mães e empregadas domésticas, mas poucas reclamam de servir de tela para que os homens ali projetem sua anima. Nossa cultura ensina as mulheres que seu papel não é o de

ser humano, mas de espelho que reflete o ideal e a fantasia do homem. Ela deve esforçar-se para que sua aparência esteja sempre atualizada com os padrões das "starlets" de Hollywood; deve vestir-se, arrumar-se e comportar-se de maneira que se transforme na imagem coletiva da anima. Ela não pode ser um indivíduo na sua totalidade porque tem de ser a materialização da fantasia do homem. Muitas mulheres estão tão acostumadas a este papel que resistem a qualquer mudança no padrão. Preferem ser vistas - pelos homens - como deusas a serem tidas como mortais: há algo de muito atraente em ser adorada e cultuada como divindade. Porém, esse papel tem um preço muito alto. O homem que vê a mulher como deusa, não se relaciona com ela, relacionase apenas com sua própria projeção, com a divindade interior que ele coloca nela. E quando essa projeção se esvanece, quando ela migra para alguma outra mulher, também a adoração faz o mesmo trajeto. Se o relacionamento deles não for o de um ser humano para outro, então, nada restará quando as projeções se evaporarem. Muitas pessoas sentem que é assim, e por esse motivo gastam muita energia e muito tempo nas tentativas de manter o ciclo de suas projeções, manter viva e vibrante a fantasia, procurando agarrar-se à sensação do sobre-humano. Quando se fala sobre técnicas para "manter o romance no casamento" ou para "certificar-se de que seu cônjuge continua apaixonado por você", está-se pressupondo que as únicas bases para um relacionamento devam ser projeções. Ao acreditar-se que quando as projeções se evaporam lá se vão as bases de um casamento ou de um relacionamento, a maioria das técnicas para salvá-Ios acabam por se revelarem meras fórmulas de manipulação destinadas a manter vivas as projeções. Não ocorre aos ocidentais de hoje que um relacionamento possa ser construído entre dois seres humanos mortais, que eles possam amar-se como pessoas comuns e imperfeitas, e que possam, simplesmente, permitir que as projeções se desvaneçam. É justamente isso, no entanto, que é necessário. Em última análise, os únicos relacionamentos duradouros serão aqueles entre os casais que se vêem como pessoas comuns, imperfeitas, e que se amam sem ilusões ou sem esperar coisas impossíveis um do outro.

As projeções têm uma lei dentro de si. Podemos manipulá-Ias, estimulá-Ias artificialmente e mantê-Ias vivas durante certo tempo, mas sempre chega um ponto no qual os "três anos" simbólicos chegam ao fim, quando, então, se rompe o encantamento da poção do amor e as projeções esvaecem. Nesse ponto, somos todos Tristãos, parados em Morois, com uma questão a encarar e algumas opções à disposição.

Se um homem tira sua lição da Floresta de Morois, ela lhe abre um mundo novo, ele descobre que existem partes de si mesmo, potencialidades e forças, que não podem ser vividas através da mulher. Descobre que a mulher não poder ser a

portadora nem da vida que ele não viveu, nem do seu self não realizado. Descobre que existem coisas que deve fazer por si e para si mesmo: precisa ter vida interior; precisa servir a valores que tenham significado para ele; precisa ter interesse e entusiasmo que fluam de sua alma, e que não sejam produtos somente de sua experiência com uma mulher. Isto é a espada desembainhada que Tristão crava entre ele e Isolda, é a conscientização de sua própria individualidade, de sua própria vida - distinta da vida que leva com a mulher.

Ao fazer essa separação, ele não prejudica seu relacionamento com a mulher, muito pelo contrário, torna-o possível. À medida que ele alivia a mulher do fardo de carregar sua anima, torna-se possível para ele pela primeira vez - vê-Ia como mulher, relacionar-se com ela como um ser individual, com suas características especiais e sua condição humana. Compreende que ela também precisa ser um indivíduo, que precisa ter sua própria vida e sua própria razão de ser. Também ela não pode projetar-se nele nem viver sua vida através dele, nem tampouco passar o resto de sua vida sendo a frustração do self dele, não vivido.

Um impressionante potencial está em jogo nesta etapa evolutiva: é a possibilidade de ser um indivíduo completo, que ao mesmo tempo se relaciona verdadeiramente com um outro ser humano que lhe é afim.

Deixando a Floresta de Morois, devolvendo Isolda ao rei, recolocando sua alma dentro de si mesmo, é que o homem desperta para a questão de sua individualidade. Conscientizando-se de que existe uma parte de si mesmo que não pode ser vivida através de outrem, pela qual ele deve assumir a responsabilidade, é que ele desperta para a inesperada grandiosidade e complexidade do seu self individual. Por sua vez, ao se dar conta de sua unicidade, ele se torna capaz de ligar-se a uma mulher, na individualidade dela. O teste da verdadeira individuação inclui a capacidade de se relacionar com outra pessoa e de respeitá-Ia como um ser individual.

Infelizmente, é justamente nesse estágio de nossa evolução, quando o leque das possibilidades é mais amplo, que a maioria das pessoas perde as oportunidades. Recusandose a aprender a lição da Floresta de Morois, elas preferem tomar uma estrada circular que vai reconduzi-las à floresta de suas próprias projeções.

Quando um homem percebe que estava tentando viver sua vida através de outra pessoa, geralmente ele não entende como tudo isso se processa e tira conclusões erradas. Começa por falar em se separar da esposa para "encontrar-se a si mesmo". Reflete sobre tudo o que deixou de fazer durante o casamento. Quer ter uma finalidade na vida, realizar algumas metas, pois sente a vida lhe escapar. Quer voltar a estudar, iniciar uma nova carreira, melhorarse, começar uma dieta, ir a lugares que não conhece e fazer todas as coisas que não fez.

Se analisasse objetivamente todos esses ideais, ele poderia ver que a maior parte

deles é perfeitamente compatível com seu casamento ou relacionamento. Não precisa articular uma proposição do tipo isto ou aquilo: "ou minha individuação ou meu casamento". O motivo dele não ter feito todas essas coisas não é o fato de estar casado ou de sua esposa estar atrapalhando sua vida. O real motivo é que lhe faltou ou autodisciplina ou imaginação para realizá-los. Esperava que a esposa vivesse a vida que ele não viveu; esperava que ela completasse sua vida sem que ele tivesse de fazer alguma coisa por sua própria conta. Aí, no dia em que se apercebe de que é um ser incompleto, frustrado, e que nada está realizando para seu próprio desenvolvimento prefere atirar a culpa sobre ela. Sai dizendo que ela é "uma pedra no seu caminho", que o está "levando para a fossa", impedindo-o de "ser ele mesmo".

Esse tipo de atitude só vai contribuir para que o ciclo das projeções se perpetue; é a volta às névoas e aos pântanos da Floresta de Morois.

Um homem, com esse enfoque, geralmente rompe seus relacionamentos e, em seguida, faz pronunciamentos a respeito das mudanças que vai imprimir na sua vida, à sua maneira, e sai à cata de outra mulher que vá resolver todos os seus problemas e tornar sua vida plena - sem esforços. Restabelece-se em seus padrões antigos de tentar viver seu self inconsciente por meio da mulher; mudou de mulher mas, como o padrão é o mesmo, volta ao velho estilo de vida. Sua "individualidade" revela-se como uma fuga, uma estrada circular que o reconduz à floresta. Se este homem tivesse permanecido no mesmo relacionamento ou casamento, e tomado para si a responsabilidade de desenvolver sua individualidade lá mesmo, ele poderia ter enfrentado essa questão honestamente.

Nossa necessidade premente é compreender que precisamos na vida tanto de individualidade como de um relacionamento com uma determinada pessoa. Não podemos ter um em detrimento do outro; nenhum homem pode atingir a individualidade total se ele não se afeiçoar totalmente a alguém, e sua real capacidade de afeição aumenta na medida em que ele se torna um indivíduo completo. Esses dois aspectos na vida estão unidos por um laço profundo e antigo, pois são, na verdade, os dois lados do mesmo arquétipo, as duas faces da mesma realidade.

Esse, portanto, é o grande passo evolutivo que se torna possível no quarto ano de Morois, quando o sortilégio se quebra. Ele representa um maravilhoso potencial para fazer uma síntese entre a individualidade e o relacionamento - por superar o conflito ilusório entre essas duas poderosas forças existentes dentro de nós, e por conseguir vivê-Ias na unidade de uma vida humana.

Tristão é chamado ao sacrifício. Ele pensa que o que exigem dele é que sacrifique tanto a anima quanto a mulher, mas não é assim. Só é convidado a desistir do direito de viver sua alma por meio de projeções. É chamado para

desistir de sua exigência de que a mulher suporte seu inconsciente por ele. Se puder arcar com esse sacrifício, e o fizer francamente, descobrirá que aquilo que ele pensa estar perdendo, ser-Ihe-á devolvido, ou seja, sua alma lhe será devolvida na forma de uma experiência interior. Ele verá, assim, que existe uma outra Isolda - uma mortal- que esteve o tempo todo à sua espera, fora dos limites da Floresta de Morois, um pouco além das brumas de seu mundo de projeções. Essa é a lei do sacrifício: se o homem sinceramente abrir mão daquilo que possui na dimensão errada, ele lhe será devolvido na dimensão certa. Assim, se desistir de tentar viver Isolda a Bela no plano errado, verá que ela lhe será dada de volta num plano correto e viável. Na verdade, sua recompensa será dupla, pois irá descobrir que existem duas Isoldas, cada uma para ser vivenciada de acordo com sua natureza: Isolda, a imagem de sua alma, Isolda, a mulher.

Infelizmente Tristão fracassa quanto ao sacrifício, pois no último instante, sua decisão e sua masculinidade são por demais fracas. Faz um pacto secreto com Isolda, de que sempre ficará perto dela e a encontrará às escondidas. Aceita o anel de jaspe verde em garantia da promessa que Isolda lhe faz de ir ao seu encontro quando fosse chamada, para novamente trair o rei. Ele se reserva o direito de recolocá-Ia no mundo da projeção, de recolocar seu relacionamento no mesmo velho nível, de recomeçar os ciclos de intriga, encontros furtivos, votos quebrados e traições.

Se Tristão cumprisse sua palavra, se fizesse um real sacrifício, poderia colocar seu relacionamento com Isolda num plano mais elevado. Mas ele se esquiva ao sacrifício, pois nega dentro de si o cumprimento de uma exigência, e a evolução é interrompida. O símbolo desse sacrifício incompleto é o anel de jaspe verde, pois com esse anel eles selam o pacto de voltar atrás no sacrifício. Logo mais veremos as terríveis peças que esse anel ainda virá pregar-Ihes antes de a nossa história chegar ao fim.

Faz parte do destino do homem alcançar um ponto na vida no qual o encantamento é quebrado e ele é convocado a sair da Floresta de Morois. É chegado o tempo da decisão e do sacrifício, o rei nos chama ao encontro de uma nova forma de viver com Isolda a Bela e uma nova forma de viver com a mulher de carne e osso.

Quando se lida com material arquetípico como esse que é mostrado neste mito, é bom ter-se em mente que um ideal está sendo expresso, e que geralmente não pode ser traduzido para a vida prática. Assim como os pontos de vista oficiais da Igreja Católica sobre o controle da natalidade, sobre o divórcio e sobre a monogamia são afirmações ideais a partir das quais as diversas sociedades tomam suas diretrizes, assim também o ideal mítico apresentado em Tristão e Isolda é uma visão grandiosa, que nem sempre pode ser viável no "toma-lá-dá-

cá" dos assuntos humanos. Uma observação do I Ching reforça este ponto:
Na China a monogamia é tida como regra legal, e oficialmente cada homem toma apenas uma esposa. Esse casamento - que é menos uma preocupação para seus dois participantes do que para suas famílias - é contraído sob a rígida observância das normas. Mas o marido se dá o direito de dar vazão às suas inclinações mais pessoais. .. Evidentemente, este é um dos assuntos mais difíceis e delicados, que requer tato por parte dos envolvidos mas, em circunstâncias favoráveis, representa a solução de um problema para o qual a cultura européia não conseguiu encontrar uma resposta. Desnecessário é dizer que também a mulher chinesa, assim como a européia, não consegue atingir com freqüência sua posição ideal. (I Ching, p. 209.)
Esta sutil observação reforça a nossa idéia de que um ideal é um farol muito luminoso, mas que nem sempre é atingido.

Parte IV

A NARRATIVA

De Como Tristão Encontrou Isolda das Mãos Brancas e Como Amor e Morte Finalmente se Misturaram

Retornando agora à história de Tristão, vamos encontrá-Ia onde o deixamos, vagando por terras distantes. Afastado de Isolda e da Cornualha, "Tristão buscou refúgio para suas mágoas nos mares, ilhas e terras estrangeiras." Sem Isolda, a vida era vazia, a morte em vida, e ele ansiava pela morte para que ela o livrasse de seus sofrimentos. Apegava-se, no entanto, às lembranças da amada, dando alento a seus sofrimentos, como se fossem a própria vida, e recusava todas as demais mulheres. Vagou por lugares distantes, empenhado em guerras e aventuras, sempre sendo levado, sempre sem lar.
"Estou cansado e minhas façanhas nada me acrescentam; minha senhora está distante e jamais voltarei a vê-la. Por que há dois anos ela não me dá um sinal sequer? Por que não me enviou ela um mensageiro para me encontrar pelos

caminhos que percorri? Mas, em Tintagel, Mark a respeita e ela lhe dá alegria... E eu, por minha vez, será que nunca vou esquecê-Ia, a ela que já me esqueceu? Será que jamais encontrarei alguém que ponha um fim à minha tristeza?"
Tristão não sabia, mas os céus logo enviariam uma resposta às suas perguntas. Ele viajou para a Bretanha e o que lá encontrou deixou-o desolado, pois as terras estavam devastadas, as cidades abandonadas e as plantações queimadas. Um eremita lhe disse: "Bondoso cavaleiro, nosso Rei Hoël está encurralado em seu castelo de Carhaix, sitiado por seu vassalo, o Conde Riol de Nantes, e este traidor espalha a destruição sobre as terras." Tristão cavalgou a té as muralhas de Carhaix e gritou para o rei: "Sou Tristão, Rei de Lyonesse, e Mark da Cornualha é meu tio. Como vosso vassalo está agindo mal, venho oferecer-vos minha ajuda."
O rei, porém, não podia receber Tristão, pois restava pouca comida em Carhaix, a situação era desesperadora e a amarga derrota não estava muito distante. Mas o jovem filho do rei, Kaherdin, disse: "Meu pai, eis um respeitável cavaleiro. Deixai-o entrar, desde que seja corajoso o bastante para compartilhar de nossa sorte e de nossa desgraça."
Kaherdin recebeu Tristão com honrarias e tratou-o como amigo e irmão, levando-o a conhecer todo o castelo, com suas masmorras e todo o aparato defensivo. Em seguida, pelas mãos de Kaherdin, Tristão foi conduzido ao aposento das mulheres, e lá encontrou a mãe e a irmã de Kaherdin entoando uma canção costumeira, enquanto se ocupavam do tear. Tristão fez-Ihes uma reverência e Kaherdin disse: "Vê, amigo Tristão, como as mãos de minha irmã tecem os fios de ouro neste pano. Com razão, minha irmã, sois chamada 'Isolda das Mãos Brancas'."
Ao ouvir esse nome, Tristão estremeceu, mas sorriu e contemplou-a polidamente.
Enquanto isso, Riol, o traidor, estava acampado com um grande exército a três milhas de Carhaix, e à noite podiam-se ver as fogueiras do acampamento. Riol mantinha o castelo sitiado para fazê-Ios render-se pela fome. Daquele dia em diante, porém, Tristão e Kaherdin saíam diariamente com alguns cavaleiros de confiança e corajosamente emboscavam o inimigo, sempre conseguindo bons despojos: carroças de víveres e armas. A esperança renasceu em Carhaix, os homens do Rei Hoël passaram a combater com mais entusiasmo e entre as tropas de Riol cresceram rumores sobre dois cavaleiros invencíveis que sempre lutavam lado a lado, o que fez com que o traidor começasse a ficar bastante preocupado. Kaherdin ia para a batalha ao lado de Tristão, e juntos consolidavam suas posições. Um tomava conta do outro, sempre se ajudando mutuamente. Voltavam contentes dos combates, conversando sobre a Cavalaria e as nobres

façanhas, sobre amor e aventuras. Assim, uma profunda afeição, alimentada pela confiança e pela gentileza, cresceu entre eles, e, como narra a história, tornaram-se mais unidos que irmãos. Sempre que Kaherdin cavalgava ao lado de Tristão, falava de sua irmã, Isolda, tecendo elogios à sua beleza, bondade e simplicidade.
Certo dia, o Conde Riol atacou Carhaix com um grande exército e poderosas máquinas de guerra. Tristão e Kaherdin, por sua vez, corajosamente postaram-se com seus cavaleiros diante das muralhas e Tristão lançou-se diretamente sobre o Conde Riol, travando com ele renhida luta, espada contra espada, até que Riol, com o elmo fendido pela espada de Tristão, pediu misericórdia. Riol rendeu-se, ordenando a seu exército que parasse de combater, depois entrou em Carhaix para pedir misericórdia diretamente ao Rei Roel, e lá mesmo jurou-lhe obediência.
Tudo terminado, Kaherdin dirigiu-se ao pai: "Senhor, não deixeis que Tristão se vá. Permiti que ele se case com minha irmã e se torne um filho para vós e um irmão para mim." O rei aceitou o pedido e disse a Tristão:
"Amigo, conquistastes meu afeto. Tomai agora minha filha, Isolda das Mãos Brancas, cujo sangue real provém da mais nobre ascendência. Tomai-a, ela é vossa."
E Tristão respondeu: "Eu a aceito, senhor."
Tristão, assim, esqueceu-se de suas mágoas e sentiu-se novamente viver. Ele amava Isolda das Mãos Brancas pela sua bondade e beleza. Amava seu irmão, Kaherdin, tinha importantes coisas para fazer e um rei para servir. Assim sendo, ele disse: "Eu a aceito, senhor."
Tristão casou-se com Isolda das Mãos Brancas, Princesa da Bretanha, diante das portas da catedral, e Isolda estava feliz. O coração de Kaherdin transbordava e todos se alegravam.
Naquela noite, porém, quando seus pagens o despiram, o anel de jaspe verde escorregou do dedo de Tristão, que o escutou cair no chão de pedras. Para os ouvidos de Tristão, foi como se tivesse ouvido os sinos do destino. Voltou a si e fitou o anel. Lembrou-se de Isolda a Bela, lá longe, na Cornualha. No mesmo instante as mágoas retornaram.
"Ah! Agora meu coração me diz que agi mal. Foi na floresta que me destes este anel, onde sofrestes privações por minha causa. Quão errado estive ao acusar-vos de traição, Isolda a Bela, pois fui eu que vos traí! Casei-me com outra, e agora que pena sinto de minha esposa, pela sua confiança e pelo seu coração ingênuo. Vede como estas duas Isoldas me encontraram numa hora infeliz! E a ambas fui infiel!"
No leito nupcial', Tristão deitou-se imóvel, frio como uma pedra, não conseguindo tocar sua esposa. Finalmente, ela indagou: "Meu senhor, que fiz eu

para irritar-vos ou o que deixei de fazer para não merecer sequer um beijo de meu marido?"
Tristão inventou uma história. Disse-lhe que, certa vez, no seu leito de morte devido a um ferimento causado por um dragão, havia feito um juramento sagrado à Mãe de Deus: se ela o curasse, e ele viesse a casar-se, não beijaria sua noiva, nem teria prazer com ela, durante um ano. E reiterou: "Preciso cumprir minha promessa ou irei arriscar-me à ira do Deus TodoPoderoso." Isolda concordou, mas no dia seguinte, quando as criadas colocaram sobre sua cabeça o véu das mulheres casadas, ela suspirou tristemente e pensou que nada fizera para merecer usá-Io. Tristão ficou ainda mais taciturno e pensava em Isolda a Bela ao olhar para o anel de jaspe verde em sua mão.
Com o passar do tempo, Isolda das Mãos Brancas não pôde mais ocultar o segredo a Kaherdin, seu irmão. Ele ficou sabendo da verdade: Tristão nunca a tomara fisicamente como esposa. Kaherdin primeiro ficou espantado e, depois, furioso. Foi até Tristão e disse:
"Apesar de seres meu amigo mais amado e meu irmão, não posso permitir esta humilhação. Tens de transformar minha irmã em tua verdadeira esposa, caso contrário te desafiarei às armas, vingando assim a desonra." Tristão contou então a Kaherdin o que nunca revelara a outro homem, a não ser a Ogrin, o Eremita. Contou-lhe como fora em busca de Isolda a Bela, como beberam da poção do amor em alto-mar, contou-lhe das dores e dos desejos que assolaram seu espírito e seu corpo durante dias e noites, do tempo na Floresta de Morois, dos leprosos e do cadafalso, dos votos trocados, do anel de jaspe verde. "Agora sei que sem Isolda a Bela não posso viver nem morrer, e a vida que levo é a morte em vida."
Kaherdin, ao ouvir a história, não pôde continuar com raiva e, com muita pena do jovem, disse: "Amigo Tristão, que Deus poupe todos os homens das mágoas que sofreste! Vou pensar durante três dias sobre tudo que me disseste e depois comunicarei minha resolução "
Quando os três dias se passaram, Kaherdin tonou a Tristão:
"Amigo, procurei aconselhar-me com meu coração. Sim, tu me disseste a verdade, a vida que vives nesta terra é um delírio, é uma loucura, e nada de bom pode resultar nem para ti, nem para minha irmã, Isolda das Mãos Brancas. Ouve o que te proponho. Viajaremos juntos para Tintagel; verás a rainha e saberás se ela ainda chora por ti e se ela te é fiel. Caso tenha ela te esquecido, talvez possas sentir mais ternura por minha irmã Isolda, a meiga, a simples. Eu te acompanharei: não sou teu parceiro e camarada?"
"Irmão", disse Tristão, "falaste bem: 'O coração de um homem vale todo o ouro de um país.'"
Kaherdin e Tristão disfarçaram-se como peregrinos e tomaram um barco para a

Cornualha. Tristão enviou o anel de jaspe verde a Isolda com uma mensagem para que ela viesse encontrá-Io. Mas Isolda a Bela estava num dilema: ouvira a notícia do casamento de Tristão com Isolda das Mãos Brancas e acreditava que Tristão a houvesse traído, que preferira outra mulher a ela. No entanto, ela prometera!... O que fazer? Preparou um encontro com Tristão, mas depois surgiram novamente rumores de sua traição. Finalmente, quando Tristão foi ter com ela, disfarçado de mendigo, mandou que seus criados o espancasem e o expulsassem. Assim, Tristão partiu magoado e retomou com Kaherdin para a Bretanha. Isolda ao ouvir que Tristão partira desesperado, percebeu o seu erro, e chorando amargamente, passou dias e noites em penitência, carregada de remorsos.

Em Carhaix, Tristão definhava: nem sua esposa nem as aventuras, nem as caçadas, nem a própria vida despertavam nele interesse algum. Finalmente, chegou à conclusão: "Preciso voltar a vê-Ia, pois antes morrer tentando vê-Ia mais uma vez que morrer aqui por falta dela. Quem vive na dor já é um homem morto, e quero morrer, mas que a rainha saiba que é por seu amor que morro. Se ao menos eu pudesse saber se ela sofre por mim como sofro por ela!"

Tristão disfarçou-se novamente de peregrino e, sem nada dizer a Kaherdin, retomou a Tintagel. Sujou o rosto com lama e fingiu ser um palhaço, um bobo da corte, um bufão itinerante. Chegando à corte, disse ele ao Rei Mark: "Dai-me a Rainha Isolda e eu a tomarei nos braços e vos servirei por amor a ela."

Rindo, o rei respondeu: "E para onde a levarias, ó bufão?"

"Lá bem alto, suspenso entre as nuvens e o céu, há um belo lugar cercado de janelas transparentes, onde penetram os raios do sol mas os ventos não ousam perturbar. Colocaria a rainha nesse aposento de cristal, repleto de rosas e de manhãs."

Fazendo-se de louco, Tristão conseguiu entrar nos aposentos da rainha e mostrou-lhe o anel de jaspe verde. Desconfiada, a princípio, ela finalmente o reconheceu e caiu em seus braços. Enlouquecido pelo desejo, ele voltou lá durante três dias para saciar a paixão, até que os guardas desconfiaram e ele percebeu que teria de partir para não ser surpreendido.

"Amiga, preciso fugir, pois levantamos suspeitas. Preciso fugir e talvez nunca mais possa ver-vos. Minha morte está próxima e, longe de vós, morrerei de desejo."

"Amigo," disse ela, "envolvei-me num abraço, estreitai-me fortemente, e tanto, que nossos corações se rompam e vossa alma e a minha finalmente se libertem. Levai-me para aquele lugar de felicidade do qual me falaste há tanto tempo. Os campos de onde ninguém jamais retorna, mas onde maravilhosos trovadores cantam suas canções eternamente. Levaime, agora."

"Eu vos levarei à Feliz Terra dos Vivos, rainha! O tempo está próximo, e quando ele chegar, se eu vos chamar, vireis, minha amiga?"
"Amigo," disse ela, "chamai por mim e tende certeza de que irei."
Com esta profecia de morte, Tristão afastou-se e Isolda nunca mais o viu em vida.
Tristão retomou a Carhaix, mas continuava recusando-se a tocar em sua esposa, e jamais a felicidade humana iluminou seus olhos, jamais a alegria estampou-se em seu semblante. Depois de algum tempo, ele partiu para ajudar Kaherdin na luta contra um barão inimigo. Caíram numa emboscada e, apesar de Kaherdin e Tristão terem abatido os sete cavaleiros que os atacaram, Tristão foi ferido com uma lança envenenada. Mais uma vez em sua vida, ele é prostrado pelo veneno mortal nas veias, e nem médicos nem magos conseguiram encontrar a cura.
Tristão chamou Kaherdin e disse-lhe:
"Irmão, para mim não há mais cura. Toma este anel de jaspe verde e procura Isolda a Bela. Mostra-o a ela e dize-lhe que se não vier eu morrerei; dize-lhe que precisa vir pois bebemos nossa morte juntos e que se lembre do juramento que fiz de servir a um só amor, pois de minha parte cumpri este juramento."
E combinaram um sinal: se Kaherdin retomasse com Isolda a Bela, ele deveria içar uma vela branca, mas se ela se recusasse a vir, a vela seria negra.
"Amigo, não chores", disse Kaherdin, "pois farei o que desejas."
Mas Isolda das Mãos Brancas ouviu através da porta e quase desmaiou, ao compreender finalmente porque seu marido a rejeitara. A partir desse dia, apesar de não o demonstrar, ela começou a tramar uma cruel vingança - vingança contra Isolda a Bela, que lhe roubara tanto o marido quanto a felicidade na terra.
Kaherdin embarcou num navio que o levou diretamente a Tintagel, com a ajuda de bons ventos. Apresentando-se na corte do rei como mercador e mostrando seus artigos à rainha, pôde colocar diante dela o anel de jaspe verde, enquanto sussurrava a mensagem de Tristão. Imediatamente a rainha deixou o castelo e, sem ser vista, embarcou no navio de Kaherdin que partiu com a maré. Isolda acompanhava a proa que ia cortando as ondas espumantes, mas seu olhar estava sempre voltado para Carhaix.
Tristão sentia-se tão fraco que já não podia mais ficar de vigília nos rochedos perto de Carhaix. Mas todos os dias, deitado em seu catre, perguntava à esposa se ela via o navio retomando. Certo dia, ela olhou para o mar e viu o navio com a vela branca enfunada pelo vento. Então, cheia de maldade no coração, ela realizou a vingança. Aproximando-se do marido disse:
"Senhor, o navio está a vista."
"E a veIa", perguntou Tristão, "que cor tem a vela?"
"Sua cor", responde ela, "é negra."

Tristão virou-se para a parede.
"Não posso continuar vivendo", murmurou ele e começou a chamar: "Isolda, minha amiga." Repetiu estas palavras lentamente por quatro vezes, e na quarta vez morreu.
Mas no mar, o vento soprou mais forte e enfunando a vela conduziu o navio' à praia, onde Isolda a Bela desceu. Já nas ruas, ouviu as lamentações e o dobrar dos sinos na catedral e nas torres das capelas; perguntou às pessoas o porquê do toque fúnebre e o porquê das lágrimas. Um velha lhe respondeu:
"Senhora, uma grande tristeza abateu-se sabre nós. Tristão, que foi tão leal e tão justo, está morto. É o pior infortúnio que já aconteceu a esta terra."
Ela subiu correndo ao castelo pelas aléias, e sua capa esvoaçava selvagemente ao vento. Os bretões ficaram paralisados à sua passagem; jamais haviam vista uma mulher de tão rara beleza e exclamavam:
"Quem é ela e de onde vem?"
Ao lado de Tristão, Isolda das Mãos Brancas estava prostrada, enlouquecida pelo mal que causara, chorando e lamentando-se sobre o homem morto. A outra Isolda entrou e disselhe:
"Senhora, erguei-vos e deixai-me ficar ao lado dele, tenho mais razões que vós para chorá-lo - acreditai-me."
E depois de se ter voltado para o leste e feito suas preces a Deus, moveu um pouco o corpo de Tristão e deitou-se junto dele, ao lado do amigo. Beijou-lhe a boca e o rosto e o abraçou fortemente; e então entregou sua alma, morrendo de dor, ao lado do amado.
Quando a notícia chegou ao Rei Mark, ele cruzou o mar e levou-os à Cornualha, construindo para cada um deles um belo túmulo, um à esquerda e o outro à direita de uma capela. Certa noite, um pé de roseira brava brotou no túmulo de Tristão. Fortes eram seus ramos, verdes suas folhas e perfumadas suas flores. Rapidamente, subiu através da capela e desceu do outro lado, enraizando-se perto do túmulo de Isolda. E perdurou por muitas gerações, forte e belo, sempre exalando sua fragrância.

13 - Enigmas e Paradoxos

Acompanhamos toda a jornada de Tristão e Isolda. Nós os observamos de perto e os vimos atravessando suas alegrias, seus sofrimentos e, finalmente, sua morte.

Mas nossa jornada ainda não terminou, pois precisamos fazê-Ia duas vezes: uma para vivê-Ia e outra para aprendermos dela e para compreendê-Ia. Nossa tarefa agora é dar um passo para trás e perguntar: O que isso significa? Que lição podemos extrair daqui?

Nesta última e mais dramática parte da narrativa, existem alguns enigmas, algumas controvérsias e paradoxos. Precisamos examiná-Ios agora, deixando-os bem claros em nossa mente e assim, à medida que prosseguirmos através da simbologia, poderemos voltar a eles sempre que quisermos.

O primeiro e mais evidente paradoxo é Isolda das Mãos Brancas ser rejeitada por Tristão. Quando se inicia essa parte da nossa história, encontramos Tristão vagando solitário e em profundo desespero: "Será que jamais encontrarei alguém que ponha um fim à minha tristeza? "

A pergunta logo é respondida. Ele encontra Isolda das Mãos Brancas, Kaherdin, um rei para servir, uma vida humana decente para viver. Mas, logo a seguir ele rejeita tudo isso! Por quê? Não faz sentido. Ele não conseguiu construir um relacionamento humano com Isolda a Bela; ele a devolveu ao Rei Mark, e Isolda a Bela tem a sua própria vida lá. Por que, então, ele não vive uma vida humana com Isolda das Mãos Brancas?

Por qual estranha moralidade, por quais estranhas noções de "certo" e "errado", "fidelidade" e "traição", ele acha que deve se condenar a um sofrimento sempiterno e à mais terrível solidão? Por que acredita ser dever seu rejeitar a mulher com a qual vive, para morrer de desejo por uma deusa idealizada cuja imagem carrega no pensamento, mas que nunca poderá realmente possuir nesta vida física?

Humanamente falando, isso não faz sentido, pois tal atitude destrói a vida humana, literalmente reduz a vida de Tristão a uma "morte em vida". Para o nosso lado romântico, no entanto, as atitudes de Tristão fazem muito sentido. Uma voz dentro do homem insiste com veemência que é algo maravilhoso essa eterna busca do ideal feminino perfeito, ao invés de se contentar com a mulher de carne e osso que a vida colocou em seus braços.

Todo psicólogo tem uma fila enorme de pacientes que repetem a pergunta de Tristão: "Será que jamais encontrarei alguém que ponha um fim à minha tristeza, à minha infelicidade?" É a pergunta mais freqüentemente formulada na nossa sociedade. E a maior parte dos homens segue o modelo de Tristão. Quando uma mulher mortal, de carne e osso aparece na vida de um homem, oferecendo-lhe amor e afeição, ele acaba por rejeitá-Ia porque ela não pode ser comparada à perfeição idealizada - Isolda a Bela - que só pode viver dentro das profundezas de sua psique.

O segundo grande enigma dessa parte de nossa narrativa é o seguinte: que

"amor" é esse que existe entre Tristão e Isolda a Bela? À medida que vamos acompanhando os dois, nós nos mostramos muito crédulos durante a maior parte do caminho; afinal de contas, somos ocidentais românticos. Finalmente, porém, começamos a nos dar conta da egocentricidade gritante, dos caprichos, que um impinge ao outro em nome do "amor"!

Tristão queixa-se a respeito de Isolda porque "Mark a respeita e ela lhe dá alegria!" Por que, se Tristão a ama tanto, não quer ele vê-Ia feliz ao lado do marido? Pode parecer uma pergunta ingênua, mas se Tristão afirma ser motivado pelo "amor", temos o direito de fazer essa pergunta. E mais tarde ele diz: "Quero morrer, mas que a rainha saiba que é por seu amor que morro. Se ao menos eu pudesse saber se ela sofre por mim como sofro por ela!"

Que tipo de "amor" é esse que leva Tristão a desejar, não a felicidade da amada, mas o seu sofrimento? Se ele acredita que ela se reconciliou com o passado e está feliz com o Rei Mark, por que vai ele voltar lá para jogar lenha no fogo da paixão? Por que ele procura renovarlhe o sofrimento, atrapalhando sua vida com o Rei Mark?

E quanto a Isolda? Que amor é esse que a leva a desprezar Tristão porque ele se casou com outra mulher? Isolda é casada com o Rei Mark e vive com ele. No entanto, por esses estranhos padrões, Tristão não pode casar-se com outra mulher, não pode amar nenhuma outra mulher; e, acima de tudo, ele não pode ser feliz. Se ele fizer uma que seja dessas coisas humanas normais, então ele é um "traidor" para Isolda a Bela! Que espécie de "amor" faz com que Isolda queira ver Tristão sempre só e infeliz, sem uma esposa, sem um lar, sem filhos? Isso não é amor. O amor é um sentimento dirigido para um outro ser humano, não dirigido para a própria paixão. O amor deseja o bem-estar e a felicidade da pessoa amada e não aquele drama enorme que se faz às custas do outro. Ainda assim, estranhamente, Tristão e Isolda chamam a isso "amor".

Pelos padrões humanos está tudo invertido: eles se "amam", mas cada qual quer que o outro sofra, que seja infeliz. Eles falam de "traição", mas para eles "fidelidade" mútua pressupõe que o marido de uma ou a esposa do outro sejam traídos. Eles se recusaram a construir uma família e a levarem juntos uma vida humana normal, e nenhum perrnite que o outro consiga fazer isso com alguém mais.

Tudo isso não chega a ser realmente novo para nós. Já vimos pessoas "apaixonadas" agirem dessa forma. A grande maioria dentre nós já viveu essas mesmas atitudes contraditórias. Às vezes conseguimos ser ligeiramente mais sutis, mas no mito o paradoxo aparece dessa forma tão gritante porque a mensagem brota nua e crua diretamente do inconsciente.

Na medida em que formos estudando nossos símbolos, vai tornar-se cada vez

mais claro que o maior dos paradoxos é o próprio amor romântico: como um conjunto e procedimentos, ele é a fonte de onde emanam todas essas contradições. O amor romântico é a mistura profana de duas espécies sagradas de amor. Um é o amor divino do qual já falamos: é o impulso natural que nos leva para o mundo interior, é o amor que a alma sente por Deus, ou pelos deuses. O outro é o amor "humano", o amor que sentimos pelas pessoas - seres humanos de carne e osso. Ambos são válidos, ambos são necessários. Mas, por algum artifício da evolução psicológica, nossa civilização misturou os dois tipos de amor na poção do amor romântico e quase pôs ambos a perder.

O melhor do romantismo e do amor romântico é que são tentativas válidas para devolver à consciência ocidental o que havia sido perdido. O romantismo procura restaurar o sentido do lado divino da vida, a vida interior, o poder da imaginação. o mito, o sonho, a fantasia. A tragédia, que essa parte da nossa narrativa mostra, é que usamos maI o ideal do romantismo, situamos erradamente o amor divino, e neste processo acabamos destruindo nossos relacionamentos humanos. Chamamos de "amor" o que não é amor, invertemos o significado de "fidelidade", e perseguimos uma imagem idealizada, efêmera, da anima, em vez de amarmos um ser humano de carne e osso.

Aqui vai uma advertência: à medida que examinamos algumas das terríveis complicações da tragédia em que se transforma "Tristão e Isolda", precisamos lembrar que o amor romântico é um estágio necessário de nossa evolução psicológica. Não importa o que possa ser dito contra ele, não importa o que tenhamos que fazer para consertar nosso relacionamento com ele, é o nosso caminho: a nossa maneira ocidental de evoluir e purificar essas .duas espécies de amor que misturamos na poção mágica. O amor romântico é como o "túnel do amor';" não podemos ficar empacados lá dentro no escuro;. temos de sair do outro lado e resolver o paradoxo. Mas para os ocidentais parece ser necessário entrar no túnel. A única maneira que conhecemos de encontrar o sentimento, de enfrentar os dois grandes tipos de amor, é nos "apaixonando", é nos torturando pelo paradoxo, para então aprender.

Na medida em que formos avançando, e expondo as contradições, e desmascarando as ilusões, lembremo-nos de que a questão não é saber se devemos louvar o amor romântico ou condená-Io, se devemos conservá-Io ou jogá-Io fora. Nossa tarefa é fazer dele um caminho para a conscientização, viver honestamente o paradoxo e aprender a respeitar os dois mundos que existem no amor romântico: o divino, de Isolda a Bela, que Tristão persegue, e o humano, de Isolda das Mãos Brancas, que ele rejeita.

14 - Isolda da Terra

Tristão nunca chega a ter um relacionamento humano com Isolda a Bela, nunca assume os compromissos do dia-a-dia de uma vida estável, para que possam encontrar o calor humano e o companheirismo que tanto necessitam. É espantoso constatar isso quando pensamos em todos os dramas e aventuras pelos quais eles passam. Encontram-se secretamente, assumem riscos inimagináveis, são arrastados ao cadafalso, fogem e continuam seu drama na Floresta de Morois - lutando com a natureza e com os inimigos. Tudo isso, no entanto, não pode nunca traduzir um relacionamento humano!

Um dos grandes paradoxos do amor romântico é que ele jamais cria um relacionamento humano enquanto permanece romântico. Ele cria drama, aventuras ousadas, cenas de amor ardentes e maravilhosas, ciúmes e traições; mas parece que as pessoas nunca se decidem por um relacionamento próprio de seres humanos de carne e osso até que superem o estágio do amor romântico, e passem a se amar em vez de se apaixonar.

Começamos a compreender porque isto é assim. Isolda a Bela é a anima. É o amor divino que Tristão procura nela; inconscientemente, ele procura uma passagem para o mundo interior. Tristão não consegue ter um relacionamento humano comum com Isolda a Bela porque ela é a anima e deve ser vivida como um elemento interno, um símbolo.

Quando Tristão parte da Cornualha, deixando Isolda com o Rei Mark, ele cai em desespero, crê que está abandonando a anima, literalmente personificada numa mulher mortal, exatamente como fazem todos os homens quando "apaixonados". Do ponto de vista de seu ego, a vida não tem mais sentido, pois ele acha que este sentido somente pode ser encontrado em Isolda a Bela.

"Separados, os amantes não podiam nem viver nem morrer, pois que era vida e morte ao mesmo tempo, e Tristão buscou refúgio para as suas mágoas nos mares, ilhas e terras estrangeiras."

E assim, chegamos à famosa pergunta de Tristão: "Será que jamais encontrarei alguém que ponha um fim à minha tristeza?"

Embora para o seu ego pareça a morte, o destino o conduz em direção à própria vida! Pois a tranqüila e despretensiosa mulher que o aguarda no Castelo de Carhaix é a encarnação da vida humana: ela é Isolda das Mãos Brancas, Isolda da Terra.

Como Tristão, chegamos a esta Isolda com um fardo de preconceitos, com a lealdade já comprometida anteriormente. Não gostamos de algo que seja

"simples": para nós "simples" significa monótono ou obtuso ou estúpido. Nós nos esquecemos de que a simplicidade é uma necessidade da vida humana: é a arte humana de encontrar sentido e alegria nas coisas pequenas, naturais e corriqueiras. No seu nível mais elevado, é a consciência que vê através das confusões que inventamos, encontrando a realidade essencial e singela da vida. Mas em nossa época, temos um preconceito coletivo contra Isolda das Mãos Brancas. Se um relacionamento direto, simples e espontâneo nos oferece felicidade, não o aceitamos. É "simples demais", "monótono demais". Estamos condicionados a respeitar apenas o que é exagerado " pomposo, o que é grande, complicado ou "altamente excitante".

A verdadeira tragédia de Tristão e Isolda está oculta num lugar quieto e humilde, onde não estamos acostumados a olhar, e não é a morte de Tristão, pois todos os homens morrem. A tragédia de Tristão é que ele se recusa a viver enquanto ainda está vivo, e assim ele não tem vida humana ou valor humano. É assim que sua vida se torna uma "morte em vida". A verdadeira tragédia ocorre naquele instante em que Tristão recusa Isolda da Mãos Brancas; com esse ato, ele recusa a terra e tudo o que vem com a vida humana terrestre - o amor humano, os relacionamentos, todas as alegrias terrenas.

Para nós ocidentais, que sorvemos a forte bebida do romance misturada ao leite materno, IsoIda das Mãos Brancas parece ser uma personagem menor. Ficamos mesmerizados pelo outro drama: os encontros secretos e as despedidas, as intrigas e a emoção intensa - não pertencente a este mundo - que se apodera de Tristão e Isolda a Bela. Mas, se nos afastarmos disso tudo e contemplarmos Isolda das Mãos Brancas, poderá acontecer o que disse Kaherdin: "Talvez possas sentir mais ternura por minha irmã Isolda, a meiga, a simples."

Esta Isolda personifica um lado diferente do interior feminino, um lado que não tínhamos encontrado antes. Suas "mãos brancas" lembram, simbolicamente, muitas coisas. Elas são claras e delicadas, mas habilidosas no trabalho prático da vida. Esta Isolda se delicia com a vida comum, humana, terrena. Nós a encontramos pela primeira vez no aposento feminino do castelo onde ela estava tecendo tapeçarias, bordando com fios de ouro um fino tecido. Ela é de sangue real, mas podemos imaginá-Ia tendo filhos, criando-os, cozinhando, convivendo com as atividades simples que tornam a vida humana possível.

Chamaremos de "feminino terrestre" este aspecto do feminino que liga o homem a este plano físico, aos demais seres humanos, à vida comum, a tudo o que faz parte de estar encarnado nesta dimensão humana, limitada pela necessidade, pelo compromisso, pelo dever, pelo tempo e pelo espaço. O feminino terrestre é o elemento interior que lhe dá a possibilidade de amar em um nível humano, construindo relacionamentos humanos.

Isolda das Mãos Brancas personifica a capacidade que tem o homem de ver a beleza, o valor e o que existe de sagrado no mundo, na vida física e na condição humana. Ela preside os seus relacionamentos com os seres de fora, no mundo exterior. Por outro lado, a anima preside seus relacionamentos com os seres de dentro, no mundo interior. O feminino terrestre sabe amar de uma maneira que não é a do idealismo romântico, nem é uma projeção dos deuses interiores sobre os mortais. Sua maneira é um amor que nos liga a outros homens e mulheres de carne e osso, valorizando-os na sua condição humana natural.
Tudo o que Isolda das Mãos Brancas faz mostra-nos que sua única preocupação é esse tipo de relacionamento. Este é o seu único princípio, o seu sistema fundamental de energia. Tristão diz a respeito de Isolda a Bela: "Bebemos nossa morte juntos." Mas esta outra Isolda não está interessada na morte, está interessada na vida, nesta vida humana natural da terra, com uma pessoa que a ame pelo que ela é, que cuide dela, que seja alimentada por ela. Esta Isolda da Terra não pede para ser levada ao "bosque encantado" encontrado apenas no reino da morte; em vez disso, ela pede que Tristão a ame e viva com ela em Carhaix, no mundo do aqui-e-agora que é a vida de ambos na terra.
Podemos ver o feminino terrestre mais claramente quando comparamos Isolda das Mãos Brancas à Isolda a Bela. Não conseguimos imaginar Isolda a Bela como dona de casa, criando filhos, mexendo as panelas no fogão, tecendo cobertores, envelhecendo com o marido no dia-a-dia de um lar. Conseguimos imaginá-Ia somente como parte de um grande drama, feito de arrebatadores encontros furtivos, torturantes despedidas, ou como a rainha, entronada num castelo de conto de fadas. Ela é uma feiticeira, filha da Rainha Feiticeira, nascida numa ilha mística além do Desconhecido. Ela é deusa: meio divina, meio humana. Ela é aquele aspecto do feminino que se mantém sempre esquivo, inatingível, é a "princesa distante", que somente pode ser realmente vivenciada em um nível simbólico, imaginário. A anima pode ser vivenciada internamente, ou pode ser exteriorizada num drama - o cadafalso, os leprosos, a Floresta de Morois. O que ela não pode é ser contida num relacionamento humano comum e simples, com seus deveres e seus limites finitos.
E a Isolda das Mãos Brancas? Ela é humana. Ela não nasceu de feiticeiras e semideuses numa espécie de "posto avançado do outro mundo". Ela nasceu de pais mortais neste mundo conhecido, foi criada em ambientes humanos comuns, preparada para uma vida humana, uma vida pessoal. Ela é aquele aspecto do feminino que se encaixa em nossa própria vida e em nossos relacionamentos pessoais.
A meta da anima é sempre nos levar para o mundo interior, para as profundezas ilimitadas, infinitas, do inconsciente, sem restrições, sem compromissos com

quem quer que seja, sem se deter diante dos limites da necessidade ou do dever. O feminino terrestre, por sua vez, nos dirige para o mundo pessoal e finito do relacionamento humano - aquele que é limitado por compromissos, deveres, obrigações, e também afeição e afinidade com relação a um ser individual.
À medida que a vida se transforma em morte e a morte se aproxima, existe apenas uma ocasião em que Tristão começa a viver outra vez, e é quando se aproxima de Isolda das Mãos Brancas: ele quer viver, quer amar e quer ser humano novamente. Ele se esquece do seu esdrúxulo pacto com a morte. Kaherdin abre as portas de Carhaix e as portas de seu coração para Tristão, que lá encontra afeto, amizade, amor e nobres façanhas para realizar.
"Será que jamais encontrarei alguém que ponha um fim à minha tristeza?" Ali está uma esposa que o ama, que lhe dará companheirismo, devoção, uma vida com sentimentos, amor erótico, os laços humanos do lar e da família. Com ela vêm também um irmão, um pai, uma pátria. Por que ele rejeita tudo isso?
Mais adiante na história ele nos conta por quê... Deitado no seu leito de morte, Tristão confia o anel de jaspe verde a Kaherdin e o envia numa última tentativa para buscar Isolda a Bela. "Dize-lhe que precisa vir, pois bebemos nossa morte juntos, e que se lembre do juramento que fiz de servir a um só amor, pois eu, de minha parte, cumpri este juramento."
É este ideal mal compreendido, este juramento, que fundamenta toda a tragédia do amor romântico. Tristão jurou servir a um só amor. Esse único amor é o amor divino do qual já falamos. O amor que nos atrai para o mundo interior. Mas quando Tristão jura servir apenas a esse amor divino da anima, ele também jura renunciar ao amor humano e ao relacionamento humano. Existem dois grandes amores, dois mundos nos quais o homem deve viver, duas Isoldas às quais deve servir. A grande falha no amor romântico é que ele procura um amor, mas se esquece do outro. Este é o significado exato da rejeição que Isolda das Mãos Brancas sofre da parte de Tristão.
Quando Tristão recusa Isolda das Mãos Brancas, ele nos mostra a conduta padrão do homem ocidental, que inconscientemente crê que seja certo usar seu casamento para tentar ligar-se à sua anima, usar uma mulher para ser a portadora de sua imagem anímica projetada, e que ele não precisa nunca considerar seriamente a mulher como o ser físico e individual que ela é, com uma estrutura complexa e uma consciência. O homem acredita que deve sempre procurar lsolda a Bela e que deve sempre rejeitar lsolda das Mãos Brancas; que deve sempre procurar o mundo divino que ele projeta sobre uma mulher, mas nunca se relacionar com esta mulher, como um ser individual.
O amor romântico, fiel à sua natureza paradoxal, nos engana: dá a impressão de que sua finalidade seja promover um relacionamento humano entre dois seres.

Afinal de contas, não se está meditando num templo; estamos "apaixonados" por um ser humano. Ou não? Para nós é difícil ver a diferença - a enorme diferença entre relacionar-se com uma pessoa e usar essa pessoa como veículo para a projeção.

No juramento de Tristão e na sua recusa em consumar o casamento encontramos a falha básica do romantismo: sua parcialidade. Ele tenta compensar a unilateralidade de nossa psique ocidental restaurando a experiência dos deuses, o mundo interior, os mistérios e o amor divino mas, como todas as tentativas coletivas para encontrar o equilíbrio, ele se torna unilateral na direção oposta. Ele adota a polaridade oposta, idealiza o mundo divino mas não deixa espaço para a condição humana. A vida humana comum, com suas obrigações, seus laços, seus compromissos, seus deveres, suas limitações, essa vida centrada no ser humano comum, é por demais ligada à terra, por demais monótona e mesquinha, de acordo com nossos preconceitos românticos.

O casamento de Tristão simboliza sua aceitação instintiva e involuntária da vida humana e do relacionamento humano. Seus instintos clamam por um companheirismo simples, físico, amoroso, com uma mulher comum e mortal. O Rei Hoel oferece-lhe a filha; Tristão responde, movido por puro reflexo e desejo de viver: "Eu a aceito, senhor." Ela não é sua alma, ela não é a perfeição, ela não é uma visitante dos céus. Mas ela é bela na sua forma humana de ser, ela é amorosa, ela é capaz de relacionar-se com ele e ela é real. Não é uma fantasia que emergiu para a superfície do mundo externo.

Tristão, embora casado com Isolda de direito, recusa-a de fato. Sua recusa em consumar o casamento, significa que ele rejeita um relacionamento humano com um ser mortal, em favor de uma visão passional, uma fantasia que somente pode ser vivida interiormente. Esse é o efeito que a índole romântica tem sobre a maioria dos casamentos e dos relacionamentos modernos. Nós nos casamos segundo as normas, nós proferimos as palavras, mas não assumimos interiormente o compromisso. Existe uma característica de efemeridade na maioria dos relacionamentos e cada um secretamente inclui uma cláusula para escapar do compromisso. Cada um de nós se reserva o direito de romper esse compromisso assim que surgir outra pessoa sobre a qual se possa projetar aquela visão passional.

É exatamente isso que o mito está prevendo para nossa cultura, e é exatamente isso que vemos como padrão normal. As pessoas realizam um casamento de direito, mas o recusam de fato. Elas se recusam a assumir um compromisso real com um ser humano, porque apenas se comprometem com sua visão, seu ideal interior, sua busca da manifestação perfeita da anima ou do animus, sua busca do amor divino. Como elas ainda não sabem que isto é uma tarefa interior,

imaginam que precisam manter sempre suas opções em aberto, precisam sempre se reservar o direi to de seguir para onde quer que a projeção do ideal interior as leve. Nas brumas do idealismo romântico achamos que isso é muito nobre, muito "liberado" mas, na verdade, trata-se apenas de má compreensão da realidade. Ê a nossa maneira de anular o lado humano da equação, a nossa forma de recusar um compromisso com Isolda das Mãos Brancas.

A tragédia é que Tristão, com todas as possibilidades de vir a ter uma vida de relacionamentos, cercado de calor humano, nega-se o direito de vivê-los. Curiosamente, não há nada que ele precise fazer: só precisa abrir os olhos, despertar para as riquezas que o cercam e vivê-Ias. Mas essas brumas do idealismo romântico, essa mácula do mundo humano, impedem que ele alcance justamente esse amor que tanto deseja. Ao rejeitar Isolda das Mãos Brancas, ele renova seu pacto com a morte.

Esse padrão de amor romântico repete-se constantemente na vida das pessoas de hoje. Ao viver um relacionamento ou um casamento, o homem sente-se vagamente insatisfeito: ou a vida não tem suficiente significado, ou ele sente falta da empolgação e do enlevo que sentia antes. Ao invés de compreender que está sentindo a falta do amor divino - a experiência interior da anima, que é de sua própria responsabilidade - ele põe a culpa na mulher. Ela não o está fazendo feliz; ela não é suficientemente boa; ela não realiza os seus sonhos. Apesar de ela lhe dar tudo o que está ao alcance de uma mulher mortal, ele a rejeita e continua procurando IsoIda a Bela. Ele sempre pressupõe que em algum lugar, em alguma mulher ou em alguma aventura, irá encontrar IsoIda a Bela, e será, então, capaz de possuí-Ia fisicamente e encontrar nela o significado de sua vida e sua realização. E assim denegrimos o amor humano, assim rejeitamos IsoIda das Mãos Brancas, assim renovamos nosso juramento coletivo de "servir a um só amor".

O amor humano, simbolizado por Isolda das Mãos Brancas, é totalmente diferente daquilo que chamamos de "apaixonar-se". Para o homem, amar segundo a maneira humana do feminino terrestre, significa que ele terá de direcionar seu amor para um ser humano mortal, não para a imagem idealizada que projeta. Significa relacionar-se com uma pessoa de verdade, identificar-se com ela, reconhecer o seu valor e os seus elementos sagrados, tal como ela é, na sua totalidade - com seu lado sombrio, suas imperfeições e tudo aquilo que a toma um ser mortal comum. "Estar apaixonado" é diferente: não é algo direcionado para uma mulher; é algo dirigido para a anima, o ideal do homem: seu sonho, sua fantasia, sua esperança, suas expectativas, sua paixão por um ser interior que ele sobrepõe à mulher exterior.

Isso explica porque uma parte tão grande deste "amor" entre Tristão e IsoIda a

Bela é tão inequivocamente egocêntrico. Tristão quer que IsoIda sofra, que se junte a ele na sua infelicidade, porque seu amor não está realmente dirigido para Isolda como mulher mortal, mas para si mesmo! Ele está preocupado com as suas próprias projeções, com a sua própria paixão - esta paixão cuja culpa ele joga na poção do amor, mas que ele faz questão de alimentar com sucessivas viagens até Isolda.
Isolda, de maneira similar, não parece preocupar-se com a felicidade ou com o bemestar de Tristão. Ela se preocupa em saber se ele a coloca em primeiro lugar, se sua aliança é somente com ela, se ele continuará a representar com ela o drama que a transporta para o "bosque encantado". Eles não estão preocupados com a felicidade ou o bem-estar ou a sobrevivência do outro, mas apenas em renovar a própria paixão, em serem transportados para um lugar mágico, em usar o outro para manter o drama passional em andamento. No final de suas vidas, sua única preocupação é usarem-se mutuamente para se libertarem completamente da terra mesquinha e alçarem vôo para aquele mundo imaginário e mágico, onde "maravilhosos trovadores cantam suas canções eternamente". Na verdade, eles não se amam, usam-se mutuamente para viverem as experiências ardentes e passionais que desejam ter.
Isto, independentemente de o admitirmos ou não, é o amor romântico. Em Tristão e em Isolda, o egoísmo, o uso do outro para criar a paixão pela paixão, é tão evidente, tão ingênuo, tão infantil, que se torna inequívoco. Mas as nossas próprias versões do amor romântico, dificilmente chegam a ser mais sutis. Simplesmente nunca entra em nossa cabeça romântica que possa existir algo de estranho em procurar um assim chamado "amor" para conseguir a minha realização, para dar vazão às minhas emoções, para tornar realidade os meus sonhos, as minhas fantasias, a minha "necessidade de ser amado", o meu ideal do amor perfeito, a minha segurança, o meu entretenimento.
Quando genuinamente amamos outra pessoa, trata-se de um ato espontâneo de ser, uma identificação com a outra pessoa que leva a reconhecê-Ia, a valorizá-Ia e a honrá-Ia, que nos leva a desejar a felicidade e o bem-estar dessa pessoa. Nesses raros momentos em que estamos amando, e não concentrados no nosso próprio ego, paramos de perguntar que sonhos vamos realizar através dessa pessoa, que vibrantes e extraordinárias aventuras ela nos irá proporcionar.
Existem dois casamentos que Tristão precisa fazer. O primeiro é interno, com sua própria alma, com Isolda a Bela. Esse casamento ele precisa fazer indo ao seu mundo interior, praticando sua religião, fazendo seu trabalho interior, vivendo com os deuses desse mundo interior. O segundo é com Isolda das Mãos Brancas, e esse casamento significa uma união com outro ser humano, significa aceitá-Ia como tal. Significa também fazer outros relacionamentos - fazer amigos

por exemplo, e assumi-los como seres humanos.
Podemos compreender esses dois casamentos como o reflexo das duas naturezas que se misturam dentro do homem: a humana e a divina. Para nós ocidentais, o grande símbolo dessas duas naturezas em integração é Cristo, e as dimensões dessa realidade são expressas de forma perfeita no simbolismo da doutrina cristã da Encarnação. Nela é dito que Deus veio habitar o mundo físico e o redimiu; Deus torna-se humano! As conseqüências dessa crença, tomadas como símbolo, são enormes. Significam que este mundo físico, este corpo físico e esta vida mundana que levamos na terra também são sagrados. Significam que os demais seres humanos têm o seu próprio valor intrínseco: eles não estão aqui meramente para que possamos ver refletida neles nossa fantasia de um mundo mais perfeito ou para que transportem nossas projeções de anima, ou ainda que se juntem a nós na representação de uma alegoria de um outro mundo. O mundo físico, mundano, comum, tem sua própria beleza, sua validade própria e sua próprias leis para serem observadas.
Existe uma asserção no Zen: "Esta terra - eis o Caminho! " O Caminho para a iluminação, para a alma, não é pelas nuvens, não é pela negação da terra: ele é encontrado dentro desta vida mortal, dentro da simplicidade das nossas tarefas mundanas e dos nossos relacionamentos com pessoas comuns. Tudo isso está expresso na realidade simbólica da Encarnação.
A Encarnação nos fala do paradoxo de duas naturezas: o amor divino e o amor humano, ambos misturados num único cálice, ambos contidos num mesmo ser humano. A Encarnação nos diz que Deus se fez carne, e o Deus encarnado, Cristo, era ao mesmo tempo humano e divino. Nesta imagem está refletida a natureza dupla do ser humano, os dois amores que, legitimamente, exigem nossa lealdade e a integração que devemos fazer de ambos. Portanto, a Encarnação nos mostra que o mundo divino e o mundo pessoal coexistem dentro de cada ser humano, e é quando as duas naturezas vivem juntas numa integração consciente que uma pessoa se torna um self consciente.
Independentemente de quais possam ser nossas idéias sobre a Encarnação histórica real, precisamos reconhecer as impressionantes conseqüências do Deus-feito-homem como um símbolo, como um modelo arquetípico arraigado no inconsciente ocidental. É uma realidade psicológica, um princípio unificador que atua em nós de dentro para fora, pouco importando se temos ou não consciência disso. Vamos viver essa natureza dual de uma forma ou de outra, consciente ou inconscientemente.
A Encarnação simboliza a integração; a poção do amor simboliza a mistura desordenada. Se admitirmos conscientemente nossa natureza dual, conseguiremos a integração transcendental; se a tomarmos ao acaso, sem

consciência, teremos a poção do amor. A história psicológica do Ocidente é esta: na medida em que deixamos de aceitar seriamente a Encarnação, mesmo como realidade simbólica, a verdade da nossa natureza dual é relegada ao underground. Inconscientemente, o amor divino, e todo o paradoxo do amor divino e do amor humano, infiltram-se na poção do amor. É lá que ambos se encontram atualmente, borbulhando num caldeirão de projeções, misturados na sopa do amor romântico.

Aprendemos que uma das raízes culturais do amor romântico é o dualismo maniqueísta, que viveu na Europa Ocidental no século XII como heresia albigense. A doutrina desta religião dizia que a metade divina da realidade é o bem absoluto. Para os albigenses, o Único bem era o que existia no plano "espiritual", o que se encontrava no "céu". Os seres humanos físicos, a vida humana comum, a sexualidade, o amor erótico e toda esta terra física eram vistos como "mal", como um abismo de trevas exalando vapores de corrupção. Esta é a expressão teológica que corresponde ao que Tristão diz na linguagem do romance, quando lembra "o juramento que fiz de servir a um só amor".

Dualismo albigense, dualismo cristão e idealismo romântico, tudo nos ensina que devemos servir apenas ao amor divino, que os seres humanos comuns não são merecedores do nosso amor, que devemos amar as pessoas apenas na medida em que reflitam nosso ideal, reflitam as nossas projeções sintonizadas na vibração de um outro mundo super-humano, cósmico e divino.

O culto do romance nos ensina que as pessoas comuns não são suficientes, que precisamos procurar um deus ou uma deusa, um astro de Hollywood, a mulher ou o homem dos sonhos, uma rainha de beleza: uma personificação da anima ou do animus. Enquanto ficar preso nessa mentalidade, o homem jamais irá aceitar qualquer coisa que não seja sua anima; ele só vai se relacionar com a mulher que refletir o seu sonho de Isolda a Bela.

A história de Isolda das Mãos Brancas é a história da oportunidade perdida por Tristão quando deixa de descobrir que existem duas espécies de amor e duas espécies de relacionamento: um com a anima, no interior, e outro com a mulher, no mundo físico. Cada qual é distinto do outro e cada um tem seu próprio valor, mas se Tristão, como nós, tivesse uma segunda chance, ele aprenderia com Isolda das Mãos Brancas ao invés de rejeitá-Ia. Ele poderia aprender que o significado da vida não é encontrado apenas na busca do seu ideal interior; ele também pode ser encontrado na mulher física com a qual vive no castelo de Carhaix.

15 - Do Sofrimento e da Morte

De tous les maux, le mien differe; Il me plait; je me réjouis de lui; Mon mal est ce que je veux Et ma douleur est ma santé! Je ne vois donc pas de quoi je me plains, Car mon mal me vient de ma volonté; C'est mon vouloir que devient mon mal, Mais j'ai tant d' aise à vouloir ainsi Que je souffre agréablement, Et tant de joie dans ma douleur Que je suis malade avec délices.

De todos os males, o meu difere;
Ele me alegra, eu me regozijo nele;
Meu infortúnio é o que almejo
E minha dor, meu alimento!
Não há, portanto, de que me queixar,
Pois que meu infortúnio vem de minha vontade;
É meu querer que se torna meu infortúnio,
Mas encontro tanta satisfação em assim querendo
Que sofro agradavelmente,
E tanta alegria em minha dor,
Que estou doente de delícias.
Chrétien de Troyes

Estas são as palavras de um dos maiores poetas da época dos trovadores, que primeiro registraram alguns dos mais importantes "romances" dos primórdios da literatura romântica. Com que perfeição ele capta o estranho e desconhecido elo entre romance e sofrimento! O sofrimento parece ser uma parte integrante do romance, como sabem homens e mulheres que já estiveram apaixonados. Tentamos escapar dele, e algumas vezes até imaginamos tê-Io conseguido, mas ele sempre nos aguarda num lugar onde menos o esperamos. Até mesmo a palavra paixão originalmente significava "sofrer".
É como se o sofrimento tivesse sido incluído no romance por nossos ancestrais que, ao contrário de nós, viam-no como sendo uma doutrina espiritual. Ao ensinar-nos a buscar - num homem ou numa mulher um ideal de perfeição que jamais poderia encarnar-se numa pessoa, eles nos condenaram a um ciclo aparentemente interminável de expectativas impossíveis, seguidas de amargos desapontamentos.
Há mais: também é verdade que inconscientemente procuramos nosso próprio sofrimento! Como Tristão, parece que inconscientemente esforçamo-nos para

criar situações impossíveis, para nos envolvermos com pessoas que não deveríamos, esperando coisas absurdas dos nossos relacionamentos, que possivelmente não se realizam. Procuramos o sofrimento como se ele fosse imprescindível à experiência romântica, como se não pudéssemos passar sem ele. Inconscientemente, parece que nos deliciamos com ele: "Ele me alegra; eu me regozijo nele." Se meus desejos são impossíveis, e se trazem mais dor que prazer, ainda assim, "encontro tanta satisfação em assim querendo, que sofro agradavelmente, e tanta alegria em minha dor, que estou doente de delícias."
Há muito o que aprender ao examinar a poesia e os romances de nossos ancestrais, pois eles tinham a virtude de dizer as verdades que não queremos encarar. Se pudermos abrir a mente e deles aprender como dizer aquilo que realmente é, então estaremos aptos a compreender que forças atuam dentro de nós. Não é coincidência que toda a literatura romântica - de Tristão e Isolda a Romeu e Julieta e outros, até nossos dias seja repleta de sofrimento e morte. A própria natureza do romance parece exigir uma atmosfera de situações impossíveis, obstáculos intransponíveis e adversidades tenebrosas. Percebendo a impossibilidade de seu romance no mundo físico, muitos amantes arquetípicos - como Romeu e Julieta - escolheram morrer juntos.
Que espécie de idealismo é esse, tão extremado, que prefere a morte e outro mundo, ao invés de aceitar uma vida menos perfeita aqui na terra? O que há nesse tipo de sofrimento que nos atrai com tal poder fazendo com que sempre retornemos às suas labaredas, sem nos importarmos com as vezes que já fomos nelas queimados? É isto que nos perguntamos ao observar o sofrimento e a morte de Tristão e Isolda.
Em sua noite de núpcias, Tristão deixa cair do dedo o anel de jaspe verde, que bate no chão de pedras. Esse fato representa o último grande marco de sua vida, e ele então resolve que para ser fiel ao seu ideal interior representado por Isolda a Bela - ele precisa rejeitar sua mulher. "E agora, que pena sinto de minha esposa, pela sua confiança e pelo seu coração ingênuo. Vêde como estas duas Isoldas me encontraram numa hora infeliz! E a ambas fui infiel!"
Nesse instante uma porta de ferro se fecha para metade da natureza de Tristão, que decide repudiar sua esposa e, no mesmo ato, desiste da vida. Daí em diante, até seu último suspiro, ele parece apenas aguardar a morte que - acredita ele - irá uni-Io finalmente ao seu ideal, seu sonho, sua idéia de perfeição, sua alma - tudo encarnado em Isolda a Bela.
Ele abre mão de todo o amor terreno de Isolda das Mãos Brancas; servirá apenas ao amor divino, buscando sua alma na rainha. Mas Tristão não encontra sua alma em Isolda, nem Isolda encontra a sua em Tristão. Em última análise, eles encontram somente o reflexo do reino divino que anseiam encontrar do outro

lado do túmulo. Tristão é duplamente infeliz, pois perdeu as duas Isoldas. Perdeu a alegria da vida terrena junto da esposa e, querendo manter um relacionamento físico com Isolda a Bela, acaba por perder a ligação com ela. Não pode tê-Ias nos termos que ele quer. Perde sua vida interior e perde a esperança de vir a reencontrá-Ia, a não ser que morra e encontre Isolda a Bela nos céus.
Se tivéssemos observado, poderíamos ter visto a Morte aproximando-se muito cedo. Os amantes já estavam clamando por ela debaixo do alto pinheiro, ansiando por um lugar perfeito onde pudessem ver realizado o seu ideal romântico. Ouvimos o desejo na voz de Tristão quando ele falou do "outro mundo":
"Mas, um dia, amiga, iremos juntos a uma terra bem-aventurada, da qual ninguém jamais retorna. Lá se. ergue um castelo de mármore branco; em cada uma de suas mil janelas arde a luz de uma vela; e em cada uma, um menestrel toca e canta uma melodia sem fim..."
Novamente ouvimos as palavras de Tristão junto ao rei, quando se faz passar pelo bobo da corte, pedindo a rainha para si. Para onde irá ele levá-Ia?
"Lá bem alto, suspenso entre as nuvens e o céu, há um belo lugar cercado de janelas transparentes, onde penetram os raios de sol mas os ventos não ousam perturbar. Colocaria a rainha nesse aposento de cristal, repleto de rosas e de manhãs."
Onde é que tal terra maravilhosa pode existir? Como poderemos encontrar o caminho que nos levará até ela? Tristão planeja chegar lá pelo escuro caminho da morte. Quando ele se despede da rainha pela última vez, marca um encontro com ela - um encontro de ambos com a morte. Ao dizer o que vai acontecer, ele mostra sua intenção:
"Minha morte está próxima, e longe de vós, morrerei de desejo."
E Isolda responde:
"Amigo, envolvei-me num abraço, estreitai-me fortemente e tanto, que nossos corações se rompam e vossa alma e a minha finalmente se libertem. Levai-me para aquele lugar de felicidade do qual me falastes há tanto tempo. Os campos de onde ninguém jamais retorna, onde maravilhosos trovadores cantam suas canções eternamente..."
"Eu vos levarei à Feliz Terra dos Vivos, rainha! O tempo está próximo e quando ele chegar, se eu vos chamar, vireis, minha amiga?"
Quase no fim, quando Tristão está prostrado pelo veneno da lança, ele coloca o anel de jaspe verde na mão de Kaherdin e pede para que leve uma mensagem a Isolda: "Dize-lhe que precisa vir, pois bebemos nossa morte juntos."
Realmente, beberam juntos a morte, e quando o fim está próximo, a morte parece ser o objeto de todos os seus desejos. O sofrimento de ambos na face da

Terra somente se torna suportável pela esperança de encontrar perfeição, beleza e felicidade no mundo que virá após a morte. Mas que maravilhosa terra é essa de castelos de mármore branco e aposentos repletos de rosas, este "Palácio da Felicidade dos Vivos"?
Esse reino perfeito e belo só pode ser o mundo interior. Nós todos instintivamente sabemos a respeito desse mundo, vibramos com essas palavras dos amantes; o que almejam desperta uma onda de simpatia em nossa alma. É a terra dos contos de fada, o mundo da imaginação, onde a alma convive em segredo com os deuses. Por que, então, esse mundo interior da alma é simbolizado pela Morte? Por que Tristão e Isolda acreditam que lá só poderão chegar pelo caminho dos mortos?
Desde os tempos primordiais a morte foi concebida como o "visto de saída" da dimensão limitada do tempo e espaço, para o universo ilimitado e imensurável do espírito e da eternidade. Esta "liberação" do físico é, para o inconsciente, um símbolo de algo mais sutil: a liberação do ego dos limites de seu mundo exíguo e dos seus pontos de vista mesquinhos, para o universo interior, livre e ilimitado da psique. Sem essa visão restrita que a associa com o fim, a morte é um símbolo de mudanças profundas, de transformação.
A "terra dos mortos" é o mundo interior da alma. O significado mais profundo da morte, vivenciado nas profundezas do inconsciente, é um símbolo de transformação. A transformação do ego, que ao penetrar no reino da psique, encontra-se com a alma e se integra a ela, e desiste de seu minúsculo império para viver na vastidão de um universo maior.
O entendimento desse aspecto nos permite uma visão nova e mais ampla: o que se exige de nós é transformação, não morte! Isto é sempre mostrado nos romances, onde se usa a "morte" como símbolo. Esta é a solução para os conflitos, para os valores, quando ficam confusos, e para os terríveis sofrimentos que acontecem no romance. A única e verdadeira solução é uma mudança de consciência e uma mudança de valores.
Mesmo assim, uma verdadeira "morte" nos espera na experiência de transformação: a morte do ego. Com a "morte do ego" não queremos dizer que ele se evapora ou desaparece, mas sim que ele sacrifica seu velho mundo, seu velho ponto de vista, suas velhas atitudes enraizadas. Quando surge na vida um novo conjunto de valores e uma nova síntese torna-se possível, ele deve destruir a velha ordem do mundo do ego, e ele só pode sentir isto como sendo "morte". Se o ego toma esta morte como uma ameaça, então ele vai resistir e vai lutar contra a mudança. Todos nós agimos assim, no amor romântico; mesmo quando vemos a necessidade de transformar nossos valores para vivenciarmos a verdadeira revelação do amor romântico, sentimo-nos ameaçados. Ainda nos

agarramos às velhas atitudes, impomos as mesmas velhas exigências às outras pessoas e tentamos viver nossas fantasias românticas nos mesmos velhos níveis. Mudar, questionar nossas opiniões, alterar nossos padrões, é algo que sentimos como um desastre iminente. Esta é a "morte do ego", a morte que nos espera no âmbito da transformação.

Na época de Tristão eles tomavam o símbolo ao pé da letra, acreditavam que somente encontrariam o mundo da alma e do espírito por meio da morte, ao deixar o corpo físico. Num ponto, no entanto, eram mais sábios que nós: tinham maior consciência e eram mais diretos em relação ao que procuravam no amor romântico. Os cátaros e os trovadores claramente diziam que estavam em busca da transformação, que a estavam procurando por meio do amor apaixonado e da morte. A morte, porque ela os libertava da escravidão da carne; a paixão, porque sentiam que dentro dela estava a vibração de um outro mundo, o prazer e o sofrimento, e eles viam nisso tudo uma espécie de antegozo do mundo divino. O amor romântico para eles era uma iniciação, achavam que a paixão do amor espiritualizava o eleito na antecipação da paixão final, ela consumia pelas chamas a vida humana que nos separa dos "campos de onde ninguém jamais retorna.

Nós não somos tão diretos, não temos consciência do que buscamos, mas herdamos as mesmas crenças. Caminhamos pela vida esperando muito por uma experiência que nos transforme, o vislumbre que trará significado e plenitude à nossa vida. Estamos em busca da alma, do mundo divino, mas não sabemos como viver com os deuses no plano simbólico e interior. Inconscientemente, impulsivamente, como seres possessos, procuramos isso na paixão, apaixonando-nos, entregando-nos a um poder que nos envolve e nos domina. É prazer, é sofrimento, é uma espécie de morte, mas principalmente é uma amostra do que costumava ser procurado no após a morte: transfiguração. É morte e renascimento: mortos para o mundo e vivos para um reino maior que a vida. Enquanto a paixão permanece acesa, enquanto as projeções são mantidas, é isso o que se sente, e isso, acima de tudo, é o que se busca.

Tristão acredita que para atingir o mundo interior existem duas maneiras: primeiro, pelo sofrimento e pelo êxtase de sua paixão por Isolda a Bela; segundo, pela morte, ao deixar este mundo físico. Nós os ocidentais de hoje, reduzimos ainda mais as opções; a maioria de nós busca o mundo interior num só lugar - a paixão romântica. Por que é assim?

Em parte, por causa de nosso dualismo ocidental, a divisão da vida em duas partes: a vida física na terra, a vida espiritual no céu. Tanto o catarismo como o cristianismo medieval ensinam a Tristão que a vida na terra é nada, que a vida espiritual só pode ser alcançada após a morte, no "céu". Essa crença tornou-se,

em nossa mente, a idéia inconsciente de que o lado espiritual da vida é sempre "em algum outro lugar" ou "do lado de lá". É sempre nalgum lugar diferente de onde estamos, num lugar fora de nossa vida. Nós, ocidentais, não acreditamos realmente que possamos vivenciar nossos deuses e nossa vida espiritual, como uma experiência íntima, e ao mesmo tempo levar uma vida comum, no dia-a-dia aqui na terra. É difícil para nós conceber a idéia desses dois mundos - interior e exterior - coexistindo ao mesmo tempo num ser humano. Por isso que tentamos sempre materializar o mundo divino em alguém ou em algo fora de nós mesmos.
Outra razão para buscar nosso mundo interior no amor romântico é simplesmente porque os ocidentais não crêem no mundo interior, e, conseqüentemente tudo o que fazemos com esse lado não vivido, tem de ser inconsciente, tem de ser projetado no mundo físico. A idéia de um mundo não físico e interior é difícil de ser concebida pelos ocidentais; falamos de realidades interiores, falamos de "alma" e de "espírito", mas na verdade, não acreditamos neles. Com o passar dos séculos, perdemos o contato com a vida interior e seu simbolismo, à medida que nossa cultura se foi tornando mais chã e materialista. Nessa área realmente fizemos uma evolução ao inverso.
Na época de Tristão a maioria das pessoas concebiam "alma" e "espírito" como sendo entidades quase físicas, ligeiramente mais sutis que o corpo físico; deveriam estar num corpo físico ou num "lugar" - um "limbo" ou "céu". Eles imaginavam o "céu" como sendo um mero lugar físico, não um estado de espírito, e realmente passaram séculos especulando sobre a localização do céu no universo físico!
Mesmo vários séculos depois de T ristão, nos dias de Galileu, professar a astronomia era bastante perigoso, porque a maioria das pessoas estavam convencidas de que o mundo divino estava localizado "lá em cima", entre as estrelas e os planetas. Consideraram Galileu um herege porque o que ele viu através de seu telescópio contradizia essa idéia.
Não evoluímos muito mais em nosso século. Nossa religião é o romance: colocamos o mundo divino em pessoas de carne e osso - pelas quais nos apaixonamos. Qualquer psicólogo que afirme (após consultar seu telescópio) que o mundo divino não pode ser realmente encontrado no romance, provavelmente deixará as pessoas muito irritadas, e será rotulado como um desmancha-prazeres, ou até mesmo como herege.
Agora encontramos a chave da escrita secreta que decifra "sofrimento e morte". Começamos por ver que a "morte" que procuramos no amor romântico é a transformação, o fim do mundo antigo, o toque ardente do fogo que mata e dá a vida ao mesmo tempo. O sofrimento no romance, em última análise, não difere do sofrimento no plano da religião e do misticismo. É a dor que os mortais

sentem ao dar à luz o mundo divino que está em sua vida na vida física com seus limites finitos.

Por que é que nos deliciamos principalmente com alguns relatos de amor impossível? Porque queremos muito ser marcados a fogo; porque queremos muito estar cientes do que está em fogo dentro de nós. Sofrimento e entendimento estão profundamente ligados; morte e autoconsciência são aliadas; o romantismo europeu pode ser comparado a um homem para quem os sofrimentos principalmente os de amor - constituem-se num privilegiado método de entendimento. (de Rougemont, Love in the Western World, p. 51-2.)

O sofrimento é o caminho inevitável que deve ser trilhado para se chegar à consciência, o preço inevitável da transformação que buscamos. Não há como escapar-lhe; nós que tentamos fugir dele, jamais conseguiremos, e nossa infelicidade é dupla, pois além de pagar o preço, não alcançamos a transformação. Há uma lei terrível e imutável em ação: só há transformação quando aceitamos nosso sofrimento de maneira consciente e voluntária; tentativas de fuga somente nos colocam nos ciclos cármicos que se repetem infinitamente e nada produzem.

Portanto, é por isso que sofremos, e é por essa causa que, inconscientemente, nós até procuramos sofrer: "Porque queremos muito ser marcados a fogo; porque queremos muito estar cientes do que está em fogo dentro de nós."

Nos é dada a liberdade de escolher como suportar o sofrimento. Em geral, as pessoas o tomam sem consciência, e é por isso que lhes parece que ele não leva a nada, a não ser à dor. É por isso que o romance freqüentemente parece ser um ciclo sem significado: apaixonamonos, armamos nosso ideal de perfeição, e com o passar do tempo, ficamos amargamente desapontados. Sofremos. Seguimos nossas projeções, sempre procurando aquela que se encaixe no ideal impossível e que magicamente nos transforme. Quando não encontramos o mundo divino onde o procuramos - num ser humano - sofremos, nos desesperamos.

Por outro lado, se tomamos nosso sofrimento conscientemente, voluntariamente, ele nos dá algo em troca, ele promove a real transformação. Sofrer com consciência significa sobreviver à "morte do ego", acabar com as projeções, não mais buscar o "mundo divino" num cônjuge, e ao invés disso, encontrar a própria vida interior como um ato psicológico e religioso. Significa assumir a responsabilidade de descobrir a própria totalidade, as possibilidades inconscientes. Significa questionar nossos velhos padrões e estarmos ansiosos por mudá-Ios. Tudo isso envolve conflito, auto-questionamento, e ainda traz à tona duplicidades que preferiríamos não ter que enfrentar. É algo doloroso e difícil.

No entanto, é esse o sofrimento que nos leva à totalidade, coloca o romance

como estrada que leva ao mundo divino. Descobrimos que não há a necessidade da morte física para que possamos nos deparar com esse mundo. Só precisamos morrer simbolicamente, e o sofrimento representa essa morte simbólica.
A maravilha finalmente desvelada é que podemos viver no mundo divino ao mesmo tempo em que vivemos em carne, na terra, pois dentro de cada um de nós ergue-se um "castelo de mármore branco; em cada uma de suas mil janelas arde a luz de uma vela; e em cada uma, um menestrel toca e canta uma melodia sem fim". Para encontrar esse lugar de maravilhas não precisamos nem olhar para outra pessoa nem para o que fica além túmulo; basta olhar para dentro de nós mesmos.
Se vivermos de forma correta essa morte - por mais paradoxal que possa parecer - esse processo se transforma numa jornada de descobertas que nos leva a uma nova vida. A morte mostra-se como a outra face da vida, e a "morte" que nos aguarda bem no meio do romance não significa a destruição da vida, mas sim o florescimento de um mundo interior.

16 - Isolda - Maya: a Dança da Ilusão

Em seu mais nobre aspecto, o amor romântico é a estrada que nos conduz a uma dupla revelação: transporta-nos para além do prosaísmo e do materialismo da mentalidade ocidental e coloca-nos face a face com a vida simbólica; abre nossos olhos para o significado do amor humano. Mas, em seu aspecto mais falho, o amor romântico torna-se um ciclo de ilusões que nos faz desperdiçar a vida, prejudicando nossos amores ao invés de beneficiá-Ios.
Como uma faca de dois gumes - extremamente útil quando usada corretamente, e extremamente nociva quando usada da forma errada - o amor romântico reflete os dois lados da anima: ela pode ser Isolda, a Rainha do Mundo Interior, que nos conduz ao nosso mais profundo self, ou pode ser Maya, a Deusa da Ilusão. De um lado, ela serve à vida e lhe dá sentido, mas sua outra face é terrível- ela pode reduzir a farrapos uma vida humana, ela nos afasta da realidade e transforma nossos esforços no sentido do amor numa perpétua dança de ilusão. Acabamos de ver Tristão e Isolda nessa dança da anima, numa coreografia que todos nós conhecemos muito bem.
É oportuno lembrar o que Jung disse sobre as duas faces de Isolda:
Ao se parar de fazer projeções, a anima volta a ser o que era originalmente: uma

imagem arque típica que, no seu "loco exato", age em prol do indivíduo. Colocada entre o ego e o mundo, ela é como uma Shakti a mudar incessantemente, enquanto tece o véu de Maya e dança a ilusão da existência. Mas, atuando entre o ego e o Inconsciente, a anima se torna a matriz de todas as figuras divinas e semidivinas, desde as deusas pagãs até a Virgem, desde a mensageira do Santo Graal até a santa. (Jung, Psychology of the Transference, p. 504.)

Colocada entre o ego e o inconsciente, a alma abre o caminho para Deus; ela torna a vida espiritual possível para o ser. Se transferida para os seus relacionamentos pessoais com outros seres humanos, ela os transforma em ilusões; ela lança o encantamento de Maya.

Na mitologia hindu, Maya é a deusa que executa a dança da ilusão, tecendo um véu de fina teia que ela estende entre a realidade e o mundo dos homens, distorcendo a visão daquilo que existe. Freqüentemente se diz que a finalidade da prática da ioga é "ver através do véu de Maya".

A medida que nosso mito caminha para o final, esse véu cobre os olhos de Tristão. Maya lança seus sortilégios sobre ele. Não é mais Isolda quem o inspira, mas Maya, mantendo-o num sonho eterno, fazendo com que seus pés nunca toquem o chão; ele suspira, ele sente falta, ele vagueia entre Carhaix e a Cornualha num delírio, num real estado de loucura. Nada o atinge, nada o interessa, a não ser a imagem de Isolda que toma conta de sua mente e o deixa obcecado. No entanto, ela já não serve mais à vida, não o leva a nada. Ele está perdido numa fantasia que não o aproxima em nada do mundo interior, e que ainda o isola do mundo exterior - dos amigos, da esposa, da vida física. Durante o restante de seus dias, ele vagueia no sonho de Maya, morto para tudo o mais, dançando loucamente ao som de uma música que somente ele ouve, vinda de um reino que ninguém mais vê, além dele mesmo.

Maya é Ilusão, é distorção e perda da realidade. Nossa narrativa nos diz que o amor romântico é atormentado pela ilusão; um homem só se torna ciente da ilusão quando lhe ocorre que a mulher pela qual está apaixonado não pode, nem vai resolver todos os seus problemas e fazer de sua vida um mar de rosas sem o menor esforço de sua parte. Sua esposa se torna ciente da ilusão quando vê que ele é bem diferente daquele homem com o qual pensou ter se casado e, pior ainda, que ele freqüentemente é insensível e desatencioso, exatamente como todos os demais. Não havia visto o homem, havia visto a ilusão. Mas, afinal, de onde vêm estas ilusões?

Muitos hindus, da mesma forma que alguns cristãos, acreditam que o mundo físico que nos cerca é um mundo ilusório - que apenas o mundo espiritual é real. A maioria dos ocidentais, no entanto, acredita que o mundo espiritual interior é a

ilusão, que apenas o mundo físico é real. Mas a ilusão não é nem o mundo interior da psique e nem o mundo físico exterior. A ilusão é um relacionamento distorcido entre o interior e o exterior. Fazemos nascer a ilusão ao sobrepormos nosso mundo interior de imagens - nosso fluxo contínuo de fantasia - ao mundo exterior e às pessoas que vivem nele. Vemos o mundo físico colorido e distorcido através do filme das nossas imagens interiores. Assim como disse São Paulo: "Agora vemos como que através de um espelho, obscuramente."
O mundo físico é verdadeiro e real; o mundo interior também é verdadeiro e real e, é quando os confundimos, quando não conseguimos viver o mundo interior como símbolo, quando tentamos localizá-Io em pessoas de carne e osso, que este mundo ilusório é criado. O mundo ilusório é o mundo projetado, que assim distorce tanto o interior quanto o exterior, de maneira que não conseguimos enxergar nenhum deles tal como é.
Quando um homem experimenta uma fantasia de extrema paz e plenitude precisa entender que essa fantasia é uma manifestação do que ele tem e do que pode conseguir dentro de si mesmo. Geralmente, porém, ele irá projetar essa imagem de paraíso numa mulher, pedindo-lhe inconscientemente, que materialize essa imagem. Nesse instante, ele cria a ilusão, enxerga "através de um espelho, obscuramente'". Deixa de ver a esposa tal como é, e também não enxerga sua visão interior como a realidade que é. Os dois mundos estão deformados, ambos estão desrespeitados.
A anima se transforma em Maya, não porque ela tenha algo de errado, mas é o que os homens fazem com ela. Vamos relembrar que o que chamamos de anima é a alma de um homem. A alma não é algo amorfo, um capricho inventado para figurar em cartas de amor. A alma é uma parte específica do ser, com uma função específica: é um órgão psicológico que desempenha um papel gerador de vida dentro dessa estranha e maravilhosa combinação de partes psicológicas e físicas que formam o ser humano.
A alma de um indivíduo, num certo sentido, tem por finalidade capacitá-Io - a ele ou a ela - a ver um lado diferente do cosmo, a vivenciar uma vida e uma perspectiva que são infinitas. A alma somente pode fazer aquilo que foi designado para ela, o que está em sua natureza: ela inexoravelmente vai nos levar em direção ao infinito. Se a colocarmos em situações finitas, ela continuará a nos conduzir para o infinito; se a colocarmos em situações pessoais ela continuará a nos puxar na direção do impessoal e do transpessoal. É assim que Isolda se transforma em Maya - não porque haja algo nocivo na alma, mas por ser tão boa e tão persistente, no sentido de nos puxar para o seu lado da existência, o lado que vibra com o infinito.
Quando um homem tenta prender sua alma em situações pessoais, ela continua

fazendo o que deve fazer, ou seja, atrai essa situação pessoal em direção às imagens psíquicas do inconsciente coletivo e "infinitiza" a situação finita, convertendo-a numa alegoria de grandes temas arquetípicos - disputas eternas, buscas sagradas, cruzadas. Vemos homens colocando a alma em todos os tipos de situações humanas finitas; e aí dizemos que estão fazendo "um bicho de sete cabeças" ou "uma tempestade em copo d'água". Em termos terrenos, falamos de "inflação": o exagero de uma situação finita porque o homem nela colocou a alma, e a alma, como é de sua natureza, "infinitizou" a coisa. Assim, Isolda se torna Maya e a anima é transformada, sem querer, em autora da ilusão.

A natureza da anima é criar o lado de fantasia que a vida tem, e quando vivenciamos essa fantasia, conscientemente, em um nível simbólico, a anima cria um mundo de esplendor, uma visão do universo atemporal que nos eleva muito além dos limites da vida pessoal e nos faz travar conhecimento com o universal e o eterno. Vemo-nos a nós mesmos e vemos a vida com uma nova perspectiva; vemo-nos no decorrer das eras e observamos que nossa vida é manifestação individual daquilo que é e sempre será.

A alma é aquela parte do ser que luta para renovar sempre a consciência do que é universal, dos grandes temas da vida que estão fora dos assuntos pessoais e que transcendem à vida pessoal, mas que são comuns a todos. A alma está voltada para Deus, como um girassol voltado apenas para a luz; ela somente vê os arquétipos, os deuses interiores, o grande leitmotiv que se encontra por trás de toda existência individual. É por isso que a anima exerce tanta pressão sobre a vida de uma pessoa: a anima não está interessada nas idiossincrasias particulares da vida quotidiana - se minha conta bancária está equilibrada, se meus relacionamentos com as pessoas são corretos, se o meu gramado está aparado. Seus olhos estão voltados para as contas cósmicas, equilibrada nos pratos de Libra, onde a única questão é nossa totalidade interior. Seus valores não são valores humanos, mas cósmicos; seu único interesse é saber se vivemos e vivenciamos cada um dos grandes temas existenciais que estão contidos potencialmente dentro do nosso ser.

A alma do homem exige que ele seja, e que ele viva, cada uma das grandes personagens arquetípicas do inconsciente coletivo: o traidor e o traído, o que ama e o que é amado, o opressor e a vítima, o nobre e o ignóbil, o conquistador e o conquistado, o guerreiro e o sacerdote, o homem dos sofrimentos e o que renasceu de si mesmo.

Quando um homem tenta viver sua alma dentro do casamento finito, sua alma "infla" e distorce a visão que ele tem, tanto da esposa quanto do próprio casamento. Sua alma continua tentando impelir o relacionamento em direção ao infinito, transformando-o numa alegoria de amor, morte e paraíso perdido,

convertendo esse casamento humano num enorme, arrasador, drama arquetípico. Esse drama, de qualquer forma, está acontecendo dentro do homem - todo o tempo - ao nível da fantasia. Se ele pudesse aprender a mantê-Io lá, vê-Io como um símbolo e vivenciá-Io como tal, então ele poderia viver de forma justa com sua alma. Poderia segui-Ia, no mundo interior, em direção ao infinito, permanecendo, porém, dentro dos limites do finito no seu relacionamento com a mulher.

No trabalho através dos sonhos, na imaginação ativa, na meditação, ele seguiria sua alma até Camelot, onde participaria de justas e torneios com os cavaleiros. Ele partiria em busca do Santo Graal, combateria dragões e Morholts, salvaria donzelas, curaria os doentes e encontraria cura para seus próprios ferimentos. Ele trairia e seria traído, pecaria e se arrependeria, e se vingaria: viveria, enfim, todos os arquétipos do inconsciente coletivo, mas de forma simbólica. Ele manteria o infinito contido no símbolo - o único recipiente capaz de contêIo sem rachar e sem destruir sua vida pessoal.

De uma jornada simbólica em direção ao infinito, seguindo sua alma na imaginação e no sonho, o homem poderia encontrar seu caminho de volta para o mundo finito. Lá ele encontraria seu lar, sua esposa, seus relacionamentos intactos, e concordaria em lidar com as questões finitas e com os limites da vida comum. Ele poderia aprender a não brigar com sua esposa por estar irritado com algumas características dentro de si mesmo ou porque sua alma quer levá-Io a lutar com vilões interiores. Ele aprenderia a ver sua fantasia como um acontecimento seu, de seu interior, e a vivenciá-Ia nesse nível interior.

Um homem que coloca a anima no seu casamento está colocando sua fantasia no casamento e transformando-o numa série de cenas arquetípicas, num "playground" para as forças impessoais do inconsciente. Sua mulher, caso não participe da fantasia, começa a perceber que não é tanto uma esposa, mas sim uma figurante de uma gigantesca encenação: o drama cósmico que se desenrola o tempo todo no mundo interior do seu marido.

A anima, usada como ajuda num relacionamento, está realmente muito distante de ser um elemento de ligação, e parece estranho que tenha sido considerada assim, algum dia. Em cada uma de suas formas clássicas, ela é uma criatura não-humana ou semi-humana, e sua influência. nos afasta da situação humana individual. Ela causa mudanças de humores, distorções, ilusões que servem à ligação humana apenas quando as pessoas em questão compartilham do mesmo estado de espírito ou da mesma fantasia. Se quisermos nos "relacionar", que a anima fique de fora! Nada perturba mais a exatidão dos sentimentos entre as pessoas que a anima...

A afinidade de George e Mary depende das naturezas específicas de George e

Mary, ela reflete todo um processo dinâmico ao lidar com os sentimentos, e o relacionamento resultante é único e exclusivo dos dois. Se esse relacionamento fosse determinado pela anima, transformar-se-ia mais num reflexo de fantasias arquetípicas que num reflexo deles mesmos. Quando isso acontece, eles se tornam atores coletivos interpretando uma fantasia inconsciente, ou seja, amantes, companheiros, inimigos...
... Ela não conduz ao sentimento humano, mas sim para fora dele. Como função que liga o consciente ao inconsciente, ela impede o sentimento consciente, tornando-o inconsciente e transformando o humano em desumano. Ela coloca outras coisas na mente que não o mundo humano" (Hillman, Anima, p. 111-2.)
No instante em que um homem se "apaixona" ele vai além do amor e começa a adorar a encarnação de sua alma na mulher. A anima imediatamente começa a inflar desmesuradamente seu relacionamento humano, que acaba por sair das proporções humanas. O amor não é apenas amor, mas sim um êxtase divino; cada visão da amada traz consigo não uma felicidade tranqüila, mas uma bem-aventurança do outro mundo. Mais tarde, quando a alma transfere sua atenção para o lado negativo dos arquétipos, cada um dos humores tornase motivo para uma briga ou uma separação, cada deslize é o máximo da traição, cada olhar para outro homem ou para outra mulher justifica explosões de raiva e de ciúme: qualquer fator corriqueiro torna-se parte de um enorme drama. A anima só pode tirar os homens das mesquinhezas finitas para conduzi-Ios à grande encenação universal.
Parece estranho, mas é justamente nesse ponto que o homem sente sua individualidade acentuada, sente-se único como se isso jamais tivesse acontecido a qualquer outra pessoa além dele e de sua amada. Na verdade, justamente nesse ponto é que de perde a individualidade. Os amantes perdem suas identidades individuais; eles são Tristão e Isolda, ou Romeu e Julieta - atores de uma peça teatral coletiva, cujo roteiro é predeterminado e cujas cenas são antecipadamente conhecidas. É justamente porque a pessoa deixa de ser ela mesma e torna-se participante de um drama universal, que ela se sente tão ativa, tão fora do comum e, à primeira vista, tão maravilhosa.
Mas, como Semele, que exigiu de Zeus que lhe aparecesse em todo o esplendor de sua divindade, os relacionamentos humanos simplesmente são calcinados - "queimam-se" quando submetidos ao poder divino contido nas projeções da anima e do animus. As pessoas freqüentemente se queixam que ficaram "arrasadas" por um relacionamento. Isso é realmente verdadeiro, elas se deixam exaurir de tal forma pelo ardor do amor romântico, tal como tentamos vivê-Io, com seus êxtases e seus confrontos, despedidas e reconciliações, que finalmente nada resta - nem força vital, nem boa vontade, nem afeição - para oferecer a

outra pessoa, numa relação de companheirismo e amor em um nível humano. Não deve surpreender o fato de que muitas pessoas, sentindo-se presas à dança da ilusão, se tornem tão amarguradas. Elas decidem que o amor romântico é um círculo vicioso cansativo e monótono, um embuste sem sentido, e desistem do amor. Existe, porém, uma maneira melhor para sair da dança. É preciso superá-Ia, encontrando a verdade que está mascarada pela ilusão. Se procurarmos diligentemente essa verdade oculta, fecharemos o círculo: nós nos encontraremos novamente no barco com Tristão, Isolda e a poção do amor.
Estamos novamente nos perguntando porque o esplendor de Deus vem a nós não pela vida religiosa, mas por nossos amores, nossas projeções, nossas ilusões. A resposta é espantosa: porque não temos vida religiosa e o reino divino precisa encontrar-nos onde quer que seja possível, até mesmo nos preparando armadilhas. Nós temos igrejas, temos dogmas, temos doutrinas, temos opiniões, temos grupos e reuniões; mas não temos vida religiosa porque damos pouca atenção à nossa alma e à nossa vida interior.
Tristão nos mostra quem somos; conscientemente, ele nunca procura Isolda a Bela para segui-Ia numa vida espiritual; voluntariamente, ele nunca dá qualquer atenção à sua alma, mas ela o encontra, não pela vontade dele, mas na poção do amor e, mais tarde, na Dança da Ilusão. Nós também não damos atenção à nossa alma, não a procuramos, nem aos nossos deuses, de maneira consciente ou voluntária, mas mesmo assim a alma nos encontra e nos apanha nas armadilhas de nossas projeções, de nossas ilusões. O homem bebe a poção, olha para Isolda, e vê, não Isolda, mas Maya; imperceptivelmente, sem que tome conhecimento, seus pés começam a se movimentar e ele entra na dança.
Quando um homem evolui para além da ilusão e a expulsa dos seus amores, faz-se necessário um ato direto vindo da vontade. Apenas decidir abandonar as projeções como ato heróico é algo que não irá funcionar; ele somente conseguirá retirar a anima do seu casamento, dos seus relacionamentos e de sua vida pessoal, quando assegurar um lugar para ela em um outro plano de sua vida.
O ato interior exigido do homem ocidental é aceitar sua própria natureza religiosa, o que significa reconhecer seriamente que as imagens e os sentimentos que lhe ocorrem no sonho, na fantasia e na imaginação, são próprios do mundo divino, são um tipo de realidade diferente da realidade de sua vida física e pessoal, mas igualmente real e igualmente importante. Ele deve mostrar-se disposto a levar essas imagens a sério, a gastar um certo tempo de convívio com elas, a vê-Ias como tendo um poder muito importante dentro de si mesmo, como habitantes de um reino espiritual que a alma lhe transmite por meio de símbolos. Isso pode ser feito pela prática religiosa tradicional, pela meditação contemplativa, pela ioga, pela fantasia e pelo trabalho do sonho, ou pela

imaginação ativa de Jung. Mas isso requer uma prática interior, uma vida que assegure realmente a manifestação da alma, para ser vivenciada dia após dia. Quando o homem consegue fazer isso, ele começa a captar a diferença entre o interior e o exterior, entre o que deve ser vivido simbolicamente e o que deve ser vivido fisicamente. Ele projeta, mas aprende o que fazer com a projeção; ele não é atropelado e dominado por suas projeções. Ele sofre, mas seus sofrimentos produzem antes evolução e mudança, que uma vã repetição da dança. Sua alma, finalmente tendo a permissão para viver e "infinitizar" em Seu elemento natural- o símbolo - penetra cada vez menos na vida pessoal e finita do homem. Ela já não precisa preparar-lhe armadilhas distorcendo seu amor humano, seu relacionamento ou seu casamento.
Essas atitudes mostram uma diferenciação, um passo evolutivo, uma conscientização, que chega para o homem que paga o preço. Para ele, a dança logo se desvanece, transformada na vida simbólica que a ilusão mascarava; Maya ergue seu véu e ele tem sua visão clareada. Ele aprende o que significa ser um homem mortal com uma alma imortal.

CONCLUSÃO

17 - A Mulher - Espírito Bisão Branco

O toque de genialidade na história de Tristão e Isolda é que ela nos fala exatamente daquilo que é; mostra-nos em impressionantes detalhes o que nos aconteceu como civilização e como indivíduos. Como um espelho fiel, ela reflete nossas atitudes, nosso comportamento, e mostra as forças psicológicas que agem em nós, porém, ela nos deixa, em certo sentido, num dilema. Ela nos fala .daquilo que é, mas não nos diz. como agir.
Ao mesmo tempo que nos permitem ver como somos na realidade, o mito e o sonho freqüentemente nos dão uma solução para o problema. Vamos agora examinar dois outros relatos míticos que parecem oferecer-nos a resolução do

nosso dilema.
O primeiro é um mito da nação Oglala dos Sioux, recontado pelo grande feiticeiro Alce Negro - a história da Mulher-Espírito Bisão Branco. Este é o relato de como uma mulher divina trouxe o primeiro cachimbo sagrado para os Oglalas.
Há muito tempo, dizem, dois batedores saíram à caça de bisões; ao chegarem no topo de uma alta colina, olharam para o norte e viram algo surgindo de muito longe, e quando chegou mais perto exclamaram: "É uma mulher!" E era. Então, um dos batedores, por ser parvo, teve maus pensamentos e os expressou em voz alta; mas, o outro replicou: "É uma mulher sagrada; livre-se de todos os seus maus pensamentos."
Quando ela chegou ainda mais perto, puderam notar que usava uma bela roupa de camurça branca, que seus cabelos eram muito longos e que era jovem e muito bonita. Ela lia seus pensamentos, e disse numa voz que mais parecia um canto: "Você não me conhece, mas se quer fazer o que está pensando, pode vir." E o parvo foi, mas assim que parou diante dela, uma nuvem branca envolveu-os. A bela jovem saiu da nuvem e, quando ela se dissipou, tudo o que havia restado do parvo era um esqueleto coberto de vermes. Então a mulher disse ao que não era parvo: "Volte para casa e avise seu povo que estou chegando, e por isso devem construir uma grande tenda para mim no centro da nação." E o homem, apavorado, correu e avisou os demais, que fizeram o que ela mandara; e esperaram a mulher em volta da tenda. Depois de um certo tempo ela veio, muito bonita, cantando os versos seguintes, enquanto entrava na tenda:
Com hálito visível estou caminhando.
Envio minha voz enquanto caminho.
De forma sagrada estou caminhando.
Minhas pegadas são visíveis quando estou caminhando.
De forma sagrada caminho.
E enquanto cantava, de sua boca saía uma nuvem branca que exalava um perfume. Em seguida ela deu ao chefe um cachimbo entalhado em um dos lados com a figura de um filhote de bisão para simbolizar a terra que nos sustenta e nos dá alimento - e, pendendo do cabo, doze penas de águia, amarradas com uma fibra que jamais se rompe, para simbolizar o céu e as doze luas. Disse ela: "Ouçam, com isto vocês se multiplicarão e serão uma nação justa, e sempre terão coisas boas. Somente as mãos dos bons devem cuidar dele, e os maus não deverão sequer pôrlhe os olhos." Ela cantou novamente e deixou a tenda e, enquanto o povo a via partir, sua figura transformou-se num bisão branco que se afastou a galope, resfolegando, e logo desapareceu.
É isto que contam, e se aconteceu não sei; mas, pensando bem, pode-se ver que é

verdade. (Black Elk, in Neihardt, Black Elk Speaks, p. 3-4.)
Aqui, em linguagem mítica, temos a essência daquilo que estamos tentando dizer. Na diferença de atitudes entre os batedores, o parvo e o sábio, vemos as duas abordagens do homem em relação à anima, e os resultados decorrentes de cada uma delas. Não podemos evitá-Ia, pois que ela vem encontrar-nos em meio às nossas atividades, mudando o rumo de nossa vida comum, quando menos esperamos por um visitante do "outro mundo". Mas, a forma como a tratamos é que vai determinar a diferença entre a bem-aventurança e a destruição.
A anima é uma mulher sagrada, e nossa disposição em tratá-Ia, ou não, como um ser sagrado é que faz toda a diferença. Este feminino interior que projetamos é a "Mulher-Espírito", como na "Mulher-Bisão Branco", um ser do outro mundo. Se formos como o batedor sábio, diremos: "É uma mulher sagrada; livre-se de todos os maus pensamentos." E quando a tratamos como um ser sagrado, ela nos traz o cachimbo sagrado, ela traz o céu e as doze luas, ela nos traz formas de conhecer o outro mundo.
Se formos como o batedor parvo, se tentarmos transformá-Ia num ser físico, projetandoa num ser exterior, perderemos o que ela tem de sagrado, perderemos a possibilidade de receber o que ela nos tem a dar. O que há de terrível na anima é que ela nos permite encará-Ia como quisermos - como parvos ou como sábios. Ela diz: "Você não me conhece, mas se você quiser fazer o que está pensando, pode vir." Mas o preço é terrível; o preço por deixar de tratáIa como um ser sagrado, como uma entidade espiritual do mundo interior, não é apenas a perda do outro mundo, mas também a destruição da vida humana, enquanto a estamos vivendo. É este o significado do esqueleto do batedor parvo comido pelos vermes, jogado aos seus pés.
Quando nos aproximamos da anima respeitando-a como uma presença divina do mundo interior, quantas bençãos ela nos concede! Ela nos dá o mundo sagrado de presente, a restituição do sagrado em nossa vida.
Passamos parte da vida sentindo a falta de algo, procurando não sabemos o quê. Tantas das nossas "pretensas metas", tantas das coisas que pensamos querer, acabam por revelar-se máscaras, atrás das quais ocultamos nossos verdadeiros desejos; elas são símbolos para os verdadeiros valores e qualidades que almejamos. Não se pode reduzir esses valores a coisas físicas e materiais, nem mesmo a uma pessoa, se são qualidades psicológicas: amor, verdade, honestidade, lealdade, utilidade - algo que podemos sentir que é nobre, precioso e que merece nosso zelo. Tentamos reduzir tudo isso ao plano físico - casa, carro, um cargo melhor ou um ser humano - mas não dá certo. Sem saber, estamos em busca do sagrado, e ele não é redutível a nada.
Num certo sentido, o sagrado é um sentimento, mas um sentimento que vai

direto ao âmago da vida. É o sentimento de recognição dirigido ao que é grande e levado o suficiente para dar significado à vida mesquinha que levamos, para colocar uma nova perspectiva nas nossas batalhas pessoais. É o sentimento de reverência. O que chamamos de sagrado é, em última instância, um universo de paradigmas que usamos para avaliar nossos esforços pessoais, nossa vida, para ver se neles também existe significado.
Para a psique masculina, a descoberta do sagrado, a comunhão com o sagrado, dá-se por meio do feminino interior. É a Mulher-Bisão Branco que traz o sagrado à vida, a visão do céu e das doze luas.
Com hálito visível estou caminhando.
Envio minha voz enquanto caminho.
De forma sagrada estou caminhando.
Minhas pegadas são visíveis quando estou caminhando.
De forma sagrada caminho.
Como um rio da vida, no qual todas as correntes da vida interior se juntam, todos os valores que instintivamente sentimos como "sagrados" convergem para a imagem da anima e se tornam conscientes por meio dela. Ela é como disse Jung: "A matriz de todas as imagens divinas e semidivinas, desde as deusas pagãs até a Virgem, desde a mensageira do Santo Graal até a santa."
Parece que nunca saímos direta ou conscientemente à procura do lado sagrado da vida. Como os dois batedores, vagamos por nossos velhos territórios de caça, à cata apenas do rotineiro e do conhecido. De repente, nos deparamos com uma parte desconhecida de nós mesmos: ela vem chegando, usando roupas de camurça branca; e quando ela fala, sua voz assemelha-se a um canto. A .princípio ficamos confusos: sua imagem é de mulher e queremos crer que é possível nos aproximarmos dela como se ela fosse uma mulher. É difícil acreditar que não seja uma mulher de carne e osso, mas sim uma força metafísica tão poderosa que não ousamos tocá-Ia fisicamente.
Essa é a realidade que o sagrado nos apresenta, é assim que o sagrado se torna uma "pessoa" e nos fala com uma voz singular. Isto é a anima.
Caso contrário, sentiríamos o sagrado apenas vagamente como o "outro lado da vida", o "outro lado de nós mesmos", que nunca atingimos. Ele se manifesta em sonhos de aventuras intensamente desejadas, em triunfos que quase podemos saborear, em seres cheios de luz que encontramos pelos corredores e pelos reinos fabulosos da mente. Sem a interferência do raciocínio e do pensamento, nossos sentimentos nos empurram para o outro lado de nós mesmos, onde cada imagem vibra com a promessa de uma extraordinária experiência transcendental, rica de significado e plenitude.
Tudo isso converge para um ser interior e nele se concentra; a Mulher-Bisão

Branco chega aos dois batedores como uma visitante de um mundo maior, fora do campo de visão do ego, de suas opiniões, de suas noções de "realidade". A realidade é tão maior, tão repleta de potencial para ampliar nossa vida e dar-lhe significado, que o inconsciente nos diz: "Isto é sagrado; isto é o que deve ser tratado como sagrado."

A Mulher-Bisão Branco canta: "Com hálito visível estou caminhando. Envio minha voz enquanto caminho."

Hálito, sopro, é um símbolo muito antigo da vida e do espírito. Para os povos antigos o sopro - a respiração, o hálito - era uma substância de Deus, o sopro dado pelo Criador nas narinas do ser humano, a centelha da energia divina emprestada à carne mortal, durante um curto período de tempo na terra: o sopro da vida. Quando a Mulher-Bisão Branco caminha com hálito "visível", ela materializa o lado da vida a que chamamos de "espiritual". Ela transforma o invisível em visível.

Quando tratamos a Mulher-Bisão Branco como sendo nossa alma, ela tem o poder de transformar o "sagrado" num conhecimento instantâneo, direto e consciente. Ela diz: "Minhas pegadas são visíveis quando estou caminhando." Ela não é física, ela é Psiquê, Pneuma, um ser etéreo, e, ainda assim, suas pegadas podem ser vistas. Ela tem substância; ela é o poder que dá ao mundo sagrado a matéria do símbolo. Ela tira o sagrado do nível da teoria, do abstrato, do sentimental, da figura de retórica. Ela torna o sagrado acessível no aqui-e-agora, para ser tocado, sentido e vivenciado como se fora físico. O mundo do espírito se faz instantâneo e palpável através da experiência simbólica.

Assim, ela tem o poder de nos dar a fé psicológica:

... a fé originada da psique, que se apresenta como fé na realidade da alma. Como a psique é fundamentalmente imagem, e imagem é sempre psique, essa fé se manifesta pela crença em imagens... A fé psicológica começa no amor pelas imagens, e flui principalmente por meio das formas humanas em sonhos, fantasias, reflexões e imaginação. Sua crescente vivificação nos dá uma crescente convicção de ter - e depois de ser - uma realidade interior de profundo significado, que transcende a vida pessoal.

A fé psicológica é refletida num ego que dá crédito às imagens e a elas recorre em sua cegueira. (Hillman, Revisioning Psychology, p. 50.)

Poderemos chegar a ver que a fé psicológica e a fé espiritual cruzam-se num nível mais profundo. Desde os primórdios do cristianismo, os cristãos sabiam que "a fé é a substância das coisas que tanto esperamos, a evidência das coisas não visíveis". Encontramos a fé nos símbolos numinosos, divinos, fluindo da alma para o consciente, sendo até possível perceber a substância daquilo que esperamos, a substância daquilo que sonhamos, a substância daquilo que vive

dentro de nós, além dos limites da esfera física.
É a anima - a Mulher-Bisão Branco - que traz à consciência as provas da realidade não visível ao mundo físico. Buscamos o reino do espírito no amor romântico, nós o buscamos no sexo, na posse física das coisas, nas drogas, nos seres humanos, mas esse reino não está lá. Ele só é encontrado por meio da alma.
O cachimbo sagrado é o poder que possibilita o contato com o "outro mundo", Este poder consiste no uso consciente do simbolismo, pois é pela experiência simbólica que inalamos os deuses do mundo arquetípico, como a fumaça do cachimbo sagrado.
Pelas doze penas de águia representando o céu e as doze luas, nos é dado o poder de conhecer a totalidade da vida, uma visão que amalgama espírito e matéria, o sagrado e o prosaico. Doze é o número que simbolicamente combina o três e o quatro. Anteriormente já falamos do três e do quatro: o três simboliza a vida ordenada, limitada e finita do mundo físico, a existência prática do dia-a-dia. O quatro simboliza o mundo infinito da alma onde vislumbramos a visão do plano arquetípico sem limites e a totalidade do cosmo. O doze combina estes dois lados da natureza humana numa síntese, combina céu e terra, o "outro mundo" com o mundo comum, a vida espiritual com a física. Este é o simbolismo dos doze apóstolos que rodeiam Cristo num círculo perfeito da mandala cristã, das doze luas do ano solar e dos doze signos do zodíaco, que marcam os ciclos das eras no universo galático.
De um lado do cachimbo sagrado está entalhado um filhote de bisão, lembrando-nos que a terra - e a vida humana terrestre - também está incluída nesta síntese com o sagrado, quando nos aproximamos da Senhora com sabedoria.
Talvez a lição mais importante que aprendemos com o batedor sábio é que a condição de sagrado consiste não apenas no que existe no mundo interior, mas também na atitude que adotamos em relação a ele. Algo é feito sagrado não apenas porque o é em si mesmo, mas também pela nossa atitude com relação a ele. Ao reconhecê-Io e tratá-Io como tal, incorporamos seu poder. O grande poder da Mulher-Bisão Branco é manifestado para todos, somente porque o batedor sábio reconhece que ela é sagrada e lhe confere o devido respeito.
Para que, a anima nos confira seus dons, ela depende de alguém, do ego de um indivíduo que abra os olhos para reconhecer os elementos sagrados que ela carrega. Se o batedor sábio tivesse seguido o caminho do parvo, haveria dois esqueletos ao invés de um só. O "outro mundo" não teria sido desvelado à nação, nenhuma grande tenda teria sido erguida no meio do povo, não haveria o cachimbo sagrado para conclamar a Nação do Trovão e obter sua ajuda.
Psicologicamente, a característica do sagrado consiste num duplo fluxo de energia: parte é o desvelamento do mundo interior para o ego, parte é a

reverência do ego em relação ao mundo interior dos arquétipos. Quando nosso ego é capaz de reverenciar e quando respeito e admiração fluem de dentro de nós, somente neste instante é que alguma coisa pode ser "sagrada" para nós. Aqui encontramos um fato estranho e maravilhoso, que mostra porque as pessoas sempre acreditaram que a evolução do cosmo é feita de parceria entre Deus e a humanidade: o sagrado sempre está presente, mais próximo de nós do que qualquer pessoa poderia estar, mas ele só tem o poder de dar significado e ,valor à nossa vida, quando abrimos os olhos e nos inclinamos com respeito e reverência. Eis um dos grandes mistérios: é a nossa consciência, o nosso ato de reconhecimento, que tem o poder de fazer com que as coisas sejam o que são e de tornar sagrado o que é sagrado.

A maioria das pessoas comporta-se mais como o batedor parvo, pois nossa civilização irreverente nos ensina desde a infância que nada é sagrado, nada merece ser reverenciado, que tudo pode ser reduzido à posse física ou a um ato sexual. O batedor sábio sabe que está diante de algo muito além de sua experiência, algo que ele não pode lidar usando as costumeiras artimanhas do ego. Ele sente o sagrado naquela mulher, age com reverência e adverte o batedor parvo: "É uma mulher sagrada; livre-se de todos os maus pensamentos."

O que o sábio quer dizer quando afirma: "Livre-se de todos os maus pensamentos?" O que faz com que sejam "maus"? Não é por serem pensamentos ligados a sexo. Os índios norte-americanos - diferentemente de nós - não tinham a tradição do puritanismo, não denegriam o que se relacionava ao físico e ao sexo. O problema é bem mais sutil. O batedor parvo está tentando encontrar no lado sexual da vida algo que não pode estar lá; está tentando transformar a Mulher-Espírito em algo físico, tentando apreendê-Ia por meio de um contato físico. Em termos psicológicos, ele está tentando torná-Ia física, projetando-a numa mulher exterior. Os resultados são desastrosos: ao invés da benevolente Deusa-Bisão, ele se defronta com Kali, a Deusa da Morte, que o reduz a um monte de ossos descarnados no chão.

Se existe algo que possa ser considerado uma blasfêmia psicológica, é a tentativa de converter o sagrado em alguma outra coisa; é tentar transformar o sagrado em "brasa" para a "sardinha" do ego. Sexo, aspectos físicos, "imoralidade", não é isso que constitui um pecado "psicológico", mas sim dizer que uma coisa é o que realmente não é, tratando-a como se fosse diferente do que é, fazendo de conta que se faz uma coisa, quando se está fazendo outra. Este é o pecado contra a consciência, a recusa de encarar a vida conscientemente. Os pensamentos do batedor parvo são "maus" por que ele foi posto frente a frente com o que é espiritual, sagrado, e transpessoal, e quer tratá-Io como se fosse algo físico, sexual e pessoal. Ele quer reduzir a Mulher-Bisão Branco a um acessório para o

mundo do seu ego.
Ela nos dá uma instrução: "Volte para casa e avise seu povo que estou chegando, e por isso devem construir uma grande tenda para mim no meio da nação." Construir para ela uma tenda no meio da nação significa abrir um espaço para a anima e um lugar para o sagrado, bem no centro da nossa vida. Significa dedicar tempo e energia para vivenciar a psique, explorar nossa consciência, descobrir quem somos nós e o que somos quando não somos só este ego. Para um ocidental, a primeira coisa necessária é reconhecer que o mundo sagrado existe. Ele precisa estar disposto a considerar que, por trás da sua fantasia sobre a mulher "perfeita", sobre o modo de vida "perfeito", sobre o relacionamento "perfeito", ele está em busca de algo fora deste mundo dos fenômenos, ele está em busca do sagrado. Ele precisa gastar tempo e energia aprendendo a vivenciar essas energias que se manifestam por símbolos e fantasias - como realidades interiores e como partes interiores dele mesmo. É exatamente isso que significa aceitar a Mulher-Bisão Branco tal como ela é, como Mulher-Espírito, e preparar para ela um lugar no centro da nação.
Ela vem caminhando com hálito visível, com pegadas visíveis, caminhando de uma forma sagrada. Ela virá a nós, se prepararmos para ela uma morada sacra, se abrirmos nossos olhos e a virmos tal qual ela é. Mas sua verdadeira morada é feita da matéria de nossas atitudes para com ela, do nosso sentimento de reverência. O local que preparamos é dentro de nós; se ela realmente vai morar conosco, precisa ser lá.

18 - O Sonho Com o Sino da Santa Virgem

Alguns sonhos não pertencem apenas a um homem ou a uma mulher isoladamente mas, pelas suas implicações universais, são manifestações míticas do inconsciente coletivo: são sonhos que pertencem a todas as pessoas. Vejamos agora um sonho que vem do inconsciente coletivo ocidental, o sonho de um homem deste século, com trinta e poucos anos de idade. Ele nos conta como um ocidental moderno pode resolver seus terríveis confrontos com a anima e o amor romântico:
Eu estou carregando o sino que pertenceu à Virgem Maria, para a grande basílica construída há muitos séculos para abrigá-Ia quando fosse encontrado. Como o formato do sino fosse conhecido, um nicho havia sido preparado sobre o altar, do

tamanho exato para que lá se encaixasse, e um sacerdote ali permaneceu durante todos estes séculos com a missão de receber o sino no dia em que fosse devolvido. Entro na basílica, percorro a longa nave central e apresento o sino ao sacerdote. Juntos, nós o erguemos e o penduramos num gancho existente no nicho. O sino se encaixa perfeitamente.

O sacerdote fora instruído para ir à extremidade oeste da basílica, quando o sino da Virgem fosse devolvido, para fazer repicar os grandes sinos das torres, anunciando ao mundo que ele fora encontrado e devolvido à Cristandade. Aqueles grandes sinos nunca haviam soado desde que foram feitos, esperando pelo dia em que o sino da Virgem Maria fosse devolvido. Sento-me num banco ao lado do altar, enquanto o padre se dirige apressado para o outro lado da basílica para repicar os grandes sinos.

O que devo fazer? Devo ficar e cobrar a aclamação e a fama que me caberiam por ser o descobridor do sino da Virgem Maria? Ou devo afastar-me sem fazer alarde e evitar todo o envolvimento? O sacerdote, em toda sua excitação, nem olhou para mim, de maneira que eu ainda poderia manter-me no anonimato. Eu me decido por esta última opção.

Justamente quando os grandes sinos começam a repicar e a população da cidade começa a acorrer à basílica, saio por uma porta lateral e inicio minha jornada solitária para fora da cidade.

Aqui, numa bela e poderosa linguagem simbólica, está uma resposta às perguntas que estamos formulando, uma resposta que vem das mais profundas regiões do inconsciente e dirige-se ao nosso problema moderno. Estamos perguntando o que o homem ocidental moderno deve fazer com sua alma, como desenredá-Ia do emaranhado do amor romântico. Como viver com Isolda a Bela sem destruir seu relacionamento com Isolda das Mãos Brancas? Como dar à anima o devido lugar em sua vida, separando-a, porém, dos seus relacionamentos humanos? Como aprender a respeitar a alma sem desrespeitar a mulher?

Não nos deve surpreender o fato de encontrarmos uma parte da resposta numa basílica, em meio aos grandes símbolos da vida religiosa. Estivemos na presença da poção do amor, vimos um castelo branco onde um menestrel canta em cada uma das mil janelas, e uma tenda sagrada instalada no centro de uma nação - e agora a basílica. Na estrada que percorremos, diante dos poderosos símbolos de transformação, começamos a ver claramente o que a princípio era impensável: o caminho que leva à compreensão do amor romântico também nos conduz inexoravelmente à natureza religiosa, ao aspecto espiritual do nosso ser, que tanto nos esforçamos para deixar de lado.

Aprendemos que o amor romântico mobiliza um enorme sistema de forças no

inconsciente, uma energia tão grande que apenas conseguimos falar dela na linguagem da religião e do misticismo: nós "adoramos", nós "veneramos" o ser amado; quando estamos apaixonados, ficamos em "estado de graça", estamos "no sétimo céu", "morremos", seja de alegria, seja de tristeza. Com isso, fica clara a busca da divindade, do fogo celestial, da iluminação espiritual, do significado, da consciência do self. Na civilização ocidental diferentemente de outras civilizações - esta enorme força está direcionada, não para a religião ou a vida mística, mas para os amores humanos; o amor romântico se tornou o canal através do qual esta impressionante força flui para a vida humana quotidiana. Estamos agora nos perguntando o que fazer com esta força terrível. Como canalizá-Ia corretamente, de maneira que enriqueça nossa vida - tanto no mundo do espírito como no do relacionamento - ao invés de sabotá-Ia.

Este sonho nos dá a resposta numa linguagem clara e vibrante: "Devemos recolocar a nossa parte divina na catedral, onde é o seu lugar, e viver a nossa parte humana, tal como deve ser vivida, ou seja, de forma comum e simples." Precisamos tirar nossa alma do amor romântico e devolvê-Ia ao lugar interior - à catedral interior.

O viajante fatigado que penosamente caminha até a porta dessa grande basílica está coberto de poeira de uma longa jornada, esgotado pelo fardo que carregou durante séculos. Este sino é grande e pesado demais para ser carregado por um único homem mortal. É pesado demais para ser carregado na vida pessoal do ego, é um fardo terrível, por demais exagerado para ser colocado em um casamento ou em um relacionamento com um ser mortal. Quantos já não se quebraram sob o seu peso? Existe apenas uma estrutura suficientemente grande e suficientemente forte para sustentar este sino: a basílica.

Desde o século XII, quando o primeiro Tristão retirou o sino do templo, bebeu da poção do amor e tentou prender seu poder na intimidade dos casos de amor, o homem ocidental tem lutado para carregar o sino. Tentou carregá-Io na sua vida pessoal, no seu casamento e nos seus impérios terrenos. Agora, quase mil anos depois, ele se esqueceu de que o sino era de origem divina. Por ter sacrificado o sagrado ao profano e a psique ao ego, durante tanto tempo, ele já não consegue lembrar-se a quem pertence o sino. Suas costas estão alquebradas e ele está morto de cansaço pelo peso; seus relacionamentos humanos mortais estão despedaçados pelo fardo esmagador que ele mesmo lhes impôs, mas ele não conhece outro caminho. Ele não se lembra da basílica, não sabe onde ela se encontra.

Este sino é a nossa experiência com a anima, é a sua voz. Ele nos lembra as palavras da Mulher-Bisão Branco: "envio minha voz enquanto caminho." Como o sino, a anima emite uma voz para ser ouvida por nós; ela canta e seu canto nos

chama para a vida interior. Seu poder existe para nos fazer chegar mais perto do conteúdo do nosso inconsciente, para manifestar os arquétipos, como imagens vivas, sussurrantes, que sentimos como forças vivendo dentro de nós.
O sino representa o conhecimento lírico da psique do homem, no mesmo sentido com que o povo hispânico fala do el modo lírico: conhecimento que vem da experiência direta e não da atividade intelectual. Os sinos e a música da Cristandade foram as únicas vozes através das quais o Ocidente falou do espírito sem se perder em conceitos, abstrações e palavras; os sinos emitem um som que é puro sentimento, que ultrapassa a mente e provoca uma reverberação involuntária na alma.
A anima, como o sino, tem o poder de desvelar o lado dionisíaco da experiência espiritual, onde a verdade é sentida com os sentidos, sentida nas imagens que fluem do inconsciente, sentida como um encontro vivo com "pessoas" interiores. Realmente, os sinos estão entre os poucos remanescentes de Dionísio na nossa religião ocidental; eles nos chamam à música, ao hino, à dança, ao sentimento - à unidade dentro do drama cósmico do sacrifício e do renascimento. Os sinos reIembram que o Rei David dançou perante Deus.
O sonho nos conta que este sino não pertence ao nosso ego, ele pertence, como o cachimbo sagrado, a uma "nação" interior, a uma "Cristandade" interior. Sabia-se que aquilo que pertencia a todos, aquilo que a Igreja tinha o dever de guardar, algum dia retomaria à basílica. Simbolicamente, isto significa que aquilo que pertencia ao foro da vida espiritual além do ego e que deveria ter sido guardado reverentemente no mundo interior, foi perdido. É a nossa alma, a nossa psique. Depois de ter sido perdida no inconsciente, ela foi vagando pelo mundo do ego; através da poção do amor, foi projetada nos relacionamentos pessoais. Tentamos transformar o transpessoal no pessoal, tentamos transformar num feudo do ego o que pertencia ao inconsciente. Mas este poder está destinado a ser abandonado pelo ego para ser devolvido à "catedral" interior.
É difícil para nós imaginar o que significa devolver uma parte de nossas vidas à "catedral". Isto não significa necessariamente o envolvimento com uma religião externa e coletiva, significa, isso sim, diferenciar entre o que pertence à nossa vida exterior e o que pertence ao self interior. Significa tomar algo que estamos tentando viver através dos relacionamentos externos e, ao invés disso, vivê-Io num lugar interior, calmo e privado - um lugar que existe apenas ao nível do espírito.
Bem lá dentro de cada um de nós existe um lugar desses, um aposento de cristal, "repleto de rosas e de manhãs", uma grande basílica onde os sinos das verdadeiras vozes aguardam para anunciar o retorno da Alma de sua longa jornada. Para o homem, devolver a anima à catedral significa sacrificar alguma

coisa ao nível da vida do ego, sacrificar sua reivindicação de viver a alma projetando-a numa mulher. Significa retirar este fardo de uma pessoa e colocá-Io dentro do poderoso edifício interior que foi construído para suportar-lhe o peso.
Às vezes, quando precisamos enfrentar uma "morte do ego" - sacrificar um estágio de velhas atitudes arraigadas - certos sonhos nos vêm para compensar temores e sombrias expectativas. Os sonhos nos dão um senso de proporção e nos emprestam coragem, mostrando-nos a beleza e a glória das coisas que fazemos, que não conseguimos ver por nós mesmos, e o esplendor da vida que nos espera do outro lado do nosso sacrifício.
Devolver a anima à basílica é um ato de sacrifício. Os homens têm a opção de tentar viver a anima através de outras pessoas. Renunciar a esta tentativa exige um ato consciente de sacrifício; é preciso sacrificar todo um estágio de existência para poder passar para outro. Do ponto de vista do ego, isto parece a morte. Renunciar a viver a anima por projeção significa abrir mão de grande parte do fascínio artificial dos relacionamentos; significa que as coisas irão parecer mais calmas e menos excitantes.
Colocar sua alma na catedral e parar de tentar vivê-Ia através de um ser humano, significa que o homem precisa tirar do relacionamento toda uma dimensão da vida e recolocá Ia num outro lugar, num outro nível um nível que ele não pode viver exteriormente, que ele deve viver por si mesmo. Para seu ego é como se seus relacionamentos humanos estivessem empobrecendo ou como se ele estivesse sendo traído. A princípio, ele sente que metade da emoção, da excitação, do divertimento e do encanto foi retirada do relacionamento humano. Com o tempo, ele aprende que sua vida anímica não era mesmo de lá e que seu relacionamento humano está verdadeiramente se desenvolvendo muito melhor; mas durante algum tempo, tudo parece sombrio.
É assim que se sente esse homem que carrega o sino, aquele que teve o sonho. Se ele devolve o sino, sente-se como se estivesse abrindo mão de alguma coisa da sua vida pessoal, do ego. Essa também foi a sensação do batedor parvo quando o advertiram para que não tocasse a Mulher-Espírito: ele sentiu-se renunciando a algo que queria, algo que o excitava e o emocionava, ao nível do ego.
O simbolismo da grande basílica, dos grandes sinos que esperaram toda uma vida para repicar pelo retorno do sino sagrado, fala-nos da glória e da beleza que nos aguardam do outro lado do sacrifício. Por estas imagens o sonho nos ensina que o ego realmente nada perde ao colocarmos a alma no seu legítimo lugar, pois a catedral está dentro de nós, é uma parte de nós mesmos. O que parece ter sido perdido não foi realmente perdido, mas transformado em algo que pertence a um nível mais elevado - algo com a imensidão majestosa da basílica, e a beleza

sublime das vozes dos grandes sinos.
Na verdade, o império do ego realmente nunca nos separou dos mistérios ou do chamado da basílica. Como já aprendemos, a alma encontra o caminho para chegar à nossa vida, através da enorme fenda que se abriu na armadura do ego: o amor romântico. Eis porque o amor romântico, essa curiosa mistura do divino e do letal, veio a ser a maior força isolada na nossa cultura: tornou-se, à revelia, o cálice no qual nos esforçamos para encerrar tudo o que foi excluído do império do ego, tudo o que está no inconsciente - tudo que é transcendental, que é insondável, impressionante, tudo, enfim, que nos inspira reverência.
O homem do sonho veio a compreender isso. O batedor sábio compreende tudo isso quando está na presença da Mulher-Bisão Branco, pois vê que está diante de algo do outro mundo, e sabe que não deve tentar mantê-Io para o seu ego, mas sim devolvê-Io ao lugar que lhe foi reservado, o único lugar suficientemente forte para contê-Io.
Se Tristão tivesse tido este sonho, se ele tivesse compreendido este sonho, será que teria agido de maneira diferente em relação à poção do amor e em relação à Isolda a Bela? Como o homem do sonho, ele poderia ter saído silenciosamente, anonimamente, pela porta lateral. Ele teria deixado sua parte divina no templo, colocado a sua parte humana em dimensões humanas, e não teria misturado as duas coisas. Toda a dificuldade deste sonho está em aprender a diferenciar as duas coisas: a parte divina e a parte pessoal, humana, comum.
Bem, vimos tudo isso como símbolo. Mas, na prática, como proceder? Como devolver o sino ao templo? Como preparar um novo lar para essa parte divina e irresistível que temos em nós mesmos e que jamais pedimos, mas que sempre encontramos enfiada debaixo do braço ou jogada sobre nossas costas, tal como o sino?
Jung costumava fazer um paciente voltar à religião dos seus ancestrais o mais rápido possível, se a pessoa o podia fazer. Ele enviava um católico de volta às confissões e às missas, um judeu de volta à sinagoga, um seguidor de Zoroastro de volta às suas raízes nativas. Se este caminho está aberto para o homem ou para a mulher, é o caminho mais simples e mais direto para devolvermos nossa parte divina à basílica. Mas, para muitas pessoas, isso não é possível; o ritual e os símbolos da religião culturalmente transmitida já não têm mais vida para elas. Para estas pessoas - e elas existem em quantidades cada vez maiores - existem outros caminhos. É preciso compreender que a suprema basílica, a suprema catedral, sinagoga ou templo, é interior. O que se faz necessário não é tanto uma religião exterior, coletiva, mas uma experiência interior do reino divino, numinoso, que se manifesta através da psique. Para estas pessoas a vida religiosa, a basílica, é encontrada nas horas diárias de meditação solitária, no

ritual simbólico, na imaginação ativa, na interação com imagens que fluem pela fantasia, numa confrontação ética com as "pessoas" interiores que se manifestam em nossos sonhos.
Esta é a vida simbólica - aceita voluntariamente, conscientemente, com uma atitude de reverência, com a mesma devoção e intensidade que os místicos cristãos medievais colocavam na oração contemplativa, ou que o hindu coloca na visão de Shiva, ou os Zenbudistas colocam no Zazen. Por meio de uma vida assim, encontramos o caminho de volta ao solo primordial do qual brotaram todas as religiões: os sonhos individuais, as visões e os ricos encontros pessoais com os seres do mundo interior. Antes mesmo do dogma e da doutrina estarem estabelecidos, já existia Jacó lutando com um anjo, Paulo arremessado ao solo na estrada para Damasco, pela visão que teve de Cristo, Gautama sentado embaixo da Árvore Bodhi, envolvido pela unidade do universo.
Existe um templo interior, mas ele nos parece mais difícil e mais solitário: nós nos sentimos como o homem do sonho que, tendo devolvido o precioso fardo ao lugar sagrado, sai, por uma porta lateral, para uma estrada empoeirada e caminha para o anonimato, no que diz respeito à sua vida pessoal.
Este talvez seja o evento mais comovente e mais poderoso no sonho: a decisão deste Tristão moderno, não apenas de devolver o sino ao lugar sagrado, mas de renunciar ao poder, ao aplauso, à empolgação, à exaltação do ego que ele poderia ter tido, mantendo a posse do sino. Sair pela porta lateral é um sacrifício correto e verdadeiro, uma transformação genuína. Inesperadamente, esse ato nos mostra que uma das qualidades que vem desde as raízes do amor romântico é a humildade: a humildade de um ego que está disposto a renunciar a um engrandecimento do seu mundo, dos seus relacionamentos pessoais, engrandecimento que terminaria por levar àquela poderosa situação de drama. É necessária uma profunda humildade para que se devolva esta parte divina de nós mesmos à catedral.
É provável que Tristão não pudesse agir de forma diferente. O ocidental precisou beber da poção do amor, ele precisou encontrar seu caminho para a anima e para os deuses da única maneira que conhece. Mas há séculos antes de nós, ele passou seu período de tempo na Floresta de Morois; vagou e carregou um pesado fardo ao longo de incontáveis estradas poeirentas. Ele se apaixonou e se desapaixonou; ele traiu e foi traído; ele se casou com Isolda das Mão Brancas e, ainda assim, parte sem rumo em completa solidão - sempre carregando o sino, sempre procurando Isolda a Bela nos seus amores, buscando a sua imagem em cada rosto que vê. Ele tem o direito, agora, de aprender do passado, de aprender de sua experiência, de aprender dos seus sonhos.
Se Tristão aprender hoje com seu sonho, ele fará de Isolda a Bela a rainha do seu

mundo interior, a grande personagem da alma que irá conduzi-Io interiormente à presença dos deuses. Ele a conduzirá ao templo interior e a instalará num trono de ouro, que a acomoda perfeitamente, pois que a aguardou durante muitos séculos. Tristão desistirá de procurá-Ia numa mulher mortal ou em circunstâncias externas, e depois de sair pela porta lateral da basílica, sem alarde, tomará o caminho de volta ao castelo de Carhaix. Lá irá procurar o aposento onde sua esposa o aguarda: Isolda das Mãos Brancas. E, ao tomar-lhe a mão, descobrirá um mistério: a Isolda que ele deixou no trono da grande basílica lhe foi devolvida, na forma exata e no nível exato; esta mulher simples e mortal, a Princesa da Bretanha, também é divina, e este aposento é um lugar sagrado.

19 - Do Amor Humano

As pessoas ficam tão exauridas com os ciclos e os becos sem saída do romance, que começam a se perguntar se realmente existe essa coisa chamada "amor". Existe, mas alguma vezes precisamos promover profundas mudanças de atitudes antes de podermos descobrir o que é o amor e assim abrir um espaço para ele em nossa vida.
O amor entre seres humanos é uma das realidades absolutas da natureza humana. Assim como a Alma - Psiquê - era uma das deidades do Panteão grego, o Amor também era um deus e seu nome era Eros. Por ser um arquétipo do inconsciente coletivo, os gregos o viam como sendo eterno e universal. Para os gregos, esse era um motivo suficientemente forte para classificá-Io como um deus.
Por ser o amor um arquétipo, ele apresenta sua própria individualidade, suas peculiaridades, sua "personalidade". Como um deus, o amor comporta-se como uma "pessoa" no inconsciente, um ser independente na psique. Amor é distinto do meu ego; ele já estava no mundo antes de meu ego chegar, e quando este se for, o amor continuará a existir aqui. Ainda assim, o amor é alguma coisa ou "alguém" que habita dentro de cada um. É uma força que atua do interior para o exterior, que permite ao ego enxergar além de si mesmo, e com isso ver os outro seres humanos como algo que deve ser valorizado, estimado e não usado.
Quando eu digo que "amo", não sou eu quem ama; na realidade, é o Amor que age através de mim. O amor não é algo que eu faço, mas algo que eu sou, ele não é um fazer, é um estado de ser - uma ligação, uma construção de elos, com outros mortais. Uma identificação que simplesmente flui de dentro para fora,

independentemente de minhas intenções ou de meu esforço.
Esse estado de ser pode expressar-se na ação ou na forma de tratar as pessoas, mas jamais poderá ser reduzido a um conjunto de "fazeres". É o sentir interior. O amor realiza melhor sua alquimia - mais do que podemos imaginar - quando seguimos o conselho de Cordélia, no Rei Lear, de Shakespeare: "Ama e permanece em silêncio."
O amor existe independentemente de nossas opiniões sobre como ele deveria ser. Apesar das mentiras e do egoísmo que tentamos justificar em nome do "amor", ainda assim ele mantém imutáveis suas características. Sua existência e sua natureza não dependem da nossa ilusão, de nossas opiniões ou de nossas fraudes. O amor não é o que a sociedade nos leva a esperar, não é aquilo que o nosso ego deseja, não é o palavreado piegas nem os êxtases exagerados que nos acostumamos a esperar dele. Acontece que o amor é, ele é aquilo que "eu sou", e não o que o ego gostaria que ele fosse.
É necessário que saibamos tudo isso a respeito do amor, caso contrário jamais agüentaríamos encarar honestamente nossos auto-enganos. Às vezes as pessoas dizem: "Não me tirem as ilusões; sem ilusões, o que é que resta na vida?" Parece que consideramos o amor como um "artefato feito pelo homem", como se fora uma criação de nossa mente. Apesar de o amor romântico não se ter transformado naquilo que pensávamos dele, ainda assim existe inerentemente dentro de nós um amor humano, que estará conosco mesmo depois que as projeções, as ilusões e os artifícios tiverem desaparecido.
O amor humano está tão distorcido pelos excessos e pelas perturbações do romance, que quase nunca procuramos o amor pelo amor, e mal sabemos o que procurar quando o buscamos. À medida que passamos a entender suas características e sua forma de agir, começamos por divisá-Io dentro de nós - manifestado nos sentimentos, na vibração espontânea de calor humano com relação às pessoas, nos pequenos gestos de afeição que nos .passam despercebidos, e que tecem o fio secreto de nossa vida de todos os dias.
O amor é o poder que dentro de nós aceita e valoriza o outro ser humano tal como ele é, que aceita a pessoa que ali está, verdadeiramente, e não a transforma no ser idealizado pela nossa projeção. O amor é o deus interior que abre nossos olhos cegos para a beleza, o valor e as qualidades da outra pessoa. O amor nos faz respeitar a pessoa como um todo, um self individual, o que significa que tanto aceitamos o lado negativo quanto o positivo, tanto as imperfeições quanto as qualidades admiráveis. Quando alguém realmente ama um ser humano - e não uma projeção - ele ama a sombra assim como ama todo o resto. Ele aceita a totalidade do outro.
O amor humano permite ao homem ver o valor intrínseco na mulher, e por isso

mesmo o amor o leva a honrá-Ia e a servi-Ia, ao invés de usá-Ia para os interesses de seu ego. Quando tem o amor por guia, ele se preocupa com as necessidades dela e com seu bem-estar, não se fixando em seus próprios desejos e caprichos.

O amor altera nosso senso de importância. Pelo amor vemos que nós e os outros temos o mesmo valor como indivíduos perante o cosmo; torna-se tão importante para nós que um ser se complete, que viva plenamente, que encontre a alegria na vida, quanto nos é importante suprir nossas próprias necessidades.

No mundo do inconsciente, o amor é uma das grandes forças psicológicas que têm o poder de transformar o ego, de despertá-Io para a existência de algo fora dele mesmo, fora de seus planos, de seu império, fora de sua habitual segurança. O amor liga o ego não somente ao resto da raça humana, como também à alma e a todos os deuses do mundo interior.

O amor é, por sua própria natureza, o oposto do egocentrismo. Usamos a palavra amor de maneira muito vaga, nós a usamos para dar dignidade às formas de conseguir poder, atenção, segurança e aceitação por parte de outras pessoas. Quando, porém, nos preocupamos com as "necessidades" criadas por nós, com os nossos desejos, sonhos, com o poder que exercemos sobre as pessoas, isto não é amor. O amor é algo totalmente distinto dos desejos do ego e de seus jogos de poder. Ele leva a outra direção, ou seja, em direção à bondade, ao respeito, às necessidades das pessoas que nos cercam.

Em sua própria essência, o amor é uma apreciação, um reconhecimento do valor do outro. Ele leva o homem a honrar a mulher, ao invés de usá-Ia, faz com que ele se pergunte sobre a melhor forma de servi-Ia. E se a mulher estiver ligada a ele pelos laços do amor, terá essa mesma atitude com relação a ele.

A natureza arque típica do amor talvez jamais tenha sido melhor descrita que nas palavras simples de São Paulo:

O amor é paciente, é bom; o amor não inveja; o amor não se vangloria e não se envaidece... O amor não procura seus próprios interesses, não se irrita, não folga com a injustiça... Suporta todas as coisas, crê em todas as coisas, espera por todas as coisas, resiste a todas as coisas.

As profecias falharão, as línguas se calarão, a ciência desaparecerá. Mas o amor jamais há de falhar.

Temos aqui uma curta e eloqüente demonstração da diferença entre um ego agindo por si mesmo e um ego agindo sob a influência do amor. O ego se preocupa apenas consigo mesmo, mas o "amor é paciente e é bom". O ego é invejoso, procurando sempre inflar-se com as ilusões de poder e controle absolutos, mas "o amor não se vangloria e não se envaidece". O ego, abandonando-se ao seu egocentrismo, irá sempre trair, mas "o amor jamais há de

falhar". O ego sabe somente defender-se a si mesmo e aos seus desejos, mas "o amor não procura seus próprios interesses". O amor defende tudo da vida: "suporta todas as coisas, crê em todas as coisas, resiste a todas as coisas."
Por isso criticamos o amor romântico, e esta é a principal distinção entre o amor humano e o amor romântico: o romance, pela sua própria natureza, está fadado a degenerar para o egoísmo, pois ele não é um amor dirigido a outro ser humano. A paixão do romance é sempre dirigida às nossas projeções, às nossas expectativas, às nossas fantasias. Na verdade, não é amor que se sente por uma pessoa, mas o que sentimos por nós mesmos.
Deve ficar claro agora, que à medida que um relacionamento se baseia em projeções, o componente do amor humano está ausente. Estar apaixonado por alguém que não se conhece como indivíduo e sentir-se atraído porque esse alguém reflete a imagem do deus ou da deusa que está na alma, significa, num certo sentido, estar apaixonado por si mesmo, não pelo outro. Apesar da aparente beleza das fantasias de amor que poderemos ter nesse estado de estarmos apaixonados, poderemos, de fato, estar num estado mental totalmente egoísta.
Somente existe o verdadeiro amor quando uma pessoa passa a reconhecer o outro por aquilo que ele realmente é como ser humano, e começa por gostar dele e ,a se importar com ele como tal.

... Ser capaz de um verdadeiro amor significa amadurecer, ter atitudes realísticas para com o outro. Significa aceitar a responsabilidade pela nossa própria felicidade ou infelicidade; e não esperar que o outro nos faça feliz, nem culpá-Io por nosso mau humor ou por nossas frustrações. (Sanford, Invisible Partners, p. 19-20.)

Quando nos centramos em nossas projeções, estamos centrados em nós mesmos, e a paixão e o amor que sentimos por essas projeções é um amor reflexivo, circular, que inevitavelmente se volta para nós mesmos.
Mas aqui, de novo, mergulhamos de cabeça no paradoxo do amor romântico. O paradoxo é que devemos amar nossas projeções e que também devemos amar a nós mesmos. No romance, o amor do self torna-se distorcido, torna-se egocêntrico e sua natureza primária é perdida. Mas se aprendermos a procurá-Io na sua própria dimensão, o amor do self é um amor real e válido: é a segunda grande corrente de energia que flui para o amor romântico, é o par arquetípico do amor humano, a outra face de Eros.
Precisamos respeitar as partes projetadas, inconscientes, de nós mesmos. Quando amamos nossas projeções, quando honramos nossos ideais românticos e nossas

fantasias, damos existência a dimensões extremamente preciosas do nosso self total. A grande charada está em amar o próprio self sem cair no egoísmo.
À medida que aprendemos a conhecer a geografia da psique humana, com suas ilhas de consciência, sua estrutura de muitas camadas e muitos centros, vemos que o amor do self total não pode ser uma centralização do universo em nosso ego. O amor do self é a busca empreendida pelo ego para encontrar as "pessoas" do mundo interior, que se ocultam dentro de nós; é a falta que o ego sente das vastas dimensões do inconsciente, sua disposição em abrir-se para as outras partes do nosso ser total e para seus pontos de vista, seus valores e suas necessidades.
Compreendido dessa forma, o amor que emana de nosso self é também o amor "divino": a nossa busca do supremo significado, de nossa alma, da revelação de Deus. Esse entendimento nos leva de volta às palavras de Clemente de Alexandria:
Portanto, parece que o maior dos ensinamentos é o conhecer-se a si mesmo; pois quando o homem conhece a si mesmo, ele conhece a Deus.
O erro do amor romântico não está no fato de amarmos a nós mesmos, mas no fato de nos amarmos de forma errada. Tentando reverenciar o inconsciente por meio das projeções românticas que colocamos nas pessoas, deixamos de perceber a realidade que existe nessas projeções: não percebemos que estamos buscando nosso self.
A tarefa de resgatar o amor dos pântanos do romance começa com uma mudança de visão em relação ao mundo interior; temos de despertar para esse mundo, temos de aprender como viver o "amor do self" como uma experiência interna. Chega, depois, o tempo de voltar a dirigir nossa atenção para fora, para as pessoas e para os relacionamentos que mantemos com elas. Nós precisamos aprender os princípios do amor "humano".
Há muitos anos, ,uma sábia amiga deu-me um nome para o amor humano. Ela o chamou de amor de "mexer mingau de aveia". Ela estava certa: dentro desta frase, desde que nos tornemos suficientemente humildes para perceber, está a verdadeira essência do que é o amor humano, e ela nos mostra as principais diferenças entre amor humano e romance.
"Mexer mingau de aveia" é um ato humilde, não é excitante, nem causa sensação, mas simboliza a afeição que traz o amor para a dimensão do terra-a-terra. Representa a vontade premente de compartilhar da vida humana comum, encontrar significado nas tarefas simples e não-românticas: ganhar a vida, viver dentro de um orçamento, levar a lata do lixo para fora, preparar a mamadeira do bebê no meio da noite. "Mexer mingau" significa encontrar a afeição, o valor, até mesmo a beleza, nas pequenas coisas corriqueiras, não ficar exigindo

eternamente um drama cósmico, grandes diversões ou uma vibração extraordinária em todas as coisas. Como o descascar do arroz dos monges Zen, a roca de fiar de Ghandi e a feitura de tendas de São Paulo, representa a descoberta do sagrado em meio às coisas humildes e comuns.

Disse Jung certa vez que sentimento é uma questão de âmbito pequeno, e no amor humano podemos ver que isso é verdadeiro. A ligação real entre duas pessoas é vivida nas pequenas coisas que fazem juntas: a conversa calma que mantêm quando termina a faina diária, a palavra meiga de compreensão, o companheirismo de todo o dia, aquele encorajamento nos momentos difíceis, um pequeno presente nos momentos em que menos se espera, os gestos espontâneos de amor.

Quando um casal está verdadeiramente ligado pelos laços da afeição, os dois estão dispostos a abraçar o espectro total da vida humana. Conseguem transformar até mesmo coisas maçantes, coisas difíceis ou prosaicas, em aspectos alegres e gratificantes da vida. Por outro lado, o amor romântico só pode durar enquanto ambos estiverem "altos" enquanto houver dinheiro e os lazeres forem emocionantes. "Mexer mingau de aveia" significa que duas pessoas tiram seu amor do nível etéreo e emocionante da fantasia e o trazem para o nível prático do terra-a-terra.

O amor se alegra em fazer as coisas que aborrecem o ego, está disposto a trabalhar com os variados humores de uma pessoa e com seus momentos de irracionalidade. O amor está pronto para preparar o desjejum e fazer o balanço da conta bancária. O amor está ansioso por fazer esses "mingaus de aveia" da vida, porque há ternura e não projeção.

O amor humano vê a pessoa como indivíduo e constrói com ela um relacionamento individualizado, ao passo que o amor romântico a vê apenas como um ator desempenhando um papel numa peça teatral.

O amor humano faz com que o homem queira ver a mulher como um ser completo e independente, encorajando-a a ser ela mesma. O amor romântico apenas reforça aquilo que ele gostaria que ela fosse, para que se identifique com a anima.

Enquanto o homem se deixa dominar pelo romance, ele só aceita a mulher na medida em que ela se deixa moldar, para que possa refletir o ideal que ele projetou. O romance nunca está satisfeito e feliz com o outro, tal qual é.

Necessariamente, dentro do amor humano está a amizade: a amizade no relacionamento, no casamento, a amizade entre marido e mulher. Quando um homem e uma mulher são verdadeiramente amigos eles conhecem os pontos difíceis e as fraquezas do outro, mas não cedem à tentação de criticá-los. Estão mais interessados na ajuda mútua e no prazer que sentem na companhia um do

outro, do que em descobrir os defeitos.
Amigos, verdadeiros amigos, são como Kaherdin: eles querem mais consolidar a amizade do que ficar censurando um ao outro; não ficam mimando um ao outro, nem tampouco se prendem às imperfeições mútuas. Os amigos apóiam-se em tempos difíceis, ajudam-se nas tarefas pesadas e nas tarefas comuns da vida. Eles não impõem padrões impossíveis um ao outro, não exigem perfeição e preferem ajudar-se mutuamente, a se desgastarem com exigências e imposições.
No amor romântico há ausência de amizade. Romance e amizade são forças totalmente opostas, são inimigos naturais com propósitos totalmente opostos. Às vezes as pessoas dizem: "Não quero ser amigo (ou amiga) de minha esposa (ou marido); isso acabaria de vez com o romance de nossa casamento." E é verdade, a amizade acaba com o teatro e com as emoções artificiais de um relacionamento, mas também acaba com o egocentrismo e com a improdutividade, e substitui o drama por algo humano e real.
Se um homem e uma mulher são amigos, então são tanto "o próximo" um do outro, como também amantes, e seu relacionamento se enquadra numa frase de Cristo: "Ama a teu próximo como a ti mesmo." Uma das contradições mais notórias do amor romântico é que muitos casais tratam seus amigos com muito mais bondade, consideração, generosidade - e até capacidade de perdoar - do que jamais o fizeram um com relação ao outro. Quando as pessoas estão com seus amigos, elas são agradáveis, atenciosas e corteses, mas, quando chegam .em casa, muitas vezes dão vazão à raiva, aos ressentimentos, aos humores e às frustrações. Estranhamente, eles tratam melhor a seus amigos.
Quando um casal está apaixonado, as pessoas comumente dizem que eles são "mais que apenas amigos", mas, com o decorrer do tempo, eles parecem tratar-se como se fossem bem menos que amigos. Muita gente acha que estar "apaixonado" é um relacionamento mais íntimo, mais "significativo" do que uma "mera" amizade. Por que então eles se negam a bondade e a boa vontade que dedicam com tanta facilidade aos amigos? As pessoas não podem exigir que seus amigos carreguem todas as suas projeções, que sejam bodes expiatórios para seus humores, que as mantenham sempre felizes e que tornem a vida plena para eles. Por que os casais exigem tudo isso um do outro? Porque o culto do romance nos ensina que temos o pleno direito de esperar que todas as nossas projeções sejam carregadas pela pessoa por quem estamos apaixonados, e ainda que ela satisfaça todos os nossos desejos, e que faça com que todas as nossas fantasias se realizem. Em um dos ritos hindus do casamento, o noivo e a noiva juram solenemente: "Você será o meu melhor amigo." Os casais ocidentais têm de aprender a ser amigos, a viver juntos no espírito da amizade, a ter como guia a virtude da amizade para sair do emaranhado que fizemos do amor.

Muito aprenderemos sobre o amor humano se olharmos com mente aberta a civilização oriental e suas formas de se conduzir.
No período em que estive na Índia e no Japão, observei casamentos e relacionamentos amorosos que não estavam baseados no romance, mas num amor cálido, devotado e duradouro. Os hindus são instintivamente mestres na arte do amor humano. Acredito que isso se deva ao fato de eles nunca terem aceitado o amor romântico como uma forma de relacionamento. Eles automaticamente fazem a diferenciação que nós ocidentais não conseguimos fazer, por misturarmos tudo. Eles sabem como venerar a anima, os arquétipos, os deuses, as realidades interiores; eles sabem como manter a experiência do lado divino da vida distinta de seus relacionamentos pessoais e de seu casamento.
Os hindus aceitam o mundo interior ao nível simbólico; eles traduzem os arquétipos interiores em imagens e símbolos exteriores por intermédio da arte dos templos e dos rituais alegóricos. Eles não projetam os deuses interiores no cônjuge. Eles tomam os arquétipos personificados como símbolos de um outro mundo e vêem-se uns aos outros como seres humanos. O resultado disso é que não fazem exigências absurdas e não se desapontam.
Um hindu não exige que sua esposa seja sua anima, ou que ela o leve a um outro mundo, ou que ainda personifique toda a força e toda a perfeição de sua própria vida interior. Como a experiência religiosa lírica ainda é parte de sua civilização, os hindus não tentam fazer do casamento nem do relacionamento um substitutivo para a comunhão com a alma. Encontram seus deuses no templo, na meditação ou, algumas vezes, no guru; não tentam fazer com que os relacionamentos exteriores desempenhem o papel dos interiores.
À primeira vista um ocidental fica confuso com a forma de ser do hindu. O amor entre eles não parece estar borbulhando com a intensidade e o calor suficientes para satisfazer o gosto romântico ocidental. Se, entretanto, observarmos pacientemente e deixarmos de lado os preconceitos ocidentais, começaremos a questionar a premissa de que o romance é o único "verdadeiro amor". Existe um amor tranqüilo, constante, nos casamentos hindus; existe afeto profundo e estabilidade, eles não se envolvem nas violentas oscilações entre o "apaixonar-se" e o "desapaixonar-se", entre a adoração e a decepção, a que os casais ocidentais estão acostumados.
No casamento tradicional hindu, o compromisso que o marido assume com relação à esposa não depende de continuar "apaixonado" por ela. Como ele não estivesse mesmo apaixonado, não há como "desapaixonar-se". Seu relacionamento com a esposa é baseado no amor que sente por ela, não no "estar apaixonado" por um ideal que projeta nela. Seu relacionamento não vai desmoronar só porque um dia ele se "desapaixona", ou porque encontra outra

mulher que capte melhor suas projeções. Ele tem um compromisso com uma esposa e uma família, não com uma projeção.
Gostamos de pensar que somos mais sofisticados do que os "simples" hindus mas, em comparação com eles a média dos ocidentais é como um touro com um aro no focinho, sempre indo atrás de sua projeção, passando de uma mulher para outra, sem construir qualquer relacionamento verdadeiro ou qualquer compromisso com uma delas. Na área dos sentimentos humanos - amor, relacionamentos - os hindus desenvolveram uma consciência altamente diferenciada, sutil, refinada. Nesses assuntos, sabem agir melhor do que nós.
Uma das coisas mais impressionantes e surpreendentes que pude observar entre os hindus tradicionais foi a vivacidade, a felicidade e a saúde psicológica de suas crianças, que não são neuróticas; elas não são atormentadas no íntimo, como tantas crianças ocidentais. Estão constantemente envoltas em calor humano e sentem a vibração de paz e afeição entre seus pais. Elas sentem a estabilidade, o caráter permanente de sua família. Seus pais têm um compromisso para sempre; elas não os ouvem se perguntarem se seu casamento vai dar certo"; separação e divórcio não pairam no ar como espectros.
Para nós, ocidentais, não há como voltar atrás no tempo. Não podemos seguir a forma de ser dos hindus, não podemos resolver nosso dilema ocidental pela imitação dos costumes ou condutas de outros povos. Não podemos fazer de conta que nossa psique é oriental, quando ela é ocidental. Temos de lidar tanto com nosso inconsciente ocidental quanto com nossas feridas ocidentais; temos de encontrar o bálsamo cicatrizante dentro de nossa alma ocidental. Bebemos da poção do amor e mergulhamos na era romântica de nossa evolução, e a única saída é o caminho que nos leva para a frente. Não podemos voltar e não devemos parar.
Mas podemos, sim, aprender com os orientais a sair de dentro de nós mesmos, de dentro de nossas presunções e nossas crenças, o tempo necessário para nos vermos em uma nova perspectiva. Podemos aprender, sim, como nos aproximar do amor com novas atitudes, sem o pesado fardo dos dogmas de nossa civilização.
Podemos aprender que o relacionamento humano é inseparável da amizade e do compromisso. Podemos aprender que a essência do amor não é usar o outro para a nossa felicidade, mas sim servir e encorajar. aquele a quem amamos; e, finalmente, poderemos descobrir para nossa surpresa - que o que mais necessitamos não é tanto sermos amados, mas sim amar.

FIM

Robert A. Johnson

WE

A Chave da Psicologia do Amor Romântico

"Senhores, se quiserdes ouvir uma sublime história de amor e de morte, eis aqui a de Tristão e Isolda; de como, para sua completa alegria e também para sua dor, eles se amaram; e como no final, juntos, um dia morreram de amor, ela por ele e ele por ela."

Com estas palavras os trovadores medievais convocavam senhores e damas, cavaleiros e plebeus, para reunirem-se diante do fogo no grande salão de um castelo e juntos reviverem a história que se tornaria um dos mais belos, comoventes e trágicos mitos de todos os tempos.

O mito de Tristão e Isolda é uma visão intensa e panorâmica das enormes forças psicológicas que atuam por trás do amor romântico, e da gama incrível de possibilidades novas que jazem no inconsciente à espera de serem integradas à personalidade atuante.

Aplicando os princípios da psicologia jungiana, vamos penetrar no fundo desta "sublime história de amor e de morte". Vamos decifrar os seus símbolos e aprender a captar a sabedoria que ela nos oferece.



MERCURYO